

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

CAMPINAS

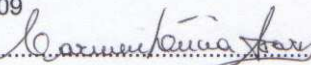
SEUS CORPOS, SUAS ÁGUAS

(PRÁTICAS CORPORAIS AQUÁTICAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX)

Autora: Sandra Aparecida de Siqueira
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carmen Lúcia Soares

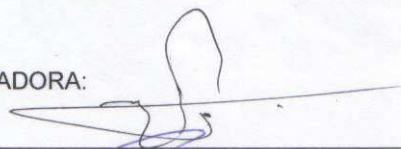
Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Sandra Aparecida de Siqueira e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 29/06/2009

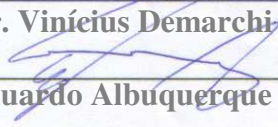
Assinatura:.....

Orientadora

COMISSÃO JULGADORA:



Prof. Dr. Vinícius Demarchi Silva Terra



Prof. Dr. Carlos Eduardo Albuquerque de Miranda

2009

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Si75c Siqueira, Sandra Aparecida de.
Campinas – seus corpos, suas águas (práticas corporais aquáticas no início do século XX) / Sandra Aparecida de Siqueira. -- Campinas, SP: [s.n.], 2009.

Orientador : Carmen Lúcia Soares.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Água. 2. Corpo. 3. Educação. 4. Educação física. 5. Clubes – História. Carmen Lúcia.II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

09-200/BFE

Título em inglês : Campinas – its bodies, its waters (Aquatic bodily practice in the beginning of the XX century)

Keywords: Water; Body; Education; Physical education; Club History

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Prof^a.Dr^a.Carmen Lúcia Soares (Orientadora)
Prof. Dr. Carlos Eduardo Albuquerque de Miranda
Prof. Dr. Vinícius Demarchi Silva Terra
Prof^a. Dr^a. Roseli Aparecida Cação Fontana
Prof^a. Dr^a. Eliana Ayoub
Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Rosa

Data da defesa: 29/06/2009

Programa de pós-graduação : Educação

e-mail : ssiqueira@gmail.com

AGRADECIMENTOS

“Para todo ser humano deveria haver um encontro,
deveria haver alguém que o motivasse a continuar vivendo...
que o carregasse de energia.”
- Carlos de Campos –

Obrigada Carminha, por toda disposição e confiança, por uma orientação transformadora e carregada de energia!

Obrigada aos meus pais pelo respeito as minhas escolhas.

Ao meu marido Haroldo pelo apoio durante todo este trabalho e por trazer cor e humor a minha vida!

Aos meus amigos pela presença e carinho neste período, em especial a Juliana Torres que o trilhou tão de perto comigo.

À banca examidora, Prof. Dr. Carlos Miranda, Profa. Dra. Roseli Aparecida Cação Fontana, Prof. Dr. Vinicius Terra, Prof^a. Dr^a. Eliana Ayoub e Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Rosa.

Ao grupo de pesquisa em História da Educação Física, pelo acolhimento, apoio e inspiração - Katia Danailof, Carlos Rogério Ladislau, Rodrigo Braga do Couto Rosa, Vinicíus Demarchi Silva Terra, Fernanda Theodoro Roveri, Evelise Amgarten Quitau, Leonardo Tavares Martins, Luciana Bicalho da Cunha, Marcelo Moraes e Silva; André Dalben.

Aos funcionários das bibliotecas da Unicamp em especial a Biblioteca da Faculdade de Educação e Faculdade de Educação Física.

As instituições responsáveis pela preservação, arquivo e divulgação dos acervos – Centro de Ciência, Letras e Artes, Museu da Cidade de Campinas, Museu da Imagem e Som de Campinas, Sanasa (Sociedade de abastecimento de água e saneamento S/A) de Campinas, e em especial ao Centro de Memória da Unicamp e seus funcionários pela constante disposição em ajudar.

RESUMO

A proposta desta pesquisa é discutir a educação do corpo delimitada nas práticas de exercícios físicos realizados em espaços aquáticos. Busca compreender as relações entre a educação do corpo e o que denomino aqui de domesticação da água, processo que vai moldando este elemento flexível às necessidades de uma sociedade civilizada e tecnológica.

A educação do corpo em sua relação com a água, os diferentes processos de sua domesticação, bem como as mudanças de sensibilidade em relação a esse elemento da natureza foram aqui analisados a partir do processo de construção do Clube Campineiro de Regatas e Natação criado no ano de 1918, como também da cidade de Campinas.

PALAVRAS-CHAVE: Água, Corpo, Educação, Educação Física, História, História de Clubes.

BSTRACT

The proposal of this research is to discuss the education of the body which is delimited by the physical exercise practices realized in aquatic spaces. It seeks for comprehending the relationship between the education of the body and what I call here water domestication, a process which models this flexible element to the necessities of a technological and civilized society.

The education of the body in its relationship with water, the different processes of its domestication, as well as the changes in sensibility with respect to this element of nature were analyzed from the process of construction of the Clube Campineiro de Regatas e Natação which was created in the year of 1918, as well as the city of Campinas.

KEY-WORDS: Water, Body, Education, Physical Education, History, Club History.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Saída de barco no Rio Tietê. São Paulo. Início do século XX. Artigo: Cidade – O Rio como testemunha. Revista Sesc. N°117. Fevereiro/2007. Disponível em: site: www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link... Acesso em: 18/02/2008. ----- 13
- Figura 2 - Travessia a Nado de São Paulo no Rio Tietê.1926. Acervo/GazetaPress. Disponível em: <http://www.gazetaesportiva.net/agazetaesportiva/cronologia/> Acesso em: 18/02/2008. ----- 14
- Figura 3 – Capa da primeira edição da Revista A Onda. Fonte: MENDES, José de Castros. A Onda. Correio Popular, Campinas, 25 de Dezembro de 1968. ----- 15
- Figura 4 - Clube Campineiro de Regatas e Natação no Rio Atibaia. “A brilhante festa em comemoração do terceiro aniversário da sua fundação, realizada a cinco do corrente – vários aspectos da festividade”. Imagem de Zico Villela. Revista “A Onda”. Anno I, N°. 4. Campinas, 26 de Junho de 1921. Centro de Memória da Unicamp. ----- 17
- Figura 5 – Brasão do Clube Campineiro de Regatas e Natação. Escaneado da capa do livro: PALOMBO, Darci Maria Pascoal. Clube Campineiro de Regatas e Natação – Oitenta e dois anos de História, Oitenta e dois anos de Glórias. Impresso pelo Clube na Bandeirantes Indústria Gráfica. 2000. ----- 24
- Figura 6 - Lavadeiras no Rio Atibaia. Campinas, SP, [190_?]. Coleção V-8. Centro de Memória da Unicamp. ----- 26
- Figura 7 - Lavadeira no Rio Atibaia - Sítio do Severo. Fonte: Austero Penteado, fotógrafo. Cenas e personagens da Campinas do início do século XX. Org. Sônia Fardin e Soraya Zanforlin – Campinas: SMCT – MIS- MUCCI-1998. ----- 27
- Figura 8 - Pesqueiro visto de lado. Sítio do Severo. Fonte: Austero Penteado, fotógrafo. Cenas e personagens da Campinas do início do século XX. Org. Sônia Fardin e Soraya Zanforlin – Campinas: SMCT – MIS- MUCCI-1998. ----- 27
- Figura 9 - Bebendo água no chapéu, dia de grande sol [Barra]. Fonte: Austero Penteado, fotógrafo. Cenas e personagens da Campinas do início do século XX. Org. Sônia Fardin e Soraya Zanforlin – Campinas: SMCT – MIS- MUCCI-1998. ----- 28
- Figura 10 - Clube Campineiro de Regatas e Natação. 1918. PALOMBO, Darci Maria Pascoal. Clube Campineiro de Regatas e Natação – Oitenta e dois anos de História, Oitenta e dois anos de Glórias. Impresso pelo Clube na Bandeirantes Indústria Gráfica. 2000. P. 71. ----- 29

Figura 11 - Cochos do Rio Pinheiros nos anos 20. Imagem da edição especial - Notícias do SESC Verão - em Pinheiros. São Paulo. Pannel artístico “Molhares” De olho no Pinheiros. 22 de janeiro de 2008. Fonte: Centro de Memória Hans Nobiling do Esporte Clube Pinheiros. -----	31
Figura 12 – Trampolim de Madeira. PALOMBO, Darci Maria Pascoal. Clube Campineiro de Regatas e Natação – Oitenta e dois anos de História, Oitenta e dois anos de Glórias. Impresso pelo Clube na Bandeirantes Indústria Gráfica. 2000. P. 75. -	31
Figura 13 - Clube Campineiro de Regatas e Natação. Campinas, SP, [192_?]. Coleção V-8 . Centro de Memória da Unicamp. -----	45
Figura 14 – Pavilhão de danças. Recorte do canto direito da fotomontagem feita por Zico Villela das comemorações do terceiro aniversário do Clube. Imagem completa na pág...deste texto. Revista “A Onda”. Anno I, Nº. 4. Campinas, 26 de Junho de 1921. Centro de Memória da Unicamp. -----	49
Figura 15 - Guarnições ganhadoras e suas madrinhas. “A brilhante festa em comemoração do terceiro aniversário da sua fundação, realizada a cinco do corrente – vários aspectos da festividade”. Imagem de Zico Villela. Revista “A Onda”. Anno I, Nº. 4. Campinas, 26 de Junho de 1921. Centro de Memória da Unicamp. -----	50
Figura 16 - Clube Campineiro de Regatas e Natação. Campinas, SP, [193_]. Coleção V-8 / Centro de Memória da Unicamp.-----	51
Figura 17 – Grupo de nadadores. “A brilhante festa em comemoração do terceiro aniversário da sua fundação, realizada a cinco do corrente – vários aspectos da festividade”. Imagem de Zico Villela. Revista “A Onda”. Anno I, Nº. 4. Campinas, 26 de Junho de 1921. Centro de Memória da Unicamp. -----	53
Figura 18 - Canal do saneamento. Campinas. SP. 1925. Coleção Geraldo Sesso Junior. Centro de Memória da Unicamp. -----	73
Figura 19 - Falta de água em Campinas. Revista “A Ronda”. Anno I. Nº. 1. Campinas, 3 de Maio de 1914. Centro de Memória da Unicamp. -----	76
Figura 20 - A falta de água na cidade de Campinas. Revista A Onda. Anno 4. Nº. 67. Campinas, 1 Maio de 1924. Centro de Memória da Unicamp. -----	77
Figura 21 - Água radio-Activa da Fazenda Fonte Sonia. Revista A Onda. Anno I. No. 11. Campinas, 16 de Outubro de 1921. Centro de Memória da Unicamp. -----	78
Figura 22 – Água radioactiva da Fazenda Santa Margarida. Revista a Onda. Anno I. Nº16. Campinas, 25 de Dezembro de 1921. Centro de Memória da Unicamp. -----	80

Figura 23 - Clube Campineiro de Regatas e Natação. Campinas, SP, [192_?]. Centro de Memória da Unicamp. ----- 83

Figura 24 - 1ª. Fase da piscina - Fonte: PALOMBO, Darci Maria Pascoal. Clube Campineiro de Regatas e Natação – Oitenta e dois anos de História, Oitenta e dois anos de Glórias. Campinas: Bandeirantes Indústria Gráfica, 2000. Págs. 99,100. ----- 88

Figura 25 - 2ª, 3ª, 4ª, e 5ª Fases da piscina - Fonte: PALOMBO, Darci Maria Pascoal. Clube Campineiro de Regatas e Natação – Oitenta e dois anos de História, Oitenta e dois anos de Glórias. Campinas: Bandeirantes Indústria Gráfica, 2000. P. 100.----- 89

Um mergulho na pesquisa ou... Introdução -----	01
I – A Educação do Corpo e a água -----	07
Práticas corporais aquáticas em Campinas no início do século XX-----	07
II - Um Clube <i>N'A Onda</i> -----	15
Clube Campineiro de Regatas e Natação-----	15
A idéia-----	19
O local-----	25
As práticas -----	35
Remo-----	35
Banhos de Rio e Natação-----	39
O Salto do Trampolim ou Saltos Ornamentais -----	45
Os frequentadores-----	47
III - CAMPINAS: as águas que nela correm e os corpos que nela circulam. --	57
A água que orienta corpos-----	57
De chafarizes a torneiras: corpos são educados-----	63
Águas e Corpos: territórios em exploração-----	75
IV - Um Clube na “cidade”! -----	85
Do Rio à Piscina: novas sensibilidades-----	85
Emergindo -----	93
Referências -----	97

INTRODUÇÃO

Ao buscar outras formas de olhar para meu campo de atuação na Educação Física, o das práticas corporais aquáticas, é que me dispus a este mergulho, pois as relações entre educação, corpo e água podem nos oferecer inúmeras reflexões acerca dos processos de educação do corpo e as pedagogias que os compõem, e de como esses processos trazem mudanças de sensibilidade em relação a este elemento da natureza.

Carmen Lucia Soares (2003, p.6) traz em seu texto Pedagogias¹ do corpo uma afirmação de Foucault (1984) de que “*cada época elabora sua retórica corporal*”. O que nos leva a pensar que estes saberes e práticas mudam, as pedagogias se transformam, assim como o corpo. Nos alerta a perguntar pela sensibilidade de cada época, como nos ensinam Sant’Anna e Vigarello em seus trabalhos, como também, sobre as permanências de alguns discursos.

O que nos provoca a pensar “como foi possível tornar habitual, normal e adequado a nós certas práticas outrora inadequadas ou sem sentido” (SANT’ANNA, 1993, p. 244), ou ainda, “tornar estranho, nem que seja por alguns instantes, os gestos, as verdades, os hábitos que hoje nos são familiares e indispensáveis”(Idem, p. 244).

Dos caminhos possíveis para alcançar este objetivo, o escolhido foi o da história, mas a história que considera a vida cotidiana de homens e mulheres comuns, seus modos de trabalhar, se divertir, comer, vestir, como também, suas práticas e representações corporais. (SANT’ANNA, 1993, p. 213)

Que considera a importância da correlação entre passado e presente como nos afirma Bloch (2002, p. 65):

¹ Conjunto de doutrinas, princípios e métodos de educação e instrução que tendem a um objetivo prático. Dicionário Virtual Aurélio – Século XXI.

a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente.” ou “compreender o presente pelo passado e, correlativamente, compreender o passado pelo presente.

Como recorte e trampolim para este mergulho apresento o Clube Campineiro de Regatas e Natação em seu período de constituição, 1918, às margens do Rio Atibaia no Arraial dos Sousas, até a construção de sua sede na área urbana da cidade, onde passou a existir também uma piscina, em 1939.

A idéia de trabalhar com o acervo do Clube Campineiro de Regatas e Natação surgiu da constatação de que apesar do rico conteúdo histórico que possui e de ser o primeiro Clube de Campinas cuja proposta era trabalhar com práticas corporais aquáticas, não conseguimos localizar, no período de realização desta pesquisa, estudos no meio acadêmico que se debrucem sobre sua história com o objetivo de compreender o que representa o surgimento de um clube com esta finalidade.

Desse modo, podemos pensar nessa história e, sobretudo, no que ela pode representar para compreendermos as relações entre o que chamo aqui de domesticação da água, como também, as práticas voltadas para a educação do corpo no ambiente aquático. Domesticação aqui é compreendida como o processo que vai moldando este elemento flexível às necessidades de uma sociedade civilizada e voltada ao progresso.

No período de construção do projeto para esta pesquisa visitamos o Clube de Regatas e Natação e lá, nos foi informado que não havia um Centro de Memória do próprio Clube e que o pouco material reunido não estava disponível. Um livro organizado pela Diretora de Comunicação do CCRN, Darci Maria Pascoal Palombo que conta a História dos oitenta e dois anos do Clube, nos foi oferecido e foi a partir dele que nossas buscas começaram. Assim, alguns arquivos da cidade foram percorridos para que fosse possível saber sobre a história da cidade que constrói esse Clube, bem como, de vestígios, sinais, rastros do próprio Clube.

Após esta busca, foi eleito o Centro de Memória da Unicamp (CMU), como arquivo principal, por ser bem estruturado e guardar significativo material sobre a cidade e o Clube.

Iniciei as pesquisas na Biblioteca Prof. José Roberto do Amaral Lapa do CMU que possui um acervo com livros e teses que vão desde obras publicadas a partir de 1800 na área de

ciências humanas às teses dos dias atuais. Nela conheci os livros dos memorialistas de Campinas e suas reminiscências, o que me levou a Campinas do início do século XX como também a toda construção histórica, na visão destes memorialistas, da cidade desde seu início. Entre eles, havia dois livros existentes sobre o Clube Campineiro de Regatas e Natação, um doado por Jolumá Brito, de sua autoria, sobre os cinquenta anos do clube; outro, doado pelo clube, intitulado Clube Campineiro de Regatas e natação: oitenta anos, organizado por Darci Maria Pascoal Palombo.

Para esta pesquisa, o conjunto de informações recolhidas através destes livros foi organizado a partir de dois caminhos para posterior aprofundamento:

- ⇒ um que me apresentasse o Clube Campineiro de Regatas e Natação em sua constituição e crescimento;
- ⇒ outro que me trouxesse Campinas e suas águas.

Caminhos que se encontram e se cruzam o tempo todo, pois, um Clube desta natureza muda à forma com que um determinado grupo de campineiros se relaciona com a água. Mas, mudanças em relação a este elemento da natureza acontecem desde a constituição de Campinas. Portanto, conhecer as transformações pelas quais passou desde seu surgimento permite compreender, para além do Clube, os processos de educação do corpo e de domesticação da água, também, na cidade.

Mergulhei ainda no Arquivo de Iconografia do próprio Centro de Memória da Unicamp. Um riquíssimo acervo com imagens que me transportou às várias Campinas que ali encontrei, e ao me apresentar o Clube Campineiro de Regatas e Natação trouxe consigo o Rio Atibaia.

Utilizei deste Arquivo Iconográfico imagens do acervo de:

- APS/Aristides Pedro da Silva,
- GSJ/Geraldo Sesso Júnior,
- JFT/João Falchi Trinca, e;
- OF/Otília Forster.

E essas foram imagens que seguiram e seguem comigo ao longo deste trabalho. Algumas ficaram para trás, outras continuam aqui, e como toda pesquisa tem as suas surpresas, novas imagens foram surgindo para o meu deleite.

Na Biblioteca Prof. José Roberto do Amaral Lapa do CMU, iniciei a pesquisa na Hemeroteca - Seção das bibliotecas em que se colecionam jornais e revistas.

- Hemeroteca do Centro de Memória da Unicamp – Arranjo/Campinas e;
- Hemeroteca JFT/João Falchi Trinca com materiais doados de sua coleção.

Estas hemerotecas se encontram divididas em grandes temas: Aspectos Urbanos; Ciências; Cultura; Economia; Educação; História; Literatura; Personagem; Política; Religião; Transporte.

Na Hemeroteca do Centro de Memória da Unicamp em Aspectos urbanos 1 – Lazer 1.9/Clubes 1.9.1 encontrei dois artigos sobre o CCRN, um de 1957 e outro de 1968, o primeiro sobre o ano de 1924 e suas dificuldades e o segundo sobre o cinquenta anos do Clube.

Na pasta Cultura – 3/Cotidiano 3.3.4/esportes 3.3.4.4 (natação/Saltos/remo) só há artigos atuais, a partir de 1990.

Na Hemeroteca João Falchi Trinca (JFT) em Aspectos Urbanos 1 – Lazer 1.10/Clubes 1.10.1/CCRN 1.10.1.5 encontrei sete artigos sobre o CCRN, de 1961, 1968, 1973, sobre o seu passado e seus aniversários. Mais um artigo, de 1939², sobre a inauguração de sua “majestosa” piscina que acolheu os Jogos abertos daquele ano.

Em Cultura 3/Cultura Geral 3.3/ Cotidiano 3.3.3/Esportes 3.3.3.6 um artigo de 1962³, homenageando grandes esportistas já falecidos e seus clubes, entre eles alguns “regateiros” como eram chamados os atletas do Clube Campineiro de Regatas e Natação e uma foto do Dr. Joaquim Álvaro de Souza Camargo, um dos fundadores do Clube. Outro artigo de 1949⁴ sobre a chegada de quatro remadores campineiros que fizeram a reide⁵ fluvial Souzas/Pousadas na república Argentina.

² Club Campineiro de Regatas e Natação: inauguração de sua piscina. Jornal A Defesa. São Paulo, 10 de Novembro de 1939.

³ João Caetano Monteiro Filho. Esportistas reverenciarão hoje os seus mortos. Diário do Povo. Campinas, 02 de Novembro de 1962.

⁴ Chegaram ontem a São Paulo os quatro heróis campineiros da raide Souzas-Posadas (República Argentina). A Gazeta esportiva, São Paulo, 14 de Outubro de 1949.

Encontrei, ainda, artigos que estão fora do período delimitado para esta pesquisa, mas que começam a me apresentar o clube.

Parti então para os periódicos, nesta seção encontram-se jornais e revistas datados da segunda metade do século XIX, até os dias atuais. Através do catálogo com a relação do que existe no Centro de Memória da Unicamp separei o que interessava, por estar dentro do período determinado para a pesquisa e se relacionar com os caminhos determinados anteriormente – o Clube Campineiro de Regatas e Natação e Campinas e suas águas.

Após esta seleção separei o seguinte material:

- Revista “A Onda – Literatura, Arte, Humorismo, Sport, etc...”;
- Revista “A Ronda – Literatura, Arte, Humorismo”;
- “O monóculo – Artes, Letras, Actualidades”;
- “O Ferrão – Órgão Crítico, Humorístico, Noticioso e de Combate”;
- “A Juventude – Órgão da Mocidade de Campinas”;
- “O Comércio – Órgão dedicado aos interesses do Commercio”;
- “O Cometa – Literatura, esporte, Critica, Humorismo, Variedades”;
- “Jornalzinho do Clube Campineiro de Regatas e Natação – Órgão do Clube Campineiro de Regatas e Natação”,

Nestes periódicos, foram encontrados vários artigos e imagens fundamentais para a construção desta pesquisa. Ainda que eleito o Centro de Memória da Unicamp como arquivo principal para a pesquisa, materiais encontrados no Museu de Imagem e Som de Campinas, na Academia Campineira de Ciências, Letras e Artes, na Biblioteca da Sanasa que cuida do abastecimento de água e tratamento de esgoto da cidade, foram também, aqui utilizados.

Deste percurso foi construída a dissertação que apresentamos a partir de agora.

⁵Dicionário Aurélio Século XXI. Longa excursão a pé, a cavalo, de automóvel, avião, etc. (Neste caso de barco)

**PRÁTICAS CORPORAIS AQUÁTICAS EM CAMPINAS
INÍCIO DO SÉCULO XX**

No início do século XX, em Campinas, um lugar serviu de palco para algumas práticas corporais aquáticas, o Rio Atibaia. Nele foi construído o Clube Campineiro de Regatas e Natação, em 1918.

A seqüência dos acontecimentos, que foi iniciada pelo desejo de um Clube de Regatas em Campinas, seguido pela escolha do espaço onde construí-lo, até sua expansão com a sede construída no Bairro Cambuí, região central de Campinas, sugere algumas questões para refletirmos ao longo deste trabalho:

- ⇒ Quais as relações entre as práticas corporais escolhidas, o espaço, a natureza e a decisão de erigir um Clube?
- ⇒ As práticas corporais prescritas pelos principais defensores da criação do Clube se inscreviam num contexto mais extenso e profundo de finalidades?
- ⇒ Podemos pensar que um espaço privilegiado para práticas corporais aquáticas constitui uma oportunidade singular de fomentar hábitos entre os que o freqüentam?
- ⇒ Como pensar a presença e o efeito da água na sensibilidade dos freqüentadores do Clube?
- ⇒ Do rio a piscina, quais as mudanças percebidas?
- ⇒ Como os moradores da cidade de Campinas vivem e convivem com a existência deste Clube?

Para um início de reflexão sobre estas questões trago aqui o historiador francês Alain Corbin que em sua pesquisa nos arquivos da Biblioteca Nacional de Paris buscou recriar o desejo da beira-mar que se eleva e se propaga entre 1750 e 1840, o que resultou em seu livro

Território do vazio - A praia e o imaginário ocidental, publicado em Paris, em 1988, e lançado no Brasil há mais de uma década. Neste livro podemos observar quando os europeus começam a descobrir o mar como fonte de emoção, propício a viagens, a tratamentos medicinais e banhos. Do mesmo modo, observa-se como a extensão de areia que antecede o mar se torna um lugar de eventos que transformam os costumes ao longo da história.

Em uma analogia com as reflexões e proposições feitas por Corbin podemos pensar que o hábito de freqüentar este tipo de Clube (a beira rio) e sua rotina incita uma relação com a água distinta daquela existente no cotidiano em que a água é tida como elemento destinado a matar a sede, limpar, levar, lavar, banhar. No Clube a beira do rio, o corpo em sua relação com a água ocupa um lugar de destaque e as práticas corporais para serem realizadas em meio aquático pedem uma iniciação a novos aprendizados, ao domínio de conhecimentos e técnicas específicos.

O trecho do rio cuja área é destinada ao Clube se torna parte dele e seu personagem principal. Sua fluidez sugere movimento, vida e em suas águas corpos vivenciarão sensações das mais diversas, como por exemplo: a nudez do corpo em contato com a água fria, a hesitação diante da água turva, a inconstância do “chão” ou fundo do rio; e se o mar tem seus mistérios, o rio também tem os seus.

Aqui também existe uma extensão de terra na beira do rio que serve de local para espectadores acompanharem as competições, de limite para os que não sabem nadar, de parada para contemplação. Neste local também é permitido aos corpos sua exibição.

Por meio do artigo *Pedagogias do corpo*, de Carmen Lúcia Soares (2003) podemos refletir, ainda, sobre múltiplos saberes e práticas que intermedeiam a educação do corpo, no “lento, intenso, extenso, meticuloso e obstinado trabalho”(SOARES,2003, p. 1) de seu constrangimento, nas inúmeras pedagogias que trabalham no seu adestramento e modelagem.

Em um outro artigo elaborado com Andrés Zarankin (2004), os autores propõem pensarmos como somos educados pelo aparato arquitetônico que nos rodeia. Na forma como são construídas nossas casas, como são traçadas as ruas de nossa cidade, a ausência ou presença de cores, textura, assim como, os objetos que os compõe. Colocam ainda que:

é possível pensar que os corpos são educados por toda a realidade que os circunda, por todas as relações que se estabelecem, pela materialidade do mundo.” (SOARES, ZARANKIN, 2004, p.25)

O que não é diferente com os espaços destinados as práticas corporais, sejam eles um campo de futebol, uma quadra ou uma piscina, ou, neste momento, o Clube Campineiro de Regatas e Natação e suas configurações.

Neste caso, o Clube tem um papel fundamental nessa educação do corpo. Ele define espaços e oferece práticas corporais. Num primeiro momento no Rio Atibaia e, num segundo, na sede construída na área urbana de Campinas.

No Rio Atibaia “uma formosa reta de mais de dois quilômetros” (PALOMBO, 2000, p.71) foi escolhida. Reta que possibilitava uma visão mais ampla de todo o Clube e de toda a extensão do rio que está dentro da área do Clube, como também de medir as distâncias nas competições de forma mais precisa, padronizando-as.

Deste espaço, “natural”, foi aproveitado o que a natureza construiu: uma formosa reta, uma campina, assim como, também, as sombras das árvores. Todavia, há que se mencionar a racionalização que promoveu as várias transformações na natureza, assim como transformações estruturais de arquitetura para que a existência do Clube fosse possível.

Quando é construída a Praça de esportes e a piscina no Bairro Cambuí, na área central de Campinas, novas relações são estabelecidas entre corpo, água e o espaço destinado às práticas corporais.

O Rio Atibaia que por tantos anos foi o *personagem* principal do Clube Campineiro de Regatas e Natação dá lugar a modelar piscina, que surge predestinada às competições do 39º Jogos Regionais a serem realizados nesta cidade em 1939.

Sua água não é fluida como a do Rio Atibaia, mas sim parada, porém, “atualíssimos” processos químicos garantem torná-la límpida e incolor, cujo cheiro, quanto mais “artificial”, mais apropriado ao uso. O odor dos produtos químicos garante a condição de água “tratada” e apropriada para uso.

Não coincidentemente a piscina surge em um momento em que a cidade de Campinas passa por várias transformações que mudam o traçado e as funções da área central de sua região urbana, o que incide diretamente em transformações em sua vida social. Um ousado plano de desenvolvimento urbano elaborado pela equipe do engenheiro Francisco Prestes Maia

colocou abaixo várias construções antigas localizadas em suas estreitas ruas para construir novos prédios, alargar estas mesmas ruas e fazer praças. Mudanças que iniciaram a partir da década de trinta e se intensificaram na medida em que a expansão como cidade industrial e de serviço, acontecia.(PESSOA,2004, p. 155-163)

Uma praça de esporte representa a regulamentação de um espaço específico para a prática esportiva e se ajusta aos novos objetivos de “ordem” desejados, objetivos que estão intimamente ligados ao anseio por “romper com um passado em troca das promessas da modernidade”. (CARPINTEIRO, 1996. In: PESSOA, 2004, p. 162)

Um passado que denuncia uma cidade que se desenvolveu até suas primeiras décadas do século XX, a partir da área rural, através da produção de cana e depois do café. De fato, na segunda metade do século XIX Campinas já é considerada a cidade do café, e é a riqueza da economia cafeeira que impulsionará a cidade rumo à modernidade e o progresso que inspiravam seus moradores, mesmo que em meio a contradições existentes entre uma cidade ainda colonial e as novas propostas para esta modernidade almejada⁶.

Corpos e águas vivem estas transformações e são domesticados dia a dia. O “Código de Posturas” dita, com suas normas, onde deve correr a água e onde podem circular os corpos. Num processo que acontece desde seu surgimento, mas que se intensifica na medida em que o desejo de alcançar o status de cidade moderna é abalado pelo constante crescimento da população e a necessidade de reorganizar os seus espaços “secos” e “molhados”.

Na virada do século XIX para o século XX, as mudanças na área urbana se aceleravam. Moradores das áreas rurais vêm morar na cidade, soma-se a isso a abolição e a imigração, aumentando assim a população e promovendo uma nova dinâmica neste ambiente.

Neste contexto diferentes formas de tratar o corpo são apreendidas ou intensificadas, entre elas, o esporte.

Para Farias (2004, p.1) que estuda o esporte na cidade do Rio de Janeiro e a formação dos clubes de regatas na Belle Époque carioca:

⁶ Para saber mais pesquise em: LAPA, José Roberto do Amaral. A Cidade: Os Cantos e os Antros. Campinas 1860-1900. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1996. BRITO, Jolumá. História da Cidade de Campinas. Campinas, Saraiva. 1956 - 1969. Coleção do Centro de Memória da Unicamp com 26 volumes.

a crescente ocupação dos bairros à beira-mar valorizando a praia, a proliferação de clubes de regatas a partir de 1895 e a presença constante de autoridades na celebração deste espetáculo esportivo, são elementos significativos da estreita relação entre este esporte, o poder público e os preceitos de saúde, higiene, beleza e progresso embutidos na idéia de civilização/civilidade.

Com Campinas não é diferente, embora não seja uma cidade banhada pelo mar. Desde a segunda metade de século XIX a cidade foi marcada pelo surgimento de várias sociedades recreativas e culturais⁷ e com elas diferentes sociabilidades se afirmaram, reunindo campineiros para a leitura, a dança, a apreciação musical, piqueniques campestres e patuscadas.

As transformações do espaço urbano da cidade, assim como sua utilização, principalmente nas últimas décadas do século XIX e início do século XX, conduzem a novos valores. Os espaços públicos adquirem novas funções, expandindo e diversificando as práticas de cada associação para além das paredes que a delimitam. Ruas e praças se tornam ambientes de circulação e os divertimentos ao ar livre são gradativamente incorporados ao cotidiano por parte significativa de sua população.

Junto com estas associações civis proliferam também aquelas voltadas para o exercício físico, tais como: a “Sociedade Allemã Gymnastica Infantil (19 de Julho de 1885)”, o “Club Atlético (01 de Setembro de 1896, tinha aparelhos para exercícios físicos, musculares e higiênicos)” e o “Club Gymnastico Português”. Tudo isso confirma a presença e estabelecimento dos tantos imigrantes que chegaram a Campinas no final do século XIX e que, aos poucos, imprimem na cidade seus modos de viver e suas práticas corporais. (LAPA, 1996, p. 143)

Neste contexto, o esporte aparece, e assim como em outras cidades brasileiras, por meio do turfe (corridas a cavalo)⁸. Aos poucos, os barões do café, habituados a morar nas fazendas com suas famílias vêm se estabelecer nos grandes sobrados construídos nas áreas mais nobres do perímetro urbano da cidade, e com isso, intensificar a contínua transformação na dinâmica da vida urbana de Campinas.

⁷ LAPA (1996) no capítulo sete – cultura e lazer, pág. 141 a 161. - de seu livro Campinas – cantos e antros – faz uma enorme lista destas associações e as datas de seu surgimento na segunda metade do século XIX.

⁸ Mais sobre a introdução do esporte no Brasil, principalmente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo buscar: Lucena (2001), MELO (1999), NICOLINI (2001), SANTOS (2000).

Porém, cenários já existentes em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo se tornaram reais por aqui somente no início do século XX. No final do século XIX no Rio de Janeiro, por exemplo, os Clubes de Jóquei já possuem espaços organizados civilizadamente, onde esposas e filhas dos proprietários dos cavalos circulam exibindo as novidades vindas da Europa e seus filhos são estudantes de direito, engenharia, medicina, além de engajados na política local.

Aqui em Campinas, por volta de 1870, existia uma raia onde hoje é a Rua Andrade Neves⁹ e nela aconteciam os páreos, movimentando toda a cidade. O que impera neste momento é a figura do barão, patriarca, que cria e coloca nos páreos seus melhores cavalos, guiado por um jóquei, empregado seu.

Ele constrói um contexto para que as corridas de cavalo sejam momentos para seu próprio divertimento. Ali ele expõe seus animais, faz apostas, negócios, conversa sobre política, e assiste a movimentação, não se envolvendo diretamente com o esporte em si, não é ele que sobe no cavalo e faz a corrida. Em uma arquibancada, seus familiares e pessoas da cidade são espectadores deste espetáculo.

Uma década depois é criado o primeiro Hipódromo de Campinas no bairro Bonfim. Junto com ele o Clube de Corridas, cuja sede urbana era inicialmente no solar do Visconde de Indaiatuba e a sede esportiva no Prado Bonfim, Bairro Bonfim. Seguindo entre altos e baixos ocorridos principalmente pelas inúmeras doenças que assolavam a cidade, em 1925 foi inaugurada a sede social na Praça Antônio Pompeu, decorada ao estilo francês, revitalizando o esporte na cidade.

Outro movimento esportivo que se difundia era o futebol, na virada do século Campinas já possuía seu primeiro clube oficial de futebol, sendo o dia 11 de Agosto de 1900 data que marca o surgimento da Associação Atlética Ponte Preta, e 1 de Abril de 1911, data da fundação do Guarany Foot-Ball Club.

Campinas caminha neste processo de transformação. Berço de republicanos e pessoas “viajadas”, após a crise instalada pela febre amarela e seu restabelecimento, cabia aos “jovens” desta cidade que urgiam novidades a criação de um espaço que possibilitasse a ampliação das práticas corporais em solo, também, para um ambiente aquático, o que veio a acontecer com a constituição do Clube Campineiro de Regatas e Natação.

⁹ No site da cidade de Campinas podemos encontrar um pouco da história do Jóquei Clube de Campinas. Disponível em: http://www.campinas.sp.gov.br/campinas/atracoes/culturais/patrimonio/joquei_campineiro/ Acesso em: 18/03/2007.

Na cidade do Rio de Janeiro, capital da República, práticas corporais aquáticas como o remo e a natação, já eram tidas como esportes da modernidade e São Paulo já tinha seu rio, o Tietê, como o rio do esporte, conforme a expressão de Nicolini(2001).

Em São Paulo caminhavam juntas com os campeonatos de futebol, as disputas de remo e natação, amplamente divulgadas nas primeiras décadas do século XX. Praticadas nos vários rios existentes na cidade, limpos e navegáveis, se destacavam o Rio Pinheiros e o Rio Tietê, cuja extensão possuía vários clubes ribeirinhos disseminadores dos esportes aquáticos.

Esses clubes eram formados em sua maioria por imigrantes, compostos de associados alemães, italianos, sírios, ingleses e de outras nacionalidades, o que estimulou brasileiros nativos a também criarem suas agremiações.(NICOLINI, 2001, p. 215)



Figura 1 - Saída de barco no rio Tietê. São Paulo. Início século XX.

Artigo: Cidade – O Rio como testemunha. Revista Sesc. Nº.117. Fevereiro/2007.

site: www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link...

Além dos inúmeros e importantes eventos que promoviam o remo, o Rio Tietê também foi palco para importantes eventos de natação, sendo o principal deles a “Travessia de São Paulo a Nado¹⁰”, realizada entre os anos de 1924 e 1944. A competição reunia centenas de nadadores e o percurso era entre as pontes Vila Maria e Ponte Grande. Cabe lembrar que a

¹⁰ Contada em detalhes no livro de Maria LenK. Buscar: LENK, Maria. Braçadas e abraços: desde há cinquenta anos por amor aos desportos.Grupo Atlântica-Boa vista. 1982. A travessia de São Paulo a nado. Pág. 39-48.

partir do final da década de 1940, a prática desses esportes teve que ser interrompida devido à poluição das águas.

Não acontece aqui uma superação do turfe, mas o futebol, o remo e a natação trazem uma nova configuração que se contrapõe a ele, que foi predominante por muito tempo. Estes esportes que surgem rompem com vários padrões estabelecidos.

No Turfe a imagem que se destacava é a do criador de cavalos, que financiava e organizava seus páreos, circulando e fazendo negócio. Este não se sujava se jogando ao chão ou se atracando com outro, tampouco expunha seu corpo ao sol.

O que muda, principalmente, é a posição do praticante no esporte. Agora é o próprio homem ator principal de seus feitos. O corpo, por exemplo, na natação e nas regatas, passa a ser objeto de apreciação. Em um momento que sol e ar fresco adquirem novos valores e o rio passa a ser um ambiente onde corpos se entregam ao contato com a água.



Figura 2 - Travessia a Nado de São Paulo no Rio Tietê.1926. Acervo/GazetaPress.
site: <http://www.gazetaesportiva.net/agazetaesportiva/cronologia/>

CLUBE CAMPINEIRO DE REGATAS E NATAÇÃO

O historiador José do Amaral Lapa (1996) mostra em seus estudos que desde o final do século XIX já existiam aqui os que desejavam estar na onda do momento, isto é, no movimento que reproduz e confere à própria cidade a idéia de que ser moderno no caso é

“ ser republicano e abolicionista, imigrantista e amante do progresso, higiênico e sintonizado com o que ia pela Europa e Estados Unidos, considerados modelares para serem implantados, em muitas de suas soluções e costumes.”
(LAPA, 1996, p. 19)



Movimento que se estende pelo século XX na cidade de Campinas e se expressa através da criação e circulação, por exemplo, de jornais, revistas. O que fez com que um grupo de campineiros se aproveitasse dessa expressão e lançasse por meio da mídia impressa uma revista. Chamada “A Onda”, esta revista foi feita para aqueles que não desejam perde-la!

No dia 1 de Maio de 1921 publica-se o primeiro número da revista ““A Onda” ...com dezoito páginas de texto, quinze para os anúncios, e sugestiva capa de Manolo, charge colorida sobre a moda das saías curtas¹¹.”

Figura 3 – Capa da primeira edição da Revista A Onda. Fonte: MENDES, José de Castros. A Onda. Correio Popular, Campinas, 25 de Dezembro de 1968.

¹¹ MENDES, José de Castros. A Onda. Correio Popular, Campinas, 25 de Dezembro de 1968.

Uma revista sobre Literatura, Arte, Humorismo, “Sport”, etc. Era publicada quinzenalmente e vendida aos domingos em *frutarias* e livrarias do comércio da cidade. Trazia diversas seções assinadas por literatos, poetas, artistas e humoristas de renome na cidade.

Fruto das idéias de Domingos de Andrade, funcionário graduado da Caixa Econômica do Estado e do humorista Victor Caruso, não tinha intenções de ser uma revista de combate, mas sim humorística, de sátira. Seu repertório, cheio de bom humor e graça, despertou grande interesse nos campineiros, que desde sua primeira publicação esperavam ávidos pela próxima edição.

Custava na época 500 réis, seus editores alardeavam uma tiragem de vinte mil revistas, Eustáquio Gomes afirma ser bem menos por ser uma revista linotipada¹², no modo artesanal, e que provavelmente tudo não passasse de mero truque mercadológico. (GOMES, 1992, p. 25)

O que emoldurava seus conteúdos eram os anúncios, ou reclames como eram chamados, ocupando extensa área da revista, retratando o progresso e os modos dos que ali viviam, como nota Cacalo (2004, p. 1) ao trazer alguns destes reclames:

a Casa Bucci, da Barão de Jaguará, que oferecia “novidades em sedas” importadas; a Casa Ingleza, também da Barão de Jaguará, que vendia louças e bebidas importadas, tudo num “rápido e escrupuloso serviço de entrega”; o Bar Municipal, da rua Costa Aguiar, com os “charutos finos”; a Drogaria Progresso, da rua Regente Feijó, que entre ofertas de “productos chimicos” destacava um “grande stock do acreditado fortificante “Biotônico Fontora”.

É nesta revista, em meio a reclames que surge na edição nº. 3 de 5 de Junho de 1921 o primeiro anúncio sobre o Clube “ *É hoje que terão lugar as regatas annuaes do Club Campineiro de Regatas e Natação...* ”. Dia em que o Clube completa seu terceiro aniversário e promove uma grande festa.

¹²Dicionário Aurélio século XXI. Linotipo - [Do ingl. linotype, voc. forjado pelo inventor Ottmar Mergenthaler (1854-1899), em 1886, a partir da contração de line of types, 'linha de caracteres de impressão'.] S. f. Tip. 1. Compositora (3) mecânica provida de teclado mediante o qual se reúnem as matrizes que, dispostas nos canais de um ou mais magazines, são levadas sucessivamente ao componedor, onde formam a linha, ao molde, onde é fundida a linha-bloco, e ao distribuidor, por onde retornam ao magazine. 2. P. ext. Qualquer compositora de linhas-blocos de funcionamento análogo. [Sin. ger.: linotipadora.]

Em sua edição nº. 4 de 26 de Junho de 1921 na seção esportiva faz uma cobertura completa de como foi esta festa com um longo texto relatando o acontecido e várias imagens sobre o dia.

Festa que a revista noticia na “Secção Esportiva – Remo e Natação” como um “verdadeiro acontecimento” e que a

directoria da distincta associação deve estar satisfeita com resultado obtido; esse contentamento estende-se também aos demais associados e á selecta assistência, da qual se distinguia o grande grupo das nossas mais elegantes senhorinhas, que enchia, por completo, o pavilhão da Tração, Luz e Força.”
(A Onda, 1921, Anno I, Nº4)

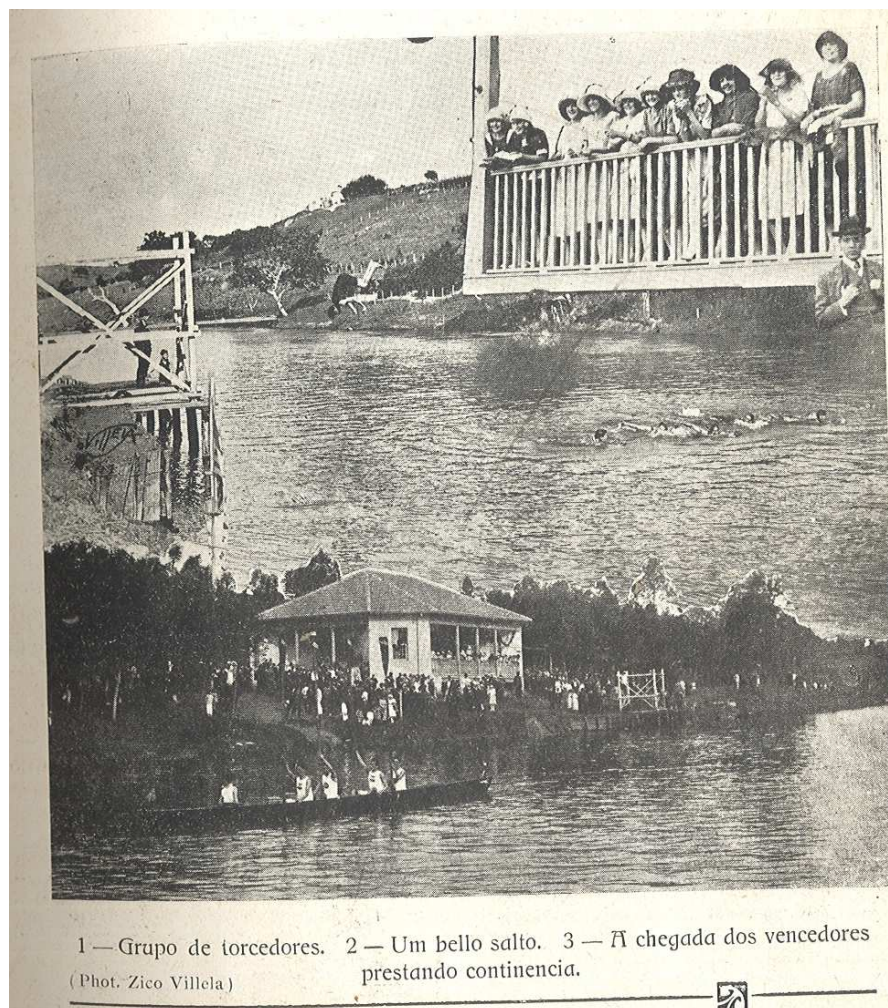


Figura 4 - Clube Campineiro de Regatas e Natação no Rio Atibaia. “A brilhante festa em comemoração do terceiro aniversário da sua fundação, realizada a cinco do corrente – vários aspectos da festividade”. Imagem de Zico Villela. Revista “A Onda”. Anno I, Nº. 4. Campinas, 26 de Junho de 1921. Centro de Memória da Unicamp.

A imagem, feita por Zico Villela¹³ é uma fotomontagem¹⁴ feita para a revista dos vários aspectos festivos do aniversário do Clube Campineiro de Regatas e Natação. Ao olharmos para a imagem observamos que a intenção do fotógrafo da revista é retratar alguns dos principais objetivos do Clube, tais como a prática do remo, da natação e dos saltos do trampolim, como também, mostrar a presença de quem vai ao Clube para assistir essas práticas. Uma propaganda do que era o “Clube”.

Havia naquele tempo como meio de transporte até o Arraial dos Sousas apenas uma linha de bonde que transitava em horários determinados. Trazer este Clube através de imagens, para áreas com maior número de pessoas como o espaço urbano da cidade era algo desejável para seus dirigentes. Acompanhadas de um enaltecido e otimista discurso¹⁵ as imagens convidam seus observadores a conhecer de perto o Clube Campineiro de Regatas e Natação. Este conjunto de imagens tinha uma clara intenção, qual seja, a de representar o que é o clube Campineiro de Regatas e Natação e sua apropriação do Rio.

Trata-se, portanto, de um Clube que com três anos de existência deseja se estabelecer. Nem todos de Campinas o conhecem ou já ouviram algo sobre ele, logo, a possibilidade de uma divulgação em uma revista que além de ser um meio de exposição propaga o que há de moderno, conclui-se que é um Clube que deseja entrar n’*A Onda!*

¹³ Não foi encontrada nos arquivos do centro de Memória da Unicamp nenhuma referência sobre este fotógrafo. Colaborou com vários números da Revista A Onda, mantendo sempre sua assinatura nas fotos.

¹⁴ Segundo Denise, funcionária do Centro de Memória da Unicamp e responsável pelo centro de Iconografia esta é uma fotomontagem. Explicou que os fotógrafos faziam uma sobreposição de negativos para compor a nova imagem ou até mesmo recortava os negativos para montá-la. No Dicionário Aurélio – Século XXI encontramos a seguinte definição: [De foto- + montagem.] S. f. Fot. 1. A arte da colagem de fotografias, combinadas entre si ou com desenhos, e refotografadas ou não, formando alguma composição, sentido ou harmonia. 2. Imagem resultante desse processo.

¹⁵ Junto com as imagens vem uma reportagem sobre o aniversário do Clube, sendo que um trecho dela foi reproduzido acima. Revista A Onda – “Secção Esportiva – Remo e Natação”. Anno I. No. 4. Campinas, 26 de Junho de 1921.

A IDÉIA

Os campineiros sintonizados com o que acontecia fora daqui, já fomentavam a idéia de um clube para práticas corporais aquáticas desde 1910 como noticiou um jornal da época:

Um Clube de Regatas, em fundação no Atibáia. Diversos cavalheiros de nossa melhor sociedade estão tratando da fundação de um clube de Regatas e natação, havendo escolhido para a sede da novel sociedade esportiva o florescente distrito de Arraial dos Sousas, em ponto aprazível, em que o Atibaia se lança em uma formosa reta de mais de dois quilômetros. Assinaram já a lista de sócios fundadores(dentre outros), Bento Quirino dos Santos, Antônio Álvaro de Souza Camargo, Mario de Siqueira, Dr. Antônio A. Lobo, Orosimbo Maia, Benedito Otávio, Talvino Egídio de Souza Aranha, Dr. Joaquim Álvaro de Souza Camargo, José Vilagelin Júnior e inúmeros outros. A idéia dos distintos moços campineiros merece franco apôio, por que o Clube de Regatas será um centro de úteis exercícios atléticos e às famílias da nascente associação proporcionaria freqüentes e agradáveis entretenimentos. Sabemos que a diretoria do Ramal Férreo Campineiro, uma vez constituído o clube facilitará o transporte com um horário especial. Aplaudimos com ardor a idéia para a realização, augurando futuro brilhante ao Clube de Regatas Campineiro”. (BRITO, 1968, p. 10)

A idéia não se concretizou neste período e foi somente em 1918 que foi reavivada e finalmente o Clube constituído com o nome de “Sport Club Campineiro de Regatas e Natação” ou simplesmente “Regatas” como era apelidado, considerando que na cidade não houve outro clube com estes fins. Criado originalmente para a prática de atividades aquáticas, sendo elas: o remo, a natação e os saltos ornamentais.

Foi com Horácio Amaral, funcionário na época da Companhia Campineira de Tração, Luz e Força (CCTLF) que a idéia ressurgiu e para desenvolver esta proposta, procurou os antigos interessados na constituição de um clube de regatas no Rio Atibaia.

Com Horácio Amaral juntaram-se em uma primeira reunião cerca de trinta¹⁶ sócios fundadores, o que demonstra o forte desejo de um determinado grupo da cidade de Campinas em pertencer ao círculo dos que praticam os esportes aquáticos.

Cito aqui alguns nomes que aparecem nas atas de fundação do clube: Horácio Amaral, José Villagelin Jr, Dr. Joaquim Álvaro de Souza Camargo, Armando Sales Pimentel, Jorge Leme, Dr. Vicente Mellito, Antônio João Jorge de Miranda, Dr. Álvaro Ribeiro, Henrique Husseman Jr., entre outros. Um conjunto de pessoas representado por jornalistas, políticos, advogados, médicos, comerciantes e professores que constituíam a *nata campineira*.

Alguns membros desse grupo tiveram papel importante na construção do imaginário *do que é um clube*, neste caso, um Clube de Regatas, e *o que ele representa*. José Villagelin Jr¹⁷ é um desses, fez parte daquele primeiro grupo que em 1910 já desejavam este tipo de espaço para práticas corporais aqui na cidade. Imigrante vindo de Portugal, de uma família rica, lá deixou o curso de medicina no quinto ano para se aventurar em terras brasileiras.

No Brasil se instalou por um tempo na Bahia, depois Recife e foi para o Rio de Janeiro, onde se juntou aos seus compatriotas e ao meio literário. Nesta cidade colaborou com vários jornais e circulou pela elite intelectual da época. De lá partiu para o estado de São Paulo até chegar finalmente a cidade de Campinas e aqui se estabeleceu fixando residência e casando-se. Foi professor do Ginásio do Estado (antigo Culto a Ciência) e dirigiu vários jornais por aqui, o que fez dele uma figura ilustre na cidade.

Além do papel de jornalista José Villagelin Jr sempre esteve preocupado com a condição da cidade, desejada limpa e higiênica e seus moradores, se engajando em vários projetos direcionados à população como o Hospital de Isolamento e o Sanatório Cândido Ferreira em Souza.

Ao passar por cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, José Villagelin Jr apreende as novidades que se manifestam nas mais variadas áreas, entre elas, as das práticas corporais. Mesmo que não tenha se formado em medicina traz em sua bagagem os conhecimentos do curso que fez até o quinto ano.

¹⁶ “Ata da Assembléia para a Fundação do “Sport Clube Campineiro de Regatas e Natação. Aos Vinte e Oito (28) dias do mês de abril do ano de mil e novecentos e dezoito.” In: BRITO, Jolumá. História do Clube Campineiro de Regatas e Natação na passagem de seu cinquentenário de fundação – 1918/1968. Campinas.1968. Pág.11.

¹⁷ Hemeroteca João Falchi Trinca. Seção de Obras raras. Pasta: Personalidades. Título Índice: Villagelin Jr, José. Centro de Memória da Unicamp.

No Brasil amplia e desenvolve esses conhecimentos através das relações pessoais que tece com jornalistas, advogados, médicos sanitaristas, engenheiros, políticos e os donos das grandes companhias da cidade. Pessoas intimamente ligadas à idéia de progresso e modernidade que pedem ao cidadão campineiro uma nova postura que irá conduzi-los a esses objetivos.

Este é um momento que o exercício físico passa a receber atenção como nunca e os esportes aquáticos são considerados cada vez mais “úteis” para gerar corpos saudáveis e prontos para o progresso da cidade e da nação. O remo e a natação simbolizam e traduzem o tipo de corpo e o caráter desejado para alcançar estes novos ideais.

Outro idealizador do Clube e que esteve presente desde a primeira proposta é o Dr. Joaquim Álvaro de Souza Camargo¹⁸, o “Tio Quim”, campineiro de família tradicional, fazendeiro dos mais antigos da cidade e formado em direito pela Faculdade de Direito de São Paulo. Figura notável pelas habilidades políticas e intelectuais, foi presidente da Câmara Municipal de Campinas, Deputado Estadual e Federal, pintor, músico amador, um dos fundadores da Sinfônica de Campinas, incentivador da criação do Centro de Ciências Letras e Artes de Campinas e um dos fundadores do Colégio Progresso Campineiro.

Trazia consigo os ideais progressistas, e assim como José Villagelin Jr, queria para Campinas tudo o que representasse essa busca. Um Clube de Regatas na cidade traduz esta vontade e ambos estavam na comissão de frente da primeira diretoria do Clube: Dr. Joaquim Álvaro de Souza Camargo como presidente e José Villagelin como vice.

A influência política que vários de seus sócios fundadores tinham na cidade mais o fato de Horácio Amaral ser funcionário da Companhia Campineira de Tração, Luz e Força, e ter acesso a seus dirigentes viabilizou o feito, já que as terras escolhidas a beira do Rio Atibaia pertenciam a esta companhia.

A Companhia fez os trâmites para a liberação do terreno, colaborou com quinhentos mil réis por mês em seu início e assumiu o compromisso de limpar o rio onde fosse necessário¹⁹. Porém, o que fez o Clube conseguir se estabelecer foi o fato de seus integrantes e idealizadores serem pessoas com condições financeiras capazes de superar os momentos de crise, emprestando dinheiro de seus próprios bolsos para a continuidade e crescimento do clube.

¹⁸ Joaquim Álvaro de Souza camargo. O Estado de São Paulo, 30 de Novembro de 1952. Centro de Memória Unicamp. “Tio Quim”. Correio Popular, Campinas, [s.d]. Centro de Memória Unicamp.

¹⁹ PALOMBO, Darci Maria Pascoal. Clube Campineiro de Regatas e Natação – Oitenta e dois anos de História, Oitenta e dois anos de Glórias. Impresso pelo Clube na Bandeirantes Indústria Gráfica. 2000. Pág. 72.

O momento era de grande tragédia no país assolado pela epidemia de Febre Espanhola, o que fez com que o Clube logo em sua constituição passasse por várias dificuldades. A Febre Espanhola arrasou o Brasil e chegou ao estado de São Paulo e à Campinas entre 1918 e 1919. Foram registrados 6.872 casos da febre com 204 mortes, em uma população de 11,567 pessoas²⁰.

Sem dúvida o controle da epidemia, a recuperação lenta da saúde da população, assim como de sua vida social foram determinantes para que a consolidação do Clube acontecesse. Nesse processo, os entusiastas dessa empreitada investiram de várias formas, fosse para angariar fundos, fosse simplesmente para divulgar a importância da existência do clube e fazer crescer o número de participantes associados. Assim, a realização de bailes foi escolhida como forma de mobilização geral para conseguir tais objetivos.

Dessa maneira, as práticas esportivas geraram um novo ambiente de sociabilidade, ainda que fora da área urbana da cidade. As festas passaram a fazer parte das competições esportivas ou ainda, as competições esportivas passaram a ser uma festa, conquistando espaço nos meios de comunicação, como em colunas de jornais e revistas da cidade nos anos que se seguiram.

O que podemos confirmar na Revista A Onda em Junho de 1923:

A Onda Social

Realizou-se a 10 do corrente, em Arraial dos Souzas, a festa náutica promovida pelo Club Campineiro de Regatas e Natação. Esteve magnífica. Em remate houve no pavilhão da Companhia Campineira animado baile. Agradecemos o convite que nos foi enviado. (A ONDA, 1923, Anno III. N° 44)

Ou ainda pelo periódico A juventude – Órgão da Mocidade de Campinas em Setembro de 1923:

²⁰ MARTINS, José Pedro Soares. Campinas do Matto Grosso – Da febre amarela à cólera dos rios. Campinas. 1997. MARTINS. Liane Maria Bertucci. Memória que educa. Epidemias do final do século XIX e início do século XX. Revista educar. Curitiba. Editora UFPR. N°. 25. Págs. 75-89. 2005. Pág. 77.

Realizou-se no domingo p.p.; promovida pelo Club Campineiro de Regatas e Natação, uma encantadora festa no Arraial dos Souzas, decorrendo na maior animação. Sendo que os concurrentes se saíram optimamente em todas as provas. Após a parte desportiva teve inicio um animado baile ao ar livre que finalizou as 22 horas. Agradecemos as gentilezas dispensadas ao nosso representante.(A JUVENTUDE, 1923, Anno I, N°10)

Lucena traz um interessante olhar para o que significava um clube no Rio de Janeiro, capital da República no século XIX e inicio do século XX:

“com eles, o esporte não é apenas mais uma ação que se realiza pelo prazer da prática, mas é, cada vez mais, uma forma de envolver o outro e ampliar a ação para espaços e lugares distintos e com significados diversos.”(LUCENA, 2001, p. 124)

Dentre estes significados diversos podemos destacar aqui o papel do clube como um lugar que serve não só para as práticas esportivas com funções higiênicas e estéticas, mas também com funções sociais que permitem o acúmulo de capital social.

O Clube serviria para o desenvolvimento do indivíduo, assim como, para ampliação das relações entre seus sócios. Os objetivos eram contribuir para o crescimento de uma nação saudável através dos esportes ali praticados e investir nas relações entre seus freqüentadores, julgados como um ilustre e distinto grupo.

Com sua bandeira e seu hino constroem uma identificação capaz de provocar um sentimento de pertencimento que vai além das fronteiras do Clube, o que significa que ser parte ou torcer pelo Clube Campineiro de Regatas e Natação é torcer por Campinas.



Figura 5 – Brasão do Clube Campineiro de Regatas e Natação. Escaneado da capa do livro: PALOMBO, Darci Maria Pascoal. Clube Campineiro de Regatas e Natação – Oitenta e dois anos de História, Oitenta e dois anos de Glórias. Impresso pelo Clube na Bandeirantes Indústria Gráfica. 2000.

“Hino Oficial do Clube Campineiro de Regatas e Natação.”

O Regatas é um Clube temido,
Porque sabe com honra vencer!
Quase nunca na luta é vencido,
Ele é sempre, leal, ao perder!

É encestando, é correndo, é remando,
Que fazemos do Clube um Campeão!
Para sempre de glórias, coroando,
Nosso lindo e triunfal pavilhão!

Descendente de herói bandeirante,
Tem nas veias a audácia capaz
De levar sempre em lutas, triunfante,
A bandeira do Clube que é audaz!

Quem defende uma terra esplendente,
Como a nossa Campinas, sem par,
Tem a alma, viril, é valente,
Eia! Avante, Regatas, ganhar!

(coro)

Campineiro, valoroso,
Praticando esportes mil,
És um filho glorioso,
De Campinas, do Brasil !

Autor: Jolumá Brito

O LOCAL

Durante um longo período, nas fazendas, à margem deste núcleo urbano que se formava, na área rural de Campinas, a água foi utilizada como um meio para obter energia e movimentar aparelhagens usadas no cotidiano para produção de alimentos e processamento do que era produzido nas lavouras para comercialização. O moinho, o monjolo, as moendas de cana, as canaletas de lavagem de café estiveram presentes até as primeiras décadas do século XX, sendo substituídas aos poucos por tecnologias mais avançadas.

Foram estas fazendas com o cultivo de cana-de-açúcar e posteriormente do café as responsáveis pelo enriquecimento da cidade e crescimento da área urbana. Isso foi possível porque as terras desta região eram propícias e a água abundante, pontos importantes na escolha do local para o plantio das lavouras.

A cultura canavieira se manteve de meados do século XVII até meados do século XVIII, acontecendo neste período uma transição entre o plantio de cana e de café. Campinas torna-se uma cidade cafeeira, se estabelece, ganha poder e riqueza, caminhando assim rumo a modernidade e o progresso²¹.

Algumas dessas fazendas e alguns sítios ficavam a beira do Rio Atibaia e é em meio a eles que se constrói o Clube Campineiro de Regatas e Natação. É possível dizer que, neste período, coexistem vários *Atibaias*.

Diferentes grupos tiravam das águas do Rio Atibaia parte de seu sustento, através da pesca, da irrigação de suas plantações e da retirada de argila, areia e barro para construção de suas casas.

A margem do rio era local de pastagem para rebanhos diversos como gados, cabras, cavalos, burros e de alguns animais domésticos como os cachorros, galinhas, patos e porcos.

²¹ Mais informações procurar em: LAPA, José Roberto do Amaral. A Cidade: Os Cantos e os Antros. Campinas 1860-1900. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1996. PUPO, Celso Maria de Mello. Campinas: Município do Império. São Paulo, Impoe, 1983. Centro de Memória da Unicamp. PUPO, Celso Maria de Mello. Campinas, seu Berço e Juventude. Campinas, Academia Campinense de Letras, 1969. Centro de Memória da Unicamp. SILVA, Aurea Pereira da. Engenhos e fazendas de café em Campinas (século XVIII – XX). Anais do museu paulista. São Paulo. Vol.14. N°. 1. Pág. 81-119. Jan/Junho 2006.

As lavadeiras também eram personagens constantes na margem do rio. Ali encontravam água limpa, abundante e ainda gratuita. Tinham espaço para quarar e estender suas roupas lavadas, para então secarem com o calor do sol. O que fazia desse local um ponto de encontro para conversas, cantorias e de brincadeiras para as crianças que as acompanhavam.



Figura 6 - Lavadeiras no Rio Atibaia. Campinas, SP, [190_?]. Coleção V-8. Centro de Memória – Unicamp.



Figura 7 - Lavadeira no Rio Atibaia - Sítio do Severo. Fonte: Austero Penteadado, fotógrafo. Cenas e personagens da Campinas do início do século XX. Org. Sônia Fardin e Soraya Zanforlin – Campinas: SMCT – MIS- MUCCI-1998.

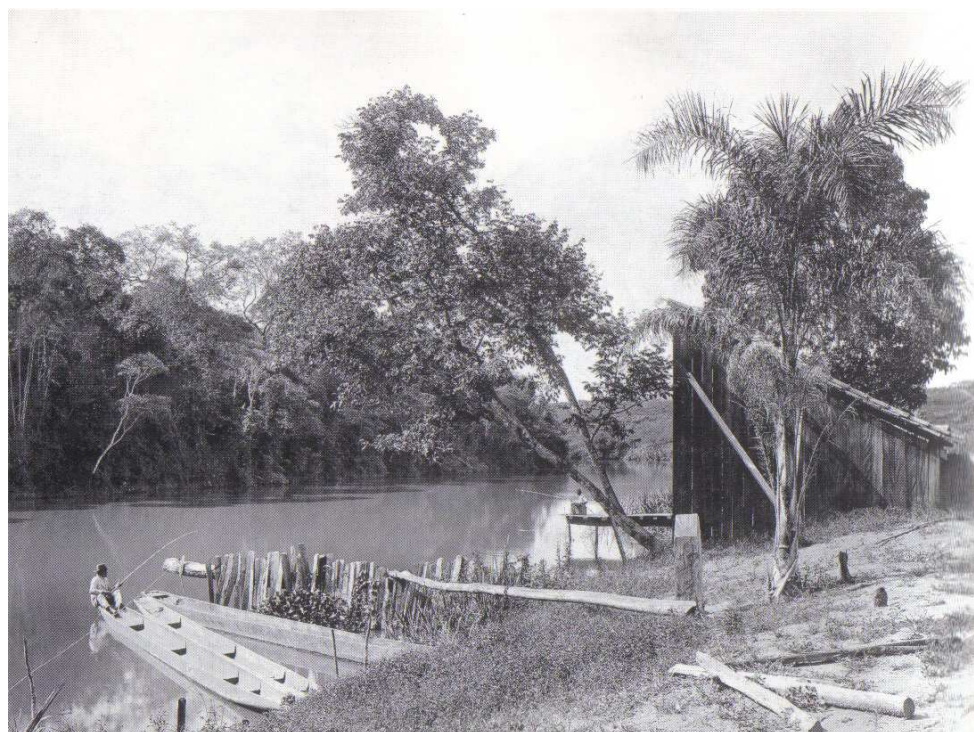


Figura 8 - Pescador visto de lado. Sítio do severo. Fonte: Austero Penteadado, fotógrafo. Cenas e personagens da Campinas do início do século XX. Org. Sônia Fardin e Soraya Zanforlin – Campinas: SMCT – MIS- MUCCI-1998.

Austero Penteado²² foi um dos poucos que além de retratar a vida urbana da cidade se ateuve a elementos característicos da tradição rural. Fotógrafo amador “demonstra um entusiasmo especial, com afinada sensibilidade, espontaneidade e composição elaborada em valorizar a relação campo/cidade e homem/natureza.”(RIBEIRO, 2003, p. 143)

Suas imagens do início do século XX nos aproximam de um Rio Atibaia que tem em seu cotidiano, homens, mulheres, crianças em relação direta com suas águas. Porém, são relações muito diferentes das que os frequentadores do Clube Campineiro de Regatas e Natação terão a partir de sua constituição.



Figura 9 - Bebendo água no chapéu, dia de grande sol [Barra]. Fonte: Austero Penteado, fotógrafo. Cenas e personagens da Campinas do início do século XX. Org. Sônia Fardin e Soraya Zanforlin – Campinas: SMCT – MIS- MUCCI-1998.

²² Fazendeiro em Campinas e em São Carlos Austero nasceu na cidade de Campinas em 5 de Julho de 1859 e faleceu em 18 de Agosto de 1949. A coleção de Austero penteado se encontra no Museu de Imagem e Som de Campinas. É composta por 259 imagens fotográficas que retratam a vida rural e urbana da cidade e da região no início do século XX.

No *Atibaia do Clube*, a apropriação e os usos do rio se distanciam e se diferenciam das voltadas para o trabalho, sustento ou mesmo da diversão dos ribeirinhos que o freqüentavam.

Para estes indivíduos que não pertenciam a este ambiente e passarão a freqüentá-lo são necessários novos processos de educação do corpo e a aprendizagem de uma nova sensibilidade. Trabalhar com a tolerância ou intolerância a determinadas particularidades que fazem parte dele.

Podemos pensar nas águas que se misturam com as folhas e animais em decomposição e compõe com isso um cheiro particular; a terra da margem do rio que gradualmente se mistura a água e forma um barro onde pés penetram antes de chegar a outras áreas do rio; ao mato que forra o chão; a temperatura da água que varia de acordo com as mudanças do clima. Enfim, os diferentes corpos vivos, desde o menor ao maior deles como as algas, as árvores, os peixes, os sapos, entre tantos outros.



Figura 10 - Clube Campineiro de Regatas e Natação. 1918. PALOMBO, Darci Maria Pascoal. Clube Campineiro de Regatas e Natação – Oitenta e dois anos de História, Oitenta e dois anos de Glórias. Impresso pelo Clube na Bandeirantes Indústria Gráfica. 2000. P. 71.

Portanto, ainda que seus sócios sejam moradores da cidade, o Clube, em sua fundação, não "*acontece*" nela, e sim, no Arraial dos Souzas, uma zona rural, fora do que se chamava de área urbana. Para os tipos de práticas corporais propostas o que foi encontrado nas

andanças em busca de um local “adequado” foi um dos trechos do rio Atibaia²³, pertencente a Companhia Campineira de Tração, Luz e Força. “*Ponto aprazível, em que o Atibaia se lançava em formosa reta de mais de dois quilômetros*”²⁴, com uma área extensa em largura, profundidades variadas e águas calmas.

Assim, o remo, a natação e os saltos ornamentais, constituíram-se em novas práticas corporais em espaços, até então, não ocupados por este determinado grupo e para estes tipos de atividades.

Se antes tínhamos ali um espaço, com um rio e uma ampla área verde com plantas e árvores, hoje temos um lugar, que é o clube, que delimita e dita as regras para o uso do local e a circulação das pessoas.

Para a construção do Clube foram iniciados diferentes trabalhos, tais como a limpeza da margem do Rio Atibaia para circulação de pessoas, a arrebentação de pedras no leito do rio para a prática da natação e do remo. A construção de um barracão de sapé para instalação de um vestiário, a princípio somente para homens e outro barracão para garagem das embarcações, que no total somavam cinco, do tipo baleeira, utilizadas para a prática do remo.

Na margem do Rio Atibaia construíram o “cocho”, um cercado de madeira, medindo aproximadamente 10X4 metros, suspenso em tambores e preso na beira do rio. Este cocho foi feito para o aprendizado da natação e divertimentos na água.

Não foi encontrada nenhuma imagem que mostrasse esta construção no Rio Atibaia, porém elas seguiam os mesmos padrões dos cochos feitos nos clubes à beira dos rios Tietê e Pinheiros, como podemos ver na imagem que segue. Parece que esta forma de tratar o rio era bem aceita e compatível com certa intenção de *domesticar* trechos de um rio, controlando-o e, supostamente, tornando-o mais acessível.

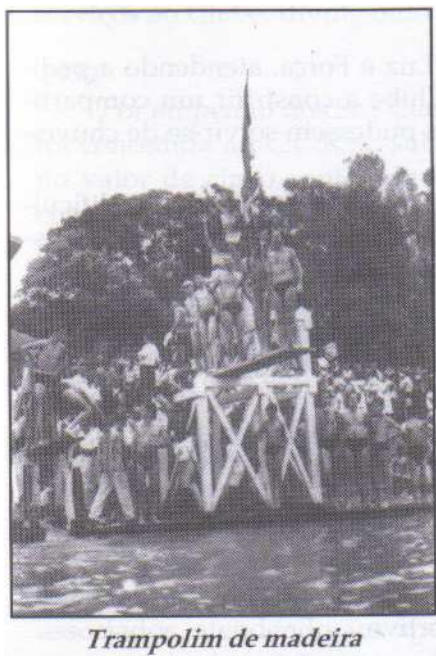
²³ O rio Atibaia é formado pela junção dos rios Atibainha e Cachoeira, entre os municípios paulistas de Bom Jesus dos Perdões e Atibaia, sendo que as nascentes do rio Cachoeira encontram-se no estado de Minas Gerais. Abastece 90% da população da cidade de Atibaia, 95% da população da cidade de Campinas, entre outras. Na altura da cidade de Americana, o Rio Atibaia junta-se ao jaguari para formarem o Rio Piracicaba. Em certos trechos, o rio tem 20 metros de profundidade, 11 de largura, a cor da sua água é marrom, apresentando muitos sinais de poluição. http://www.sanasa.com.br/noticias/not_con3.asp?par_nrod=527&flag=TA

²⁴ PALOMBO, Darci Maria Pascoal. Clube Campineiro de Regatas e Natação – Oitenta e dois anos de História, Oitenta e dois anos de Glórias. Impresso pelo Clube na Bandeirantes Indústria Gráfica. 2000. Pág.71.



Figura 11 - Cochos do Rio Pinheiros nos anos 20. Imagem da edição especial - Notícias do SESC Verão - em Pinheiros. São Paulo. Painel artístico “Molhares” De olho no Pinheiros. 22 de janeiro de 2008. Fonte: Centro de memória Hans Nobiling do Esporte Clube Pinheiros.

Mesmo com o cocho havia os que se consideravam mais aptos e capazes de nadar em toda a extensão do rio, de compreender seus mistérios. Desvendá-los era uma aventura e um



Trampolim de madeira

ato de coragem, mas também, de consequências trágicas. Em 15/04 de 1923 se afogou nestas águas Alberto Lago. Fato que fez do Rio Atibaia um ambiente assustador. Precisou de grande empenho de toda a diretoria do Clube para reverter esta impressão deixada.

Outra construção significativa no Rio Atibaia foi o

Figura 12 – Trampolim de Madeira. PALOMBO, Darci Maria Pascoal. Clube Campineiro de Regatas e Natação – Oitenta e dois anos de História, Oitenta e dois anos de Glórias. Impresso pelo Clube na Bandeirantes Indústria Gráfica. 2000. 75.

trampolim, feito com tábuas de madeira para saltos de até três metros. Esta edificação, por muito tempo, serviu para os

“espetáculos” do corpo em que se confrontava não apenas a habilidade física na água, mas, também, a coragem dos que dele saltavam. Parece que ali, neste tipo de atividade aquática, jogos de força, coragem, equilíbrio

e precisão tiveram lugar. O trampolim é, assim, um exemplo paradoxal de como ao criar um Clube ampliam-se as experiências de contato com a água, mas, ao mesmo tempo de restrições. No caso do trampolim, a experiência de procurar um lugar para saltar na água, como por exemplo, uma pedra – nem alta, nem baixa, mas da altura do medo ou do desejo de quem vê nela condições de saltar é suprimida pela presença e obrigatoriedade das regras do Clube em usar o trampolim. Normas de conduta são criadas, padrões corporais são imitados e as formas de saltar já não são mais as mesmas de quando se saltava “da pedra”.

Inúmeras alterações foram feitas na região onde se instalava o Clube com o objetivo de torná-lo apazível. Porém torná-lo apazível era também torná-lo *civilizado*. Um espaço *selvagem* a ser reorganizado para receber os que ali se destinavam em busca de divertimento, de ampliação de suas relações sociais, ou, simplesmente, de praticar um esporte aquático. Uma nova relação surge entre este grupo de campineiros e seus corpos, por meio deste novo espaço ocupado e suas águas.

O jornal do Clube no ano de 1934 chama a atenção para as transformações ocorridas no espaço físico das instalações do Arraial dos Souzas, em seus dezessete anos de existência.

“Na praça de esportes do Arraial dos Souzas, installada no aprasivel Parque Sousapolense de propriedade da Companhia Campineira de Tração, Luz e Força, foi reconstruído e ampliado o primitivo vestiário, passando para 400 lugares a sua antiga lotação de 100. Foi construído o confortável vestiário para a Secção Feminina, que hoje está em franco progresso, cuja falta de há muito vinha sendo sentida. No lugar da antiga garage de barcos, foi levantada outra esplendida e de maior capacidade, recentemente inaugurada, capaz de attender o formidável movimento da Secção de Remo. Isto sem contarmos os pequenos melhoramentos, como corte do barranco, etc., que constantemente são feitos no parque.” (ORGÃO DO CLUBE CAMPINEIRO DE REGATAS E NATAÇÃO, 1934, Anno I, Nº 07)

Aos poucos aquele espaço deixa de ser apenas mais um trecho do Rio Atibaia e toma a forma do Clube Campineiro de Regatas e Natação. Novos valores e sentidos são dados

aos espaços ocupados. Do primeiro traçado construído pela natureza, à “formosa reta”, outros foram construídos pelas várias comissões responsáveis pelas “benfeitorias” do Clube.

Caminhos de passagem, cercas delimitadoras, quiosques, prédios, mesas e outros mecanismos arquitetônicos, silenciosamente, moldam os espaços e os corpos e determinam as relações com a água. Assim como a “cidade” procura se distanciar de sua imagem colonial, o Clube procura se distanciar deste ambiente, domesticando a natureza, restando assim, muito pouco do que fora o Clube em seus inícios.

O sistema de transporte sempre foi uma dificuldade enfrentada pelo Clube até a década de 40, período em que o transporte coletivo entre Campinas-Sousas e Joaquim Egídio passou a ser feito pela Empresa de ônibus Irmãos Bortolotto. O Transporte até o Clube em seu início era feito por um bonde elétrico com horários determinados o que dificultava um fluxo maior de indivíduos freqüentando o Clube.

A Companhia Campineira de Tração, Luz e Força colocou nos finais de semana um horário extra, no final da tarde, para que os que fossem para o Clube pudessem voltar ao fim do dia, ditando, assim, um ritmo novo para seus usuários, um ritmo dado pelos horários do transporte. Assim, poderiam sair de Campinas as 08:00h ou 12:30h e voltar as 17:00h. As 16:15 soava um sino avisando aos que estivessem no rio ou em outras partes do Clube que era hora de tomar banho e se preparar para pegar o bonde²⁵.

Outras normas faziam parte deste espaço que agora era o Clube Campineiro de Regatas e Natação. Até 1937 os homens não podiam nadar de peito nu e as mulheres somente com maiô de perninha. Para que isso fosse possível foram necessários vários abaixo-assinados e reuniões da diretoria, convencida após confirmarem que vários outros Clubes náuticos na cidade de São Paulo já permitiam estes trajes.

Na hora do Lanche era obrigatório trocar de roupa e colocar, os homens, calça, camisa, gravata e paletó, pois não era permitido circular pela área do Clube em trajes menores. Nas primeiras décadas de existência, não havia no Clube um bar e era expressamente proibida a entrada de bebidas alcoólicas²⁶.

²⁵ PALOMBO, Darci Maria Pascoal. Clube Campineiro de Regatas e Natação – Oitenta e dois anos de História, Oitenta e dois anos de Glórias. Impresso pelo Clube na Bandeirantes Indústria Gráfica. 2000. Pág.376.

²⁶ PALOMBO, Darci Maria Pascoal. Clube Campineiro de Regatas e Natação – Oitenta e dois anos de História, Oitenta e dois anos de Glórias. Impresso pelo Clube na Bandeirantes Indústria Gráfica. 2000. Pág.376.

AS PRÁTICAS

O REMO

Como o próprio nome sugere, o objetivo do Clube Campineiro de Regatas e Natação era iniciar na Cidade de Campinas a prática do remo e da natação. Práticas já difundidas pelo Brasil, no final do século XIX e início do século XX em praias da região sudeste como em Santos e Rio de Janeiro, como também, as margens de rios como o Tietê e o Pinheiros, em São Paulo, lotavam de pessoas dispostas a ver o “espetáculo” das regatas e da natação.

Sendo Campinas uma cidade de muitos córregos e poucos rios de grande porte o Clube ficou localizado distante da área central e urbanizada, e se transportar para lá não era uma tarefa fácil como mencionamos anteriormente. Porém, o desejo de ter em Campinas um local que representasse em conjunto com outras transformações da cidade a idéia de progresso e civilidade, era mais forte.

Foi o Remo o primeiro esporte a alavancar estes ideais. Um ano após a constituição do Clube seis barcos foram adquiridos, três de portes maiores e três menores, em 30 de março de 1919²⁷ em meio a uma festa estas embarcações foram lançadas ao Rio. Páreos de remo com variadas distâncias foram feitos. Ainda que resquícios da gripe espanhola tenham, em parte, minguado o brilho da festa, o evento marcou o início na cidade de Campinas de uma nova relação entre este grupo de Campineiros e as águas do Rio Atibaia.

Práticas corporais ao ar livre já eram consideradas benéficas e praticadas na cidade. No entanto, em Campinas, foi a partir do surgimento do Clube que costumes voltados para a prática de atividades em ambiente aquático foram iniciados.

A prática do remo vem para cumprir em Campinas um papel já desempenhado em outras cidades como, por exemplo, o Rio de Janeiro, isto é, “na medida em que disciplinava os corpos, hierarquizava os espaços e divulgava um novo estilo de vida baseado no ideário “mens sana in corpore sano”. (FARIAS, 2004, p. 2)

²⁷ BRITO, Jolumá. História do Clube Campineiro de Regatas e Natação na passagem de seu cinquentenário de fundação 1918 – 1968. 1968. Centro de Memória da Unicamp. 1968. Pág.29.

No Remo é o próprio homem ator principal de seus feitos, pois é a força humana que move o barco e o corpo nas regatas passa a ser objeto de apreciação. É o corpo e a técnica corporal que animam os eventos, e um belo corpo será assim evidenciado pela pouca roupa, muitas vezes colada pela água. Quanto mais esteticamente perfeitos estiverem os corpos, quanto mais habilidade e primor forem vistos no espetáculo esportivo, mais próximos estarão os protagonistas dos padrões de saúde, das virtudes e caráter desejados.

Segundo definição da Confederação Brasileira do Remo, este é um esporte no qual “um barco se desloca com ou sem timoneiro²⁸ pela força muscular de um ou mais remadores, usando remos como alavancas e sentados de costas para a direção do movimento do barco²⁹”.

O barco a remo usado a princípio como uma forma do homem se locomover sobre a água para diversos fins, tornou-se também uma forma de vencê-la e vencer igualmente um adversário. A proposta de uma regata é, a partir de regras pré-determinadas e na posição descrita acima, realizar uma corrida com duas ou mais embarcações, competindo para atingir certa meta e disputando o prêmio de velocidade.

Nestas competições o sócio freqüentador do Clube é também atleta representante dele, é um indivíduo audaz que enfrenta as correntezas do rio e as intempéries da natureza. São indivíduos fortes e saudáveis e de seus corpos emana vitalidade. Quando retratados colocam-se em posições que valorizam suas virtudes e qualidades físicas.

São eles também que mantêm uma relação de conflito com a água, para beneficiar-se dela deve vencê-la. É na luta com este elemento da natureza que os músculos de seus corpos são enrijecidos, é na resistência que ela oferece a cada remada, ainda que “a favor” da correnteza que seu vigor se aprimora.

Técnicas e tecnologias são criadas para conseguir o melhor aproveitamento possível da relação homem, embarcação e água. O Rio Atibaia passa a ser estudado, pois é necessário conhecê-lo em detalhe, esquadrinha-lo para que seus remadores possam, nele, explorar tanto as possibilidades do rio quanto as suas próprias capacidades e habilidades físicas.

Para que houvesse treinamento, muitos dos atletas do Clube seguiam para o Arraial dos Souzas através do bonde das 19:00h, dormiam lá e as 05:30h da manhã iniciavam o

²⁸ Timoneiro - Aquele que governa o timão da embarcação; o homem do leme.

²⁹ Disponível em: <http://www.cbr-remo.com.br/> Acesso em: 03/02/2007.

treino que ia até as 07:00h quando então, se arrumavam e pegavam o bonde para chegar ao trabalho, na área urbana de Campinas, as 08:00h³⁰.

Estes treinamentos serviam para deixá-los preparados para as competições internas e as externas. Desde sua constituição, o Clube mantinha comunicação com vários clubes similares das cidades de São Paulo e Santos, com os quais disputava alguns campeonatos. Eram eles: Associação Atlética São Paulo (1914), Clube Espéria (1899), Clube de Regatas Tietê (1907), Associação Atlética das Palmeiras (1902), Vasco da Gama de Santos (1911), o Clube Internacional (1898) e o Tumiarú, também de Santos, além do Clube de Regatas de Piracicaba com quem manteve acirradas competições ao longo de sua existência dada sua proximidade geográfica.

Alguns remadores programavam também as chamadas reides, longas excursões pelo rio Atibaia até outras cidades, estados e até mesmo países. Algumas até a cidade de Piracicaba, outras até o Rio Tietê, Mato Grosso, Argentina.

Desta forma não foram experimentadas somente as águas do Rio Atibaia, mas, também, as águas atlânticas que banhavam Santos e que possibilitaram novas experiências a estes remadores em que saber nadar era indispensável.

³⁰ BRITO, Jolumá. História do Clube Campineiro de Regatas e Natação na passagem de seu cinquentenário de fundação 1918 – 1968. 1968. Centro de Memória da Unicamp. Pág.29. PALOMBO, Darci Maria Pascoal. Clube Campineiro de Regatas e Natação – Oitenta e dois anos de História, Oitenta e dois anos de Glórias. Impresso pelo Clube na Bandeirantes Indústria Gráfica. 2000.Pág. 376.

OS BANHOS DE RIO E A NATAÇÃO

Devido a baixa de nível das águas do Atibaia, a ocasião agora é muito própria para se aprender a nadar. Além do rio estar dando pé em quase toda a sua largura, temos ainda a considerar a temperatura simplesmente deliciosa da água. (ORGÃO DO CLUBE CAMPINEIRO DE REGATAS E NATAÇÃO, 1934, p. 6, Anno III, N°7)

As práticas esportivizadas surgem como mais uma possibilidade de aprimoramento físico e moral da nação brasileira, quesitos necessários para alcançar o progresso e a civilidade almejados. Os campineiros pertencentes ao Clube se colocam, desta forma, dentro do círculo daqueles que estão sintonizados com estes ideais. Rumo aos objetivos desejados para a preparação desses corpos “saudáveis”, além do trabalho vigoroso das regatas, a nataação desempenha semelhante papel.

Até que construíssem o cocho de nataação, ampliando assim a quantidade de indivíduos em contato com as águas do Rio Atibaia, só os mais afoitos se aventuravam em entrar nele e arriscar algumas braçadas. O mesmo cabia aos que desejavam banhar-se apenas, pois ainda que a região escolhida para sediar o Clube fosse uma parte tranqüila do rio, ele era cercado de mistérios a serem descobertos. O contato com o ambiente do Rio Atibaia para tais práticas coloca este grupo de freqüentadores do Clube em uma relação direta com sua água fria e corrente, assim como, as diferentes formas de se relacionar com ela trazem novas configurações ao contexto descrito aqui.

O banho já faz parte dos preceitos higiênicos e é recomendado como uma ação indispensável à proteção do que Belisario Penna chamou, para ensinar o povo, em seu texto “Pequenos cuidados hygienicos³¹” de *“pelle, pelle de fora, e ás mucosas, de pelle de dentro”* (PENNA, 1918, p. 15-16). Frisa assim, a necessidade de adquirir o habito de banhar-se com água e sabão para:

³¹ Belisario Penna. Pequenos cuidados higiênicos. Revista do Brasil. Publicação mensal. No. 33. Anno III. Volume IX. Setembro de 1918. São Paulo. Pág.15-16. “A defesa do individuo.” Revista encontrada no Centro campineiro de ciências letras e arte.

desobstruir os poros da pelle de poeiras exteriores, e de detritos da própria secreção, afim de que se realize normalmente a respiração cutânea, tão necessária e importante quanto a respiração pulmonar, bem como a sudorese ou transpiração, fonte de eliminação de elementos rejeitados pelo organismo.

O banho aqui tem função explicitamente higiênica, limpar os corpos para afastar as tão temidas doenças. São tomados em ambiente doméstico e a água varia sua temperatura. Porém, não podemos afirmar que seja um hábito já consolidado entre a população campineira.

A palavra banho encontrada no Dicionário Virtual de Português Aurélio/Século XXI significa a “*imersão total ou parcial do corpo em líquido, especialmente água, para fins higiênicos, terapêuticos ou lúdicos*”. Mas, banhar-se no Rio Atibaia é menos se limpar ou tratar-se, e muito mais fortalecer os músculos, e entregar-se aos jogos e divertimentos. Podemos pensar, ainda, no que a água fria pode produzir de sensações como, por exemplo, o enrijecimento da musculatura ao seu contato, e o como isto pode ser associado ao fortalecimento geral do corpo e a manutenção da saúde.

Segundo Vigarello (1996) em seu livro – O limpo e o sujo: uma história da higiene corporal - na segunda metade do século XVIII na França a água fria ou o frio da água e suas conseqüências no corpo adquirem destaque. O frio contrai o corpo e as vantagens atribuídas ao banho frio alteram o significado de práticas já existentes como o banho de rio, antes reservado a jogos e alguns tratamentos isolados.

Na cidade de Paris o banho de rio passa a ser um instrumento de saúde, uma “*técnica revigorante*”. Essa idealização do vigor encontra também seu suporte social, e surge como uma “*crítica a moleza*”. Mais do que limpar, seu papel é o de fortalecer, revigorar, energizar. Algumas instituições como as escolas reais militares aderem a esse hábito, pois, “trata-se de enrijecer o futuro soldado através da exploração das virtudes da água” (VIGARELLO, 1996, p. 139). Outros colégios também se habituariam a esta prática.

Vigarello (1996, p. 140) mostra também que em 1785 é inaugurada por Turquim, em Paris, na Ponte de La Tournelle no Rio Sena uma escola de natação. Turquim associa ao banho de rio a natação, considerada por ele seu complemento. Um espaço novo e controlado, delimitado por quatro barcos amarrados uns aos outros formando uma área interna retangular cercada por

cabines. Um estabelecimento de higiene, um lugar de tonificação corpo. A proposta é acentuar os efeitos salutareos do banho de rio. O que conta é o movimento dentro da água fria e as reações orgânicas ocorridas. Como aponta Vigarello (1996, p. 141) ao trazer um trecho dos discursos existentes na época sobre a água fria e a natação, e que são base dos conhecimentos de Turquim:

A natação tem vantagem sobre o banho simples, pois os movimentos fortes e repetidos feitos para vencer a resistência da água são bem mais favoráveis para fazê-la penetrar interiormente e tornar mais flexível a atividade muscular de todas as partes do corpo, possibilitar a secreção e as excreções mais fáceis e mais favoráveis, aplicar em suma o selo da saúde sobre as melhores constituições. (MACQUART, 1783, p. 347)³²

Da mesma forma no Rio Atibaia, banhos de rio e natação estavam juntos, mas, nem todos que se banhavam, também nadavam. A natação coloca seu praticante em confronto direto com as águas do rio, o que não era recomendado para todos. Saber nadar é saber dominar um meio incomum, a água tem propriedade que são diferentes de outros ambientes e difere também de um lugar para outro. Diante disto, o Clube adota algumas normas para coibir excessos e abusos dos mais afoitos³³.

Neste início do século XX no Brasil, especialmente em São Paulo, de onde os campineiros se apropriam de informações e costumes, com a ampliação dos espaços destinados às práticas corporais aquáticas, as recomendações e esclarecimentos sobre estas formas de trabalhar o corpo recebem cada vez mais e maior atenção.

Em 1939, o Dr. A Vicente de Azevedo³⁴ escreve, na Revista Viver, texto intitulado “A natação e a Higiene – do nariz e dos ouvidos”, cuja proposta é trazer aos seus leitores algumas informações consideradas por ele importantes para aqueles que vão se dedicar a natação, um esporte aquático que, portanto, tem particularidades que devem ser observadas. Inicia seu texto com uma afirmação sobre os benefícios da natação:

³² A citação usada por Vigarello é de L.C. Macquart. *Manuel sur lês propriétés de l'eau*. Paris, 1783. pág. 347. In: VIGARELLO, Georges. O limpo e o sujo. São Paulo. Martins Fontes.1996. Capítulo: O imaginário do banho frio. Pág. 128-146.

³³ PALOMBO, Darci Maria Pascoal. Clube Campineiro de Regatas e Natação – Oitenta e dois anos de História, Oitenta e dois anos de Glórias. Impresso pelo Clube na Bandeirantes Indústria Gráfica. 2000. Pág. 315.

³⁴ AZEVEDO, A. Vicente. A natação e a Higiene – do nariz e dos ouvidos. Revista viver. São Paulo. Ano I. Jun/Jul. 1939.

A natação é um dos esportes mais completos para o desenvolvimento harmônico da musculatura e dos órgãos de maior importância vital do organismo. Assim, não somente os músculos de todo o corpo humano entram em atividade, durante os exercícios de natação, como também a capacidade respiratória aumenta por meio deles, e a circulação sanguínea adquire maior vigor. Do ponto de vista psíquico, também a natação exerce seus efeitos benéficos, reforçando a coragem e a confiança em si. (AZEVEDO, Revista Viver, Ano I, Jun/Jul de 1939)

Segue escrevendo sobre as particularidades dos diferentes ambientes onde é possível se praticar a natação como o mar, os lagos, os rios e as piscinas públicas ou particulares. Segundo Dr. Azevedo as águas do mar são as mais apropriadas para praticar o esporte da natação por dois motivos: o primeiro por terem estas águas maior densidade que as outras facilitando a flutuação e o segundo porque o contínuo quebrar de ondas na praia a torna mais higiênica.

Para o Dr. Azevedo as águas dos lagos e rios são “*verdadeiros ninheiros dos mais variados germes*” e quanto mais próximo das áreas urbanas pior. Nestas áreas, o melhor mesmo, é a piscina cuja água é tratada com o cloro que combate os germes. Entretanto, alerta o médico, é necessário tomar os devidos cuidados com o excesso deste produto químico que, mal empregado, pode irritar a pele e as mucosas, principalmente dos olhos e nariz, abrindo assim as portas para as infecções.

Na continuidade do texto escreve sobre a importância da boa respiração ao nadar indicando os melhores estilos para sua prática:

O moderno estilo de natação, o “crawl”, favorece sobremaneira a aspiração de água pelo nariz, especialmente entre os principiantes. Já esse inconveniente não se verifica na natação de costas e no estilo francês, isto é, de braçadas duplas. Por tal motivo são estes os estilos mais aconselháveis quando se deseja poupar o aparelho respiratório superior. (AZEVEDO, Revista Viver, Ano I, Jun/Jul de 1939)

Por fim escreve sobre os perigos da água que entra no nariz e nos ouvidos. Sobre os riscos que um indivíduo corre ao deixar que a água que penetrou no ouvido por lá fique, principalmente quando há perfuração do tímpano. Alerta para a água fria que pode levar a vertigem labiríntica pelo choque térmico ocorrido, o que pode conduzir a um acidente pela desorientação causada.

Era comum, neste período, que os esportes fossem recomendados e orientado por um médico, que classificava o tipo de organismo e a prática mais adequada a ele. (DALBEN, 2009, p. 105)

Se do ponto de vista psíquico, para Azevedo, a natação reforça sentimentos de coragem e confiança, aqueles que dominam o rio com suas técnicas, associadas a esta coragem e confiança, seriam considerados heróis. Sejam nas regatas, nos páreos de natação, nos saltos do trampolim ou em situações como a ocorrida em 1937 quando um grupo de pessoas em uma lancha de propriedade do Sr. Castro Mendes teve problemas. A lancha começou a afundar com dezessete passageiros que não sabiam nadar, mas que foram salvos pelos frequentadores do Clube, exímios nadadores³⁵.

Foi o desejo de estender este esporte tão benéfico às crianças e às mulheres que levou a construção do cocho, artefato que oferecia melhores condições de segurança e controle do ambiente aquático frequentado. Em 1922, para ampliar este conhecimento, a partir da proposta de Benedito da Cruz Passos, cartazes contendo explicações sobre os benefícios da natação foram fixados em várias casas de comércio da cidade para chamar a atenção dos campineiros para esse “salutar” esporte³⁶.

Diante de uma aproximação regular com a água e o aprendizado de técnicas para vencer sua resistência o clube se viu com a possibilidade de competir em esportes aquáticos. As competições começaram principalmente contra o clube de Regatas de Piracicaba, existente desde 1907.

Conta Palombo (2000, p. 315) que algumas competições “eram realizadas entre meninos de 7 a 12 anos, na distância de 50 metros, no Rio Atibaia, notando-se grande entusiasmo entre as principais famílias campineiras, por toda década de 20.”

³⁵ PALOMBO, Darci Maria Pascoal. Clube Campineiro de Regatas e Natação – Oitenta e dois anos de História, Oitenta e dois anos de Glórias. Impresso pelo Clube na Bandeirantes Indústria Gráfica. 2000. Pág. 334.

³⁶ Idem, p. 315.

Pela dificuldade em se deslocarem para o Arraial de Sousas, em 1923 os competidores mais entusiasmados do Clube decidiram improvisar próximo à área urbana de Campinas, na Vila Industrial, uma piscina. Um reservatório para conter água, chamado de “Tanque do Manecão” foi adaptado, construindo dentro dele um tablado de madeira para dar a idéia de uma piscina. Todos os dias às cinco da manhã José Mércio Xavier e Yahn Neto treinavam as técnicas dos nados, com essa iniciativa os que ali se dispuseram a treinar, começaram a se destacar³⁷.

Outros objetivos, para além da relação com a água se mostram em atitudes como a colocada acima, em que, representar o Clube em competições externas significava também representar a cidade de Campinas, como uma vitrine, que mostra o que tem de melhor.

A importância de se mostrar como uma instituição preocupada com questões da cidade aparece quando por iniciativa do Clube são ministradas aulas de natação ao corpo de bombeiros de Campinas para que estes possam ampliar suas possibilidades de resgates em rios e lagoas.

³⁷ PALOMBO, Darci Maria Pascoal. Clube Campineiro de Regatas e Natação – Oitenta e dois anos de História, Oitenta e dois anos de Glórias. Impresso pelo Clube na Bandeirantes Indústria Gráfica. 2000. Pág. 315.

O SALTO DO TRAMPOLIM OU SALTOS ORNAMENTAIS³⁸



Figura 13 - Clube Campineiro de Regatas e Natação.
Campinas, SP, [192_?]. Coleção V-8 . Centro de Memória Unicamp.

³⁸ As informações contidas aqui sobre o esporte foram baseadas no Atlas do esporte no Brasil no item Saltos Ornamentais. DACOSTA, Lamartine (Org). Atlas do esporte no Brasil. Rio de Janeiro. Confef.2006. Saltos Ornamentais. Fernando Teles Ribeiro, Alice Kohler, Giovani Casilo e Lana Peres.

Saltar do trampolim significa “projetar-se no ar e conduzir o corpo a uma queda controlada no espaço para imergir-se na água” (DACOSTA, 2006, p. 241). Trata-se de uma prática considerada como esporte aquático em que a superfície da água é utilizada, apenas, para a finalização do salto e com a menor movimentação da água possível. Ao projetar-se no ar o saltador executa diferentes manobras que exigem dele uma precisão que começa desde sua saída do trampolim ou plataforma até chegar à água. O salto é padronizado pela altura, dimensão do trampolim e da plataforma. O trampolim, que é flexível, pode ter a seguinte medida: um e três metros; a plataforma fixa pode ter três medidas diferentes: cinco metros, sete metros e meio e dez metros.

Não se saltam destas edificações sem um mínimo de treino, de conhecimento do corpo e de suas habilidades, da relação de composição necessária entre o corpo, a água e a edificação. Além de colocar em jogo todas as capacidades físicas como força, flexibilidade, coordenação neuro-muscular, consciência corporal e orientação espacial, o indivíduo que salta do trampolim é também alguém considerado audaz, corajoso, que possui autoconfiança e concentração, o que faz desses momentos no Clube, um espetáculo.

Esta prática de salto na água, considerada esporte, foi iniciada no norte da Europa em países onde a ginástica era muito popular como Alemanha e Suécia. No período do verão os aparelhos de ginástica eram levados para a praia e montados em plataformas altas ou píeres de onde os ginastas se projetavam executando seus movimentos e caindo na água. Em 1904 estreou como modalidade esportiva nos jogos Olímpicos de Sant Louis. No Brasil, os principais registros dos saltos ornamentais datam do início do século XX às margens do rio Tietê, em São Paulo, no Clube Espéria, mais precisamente, em 1911.

No Clube Campineiro de Regatas e Natação o primeiro trampolim construído é o que vemos na imagem anterior, um artefato construído com algumas tábuas fixadas na beira do rio por troncos de árvores. Somente em 1938 que esta edificação foi trocada por outra mais elaborada e possivelmente porque uma construção toda de madeira sofre desgaste com o tempo e pode oferecer perigo aos que dela faz uso.

Este não foi um esporte que o Clube obteve ganhos significativos em competições externas, porém esta edificação no espaço do Clube era bastante aproveitada para jogos e divertimentos entre seus frequentadores. As festas náuticas eram momentos em que aqueles que se entregavam a esta prática podiam expor suas habilidades e coragem.

OS FREQUENTADORES

A constituição do Clube teve em sua formação inicial um grupo de homens que conduziram seu primeiro ano de construção, principalmente física, “...as picaretas, enxadas, enxadões e pás foram os primeiros instrumentos “esportivos” manejados pelos abnegados diretores e pequena legião de associados...”(PALOMBO, 2000, P. 73). Era um desejo de homens progressistas, da elite campineira, ter na cidade um clube com esta finalidade.

Conta-se no livro dos oitenta e dois anos de sua existência, ao fazer menção ao relatório da primeira diretoria que “diversas senhoritas, fascinadas pelos benefícios do esporte náutico, passaram a cultivá-lo com verdadeiro amor e com grande dedicação.” (PALOMBO, 2000, P. 74). Não foram encontrados, no entanto, principalmente nas duas primeiras décadas, relatos, imagens ou artigos que apresentassem melhor a representação feminina no Clube.

Das poucas citações encontradas sobre a presença da mulher nas águas do Rio Atibaia a Revista “A Onda” traz um aviso sobre uma festa de entrega de prêmios que seria dia 07, mas foi para transferida para dia 21 de Agosto de 1921 e que com isso,

nada se perderá, pois o espaço de tempo que medeia entre as duas datas, permitirá que as provas se tornem mais interessantes, dado o maior preparo dos respectivos concorrentes e das concorrentes, porque é preciso que se note que também haverá provas, nas quaes tomarão parte distinctas senhoritas da nossa melhor sociedade. (A Onda, 1921, Anno I, N°7). Grifos meus.

Porém nas edições seguintes não foram encontradas quaisquer notas sobre a festa de entrega dos prêmios ou sobre o desempenho das mulheres na prova.

Silvana Vilodre Goellner (2008) em seu artigo – “As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil início do século XX” – discute a importância atribuída ao esporte na política de fortalecimento da população brasileira branca e o investimento feito no fortalecimento do corpo feminino, pois só este corpo forte poderia gerar uma raça forte e pura.

Clubes como os de regatas, por terem em sua raiz cunho aristocrático, familiar e saudável, passam a ser um lugar apropriado para o desenvolvimento deste corpo predestinado a maternidade. Um lugar onde estas “*distinctas senhoritas da nossa melhor sociedade*” podem aprimorar seus corpos “sem lhe destituir a harmonia das formas, a beleza e a graciosidade” GOELLNER, 2008, p. 14), grande temor que a prática da atividade física e do esporte despertavam.

Ainda que este forte discurso se fizesse presente, conflitos quanto a sua aceitação existiam, o que podemos notar a seguir. Francisco Simões Sequeira³⁹, primeiro secretário do Presidente Alberto Vieira dos Santos entre 1924 e 1927, relembra em 1957, em um artigo para o jornal Diário do Povo, o ano de 1924. Neste artigo, conta das dificuldades que o Clube enfrentava naquele ano.

[...] o desanimo, a má vontade da mocidade que não gostava de praticar esporte; o medo de morrer afogado no Atibaia, que diziam perigosíssimo; as moças que nem de longe pensavam em vestir um maiô para não ficar em promiscuidade com os rapazes; a falta grave que isso acarretava e a proibição da igreja que vai⁴⁰ nisso grave atentado à moral[....] (grifos meus)

Foi só em 1925 que propuseram aceitar como sócia a primeira mulher. O que nos leva a pensar que durante estes sete anos de vida do Clube sua participação só se daria na dependência de uma figura masculina cuja posição era a de sócio titular.

Em sua maioria elas estão lá como madrinhas dos barcos das competições, ou, no papel de espectadoras, de torcedoras atentas aos feitos de bravura masculina que traduzem os novos tempos que estão presentes naquela situação. É pouco identificável a presença ou participação de mulheres nas competições, seja na condição de praticantes de alguma modalidade, seja na condição dirigentes/organizadoras.

O que também é identificado por Ana Maria Mauad (1990), em seu estudo sobre as representações na fotografia dos novos comportamentos da burguesia do Rio de Janeiro no

³⁹ SEQUEIRA, Francisco Simões. 1924: um ano crítico na vida do C.C.R.N., da abnegação de um grupo de esportistas, regateiros de coração, dependeu a existência do Clube. Diário do Povo, 10 de Jan. 1957. Centro de Memória da Unicamp.

⁴⁰ Como o texto é uma cópia na íntegra de como está escrito no artigo, mantenho aqui as palavras que foram escritas de forma errada, como aqui, onde se lê “vai”. O que sugere ser a palavra “via”.

início do século XX. Afirmar a autora que muitas situações ligadas às práticas esportivas eram retratadas, e que por meio da imagem valores culturais, e uma consciência de posição social eram construídos.

Em suas observações percebe uma diferenciação na forma em que homens e mulheres são retratados. As imagens masculinas são associadas à ação e poder enquanto que as femininas são associadas a família, a casa e a um tipo de divertimento que a configura quase que exclusivamente como espectadora.

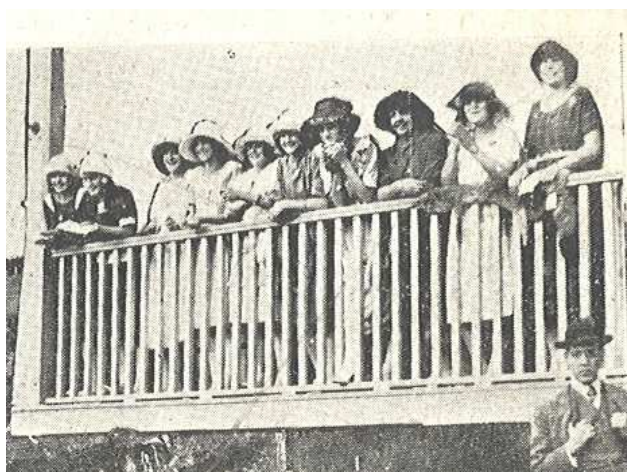


Figura 14 – Pavilhão de danças. Recorte do canto direito da fotomontagem feita por Zico Villela das comemorações do terceiro aniversário do Clube. Imagem completa na pág 17 deste texto. Revista “A Onda”. Anno I, Nº. 4. Campinas, 26 de Junho de 1921. Centro de Memória da Unicamp.

Nas imagens sobre o terceiro aniversário do Clube vemos que esse tipo de representação acontece. O remo, a natação e os saltos são práticas esportivas que exigem de seus praticantes força e coragem. Parece que essas práticas, quando atingem o status de *práticas esportivas competitivas*, conduzem ao desafio do outro, de si e, sem dúvida, em relação ao próprio rio. As mudanças na estética corporal relacionadas à imagem masculina são notadas graças às características destas práticas corporais em destaque e demonstradas por meio da postura altiva que aparecem nas imagens.



Figura 15 - Guarnições ganhadoras e suas madrinhas. "A brilhante festa em comemoração do terceiro aniversário da sua fundação, realizada a cinco do corrente – vários aspectos da festividade". Imagem de Zico Villela. Revista "A Onda". Anno I, Nº. 4. Campinas, 26 de Junho de 1921. Centro de Memória da Unicamp.



Figura 16 - Clube Campineiro de Regatas e Natação. Campinas, SP, [193_]. Coleção V-8 / Centro de Memória – Unicamp

Características comuns do universo das práticas corporais como o esforço físico, o suor, as competições acompanhadas da rivalidade e de fortes emoções, a liberdade de movimentos, seminudez quando relacionados às mulheres a distanciavam da imagem construída do ser feminino. Despertando críticas por parte de moralistas, médicos, juizes, religiosos e mesmo outras mulheres portadoras de rigidez moral. (GOELLNER, 2005, p. 3)

Na década de 1930, a participação feminina no esporte adquire novos contornos e a presença de Maria Lenk⁴¹, nadadora brasileira nas Olimpíadas em Los Angeles, contribui para promovê-la.

Mudanças que são proclamadas pelo Professor da escola Superior de Educação Física de São Paulo Américo R. Netto na Revista de Educação Física no ano de 1933, e ainda que longas, merecem destaque aqui:

“ Foi o esporte que, realmente, modernizou a mulher. Antes delle a vida ao ar livre estava praticamente vedada. Chegava a conhecê-la de longe em longe, é certo, mas só em ocasiões em que os homens cuidadosamente preparavam. E restringiam...[...] Hoje, porém...Tudo mudou. O esporte chamou a mulher para o ar e para o sol. E também para a água, esta irmã gêmea do exercício. Desmente-se, assim, a secular legenda do sexo que para ser bello devia ser débil, necessária-mente.[...] Graças aos esportes, ella toma o seu quinhão – e que farto quinhão! – na grande vida das actividades phisicas. Os hábitos novos estão fazendo uma gente também nova. A languidez, tão cara aos românticos, já não existe, quasi. A saúde affirma-se. A vitalidade triumphs. Não há mais lentidões, temores nem desfallecimentos, agora que a mulher aprendeu a empunhar o volante do automóvel e do aeroplano, embriagando-se com a velocidade das machinas de correr, ouvindo e entendendo o rythmo Z-bemól dos seus motores. Ella vive hoje mais e melhor porque sente e vibra num rythmo mais rápido, mais largo também.” (NETTO, 1933, p. 23-24. In: GOELLNER, 2005. p.3)

Nesta mesma década, no Clube Campineiro de Regatas e Natação, desponta Edith Heimpel vencedora dos 100 metros nado peito no VI concurso de Natação e Saltos da Federação Paulista de Natação e outro terceiro lugar no Campeonato Paulista.

Um clube que foi constituído para o público masculino precisa aos poucos se estruturar para receber o público feminino. Para isso construir vestiários e áreas de permanência adequando o espaço a presença da mulher que precisa ser preservada moralmente, tornam-se

⁴¹ Sobre Maria Lenk ler: LENK, Maria. Braçadas e abraços: desde há cinquenta anos por amor aos desportos. Grupo Atlântica-Boa vista. 1982.

imperativos. A varanda do pavilhão de danças, na página 48 desta pesquisa, mostra um desses espaços.

Não se desvinculara por completamente o discurso que pregava a necessidade do exercício físico e o esporte para a mulher da elite como forma de gerar bons filhos, que também deveriam ser educados física e moralmente. Considerados o futuro da nação, cabia também ao Clube, engajado em fazer daquele espaço um espaço de transformação do corpo, educá-los e moldá-los.

Tinham sua presença desejada no Clube e com a construção do “cocho”, podiam experimentar a imersão na água e a prática da natação. Na imagem que segue encontramos um grupo de nadadores constituídos por homens de várias idades.



Figura 17 – Grupo de nadadores. “A brilhante festa em comemoração do terceiro aniversário da sua fundação, realizada a cinco do corrente – vários aspectos da festividade”. Imagem de Zico Villela. Revista “A Onda”. Anno I, N°. 4. Campinas, 26 de Junho de 1921. Centro de Memória da Unicamp.

Em 1935 o Clube Campineiro de Regatas e Natação levou pela primeira vez um grupo de meninos para participar da IV Olimpíada Infantil do Estado de São Paulo promovida pelo Esporte Clube Germânia. Foram vice-campeões na prova com quatro remos na distância de 3.000 metros⁴². Para treinar, iam à noite para Souza no bonde das quartas e sextas e se tornam pequenos heróis, uma imagem real das contribuições do Clube para o melhoramento dos cidadãos campineiros e da nação.

Por não ter acesso aos primeiros estatutos do Clube, não foi possível saber se suas regras se assemelhavam ou não a de outros clubes similares a ele existentes em outras cidades do Brasil. Sabe-se que para a constituição de seu primeiro estatuto uma das propostas era utilizar o estatuto do Sport Clube Internacional de Regatas e Natação da cidade de Santos. No entanto, segundo ata eles não se adaptavam aos fins deste Clube que se iniciava⁴³.

O estatuto e as regras criadas para regulamentar o uso do Clube nos ajudaria a compreender melhor quem poderia frequentá-lo e que condições. Nicolini (2001, p. 205-211) traz no capítulo X de seu livro um pouco sobre os regulamentos que regem os Clubes e as competições náuticas no Brasil.

As modalidades esportivas tiveram seu estabelecimento na Inglaterra a partir da segunda metade do século XIX em tradicionais escolas públicas como Eton, Oxford, Cambridge, Rugby cuja maioria dos integrantes pertencia à aristocracia e a alta burguesia. Os exercícios corporais feitos pelos alunos desses colégios foram separados dos momentos onde os jogos populares faziam parte, como as festas religiosas e agrárias, desligando-os dessas funções sociais. Assim, foram crescentemente se especializando e organizando em várias práticas esportivas, entre elas remo e natação⁴⁴.

Tanto as regras esportivas quanto o Código do Amador anexado a elas eram criadas por eles e para eles. Baseadas nos princípios e valores deste grupo social. Ao se expandir para outros lugares, o que aconteceu rapidamente, levou consigo esta base.

⁴² PALOMBO, Darci Maria Pascoal. Clube Campineiro de Regatas e Natação – Oitenta e dois anos de História, Oitenta e dois anos de Glórias. Impresso pelo Clube na Bandeirantes Indústria Gráfica. 2000. Pág.333.

⁴³ Idem, p.72.

⁴⁴ Para saber mais sobre o estabelecimento do esporte moderno ler: BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro. Marco Zero, 1983. BRACHT, Valter. Sociologia crítica do esporte: uma introdução. Vitória: EFES. 1997. BETTI, Mauro. Cultura corporal e cultura esportiva. Revista paulista de educação Física. São Paulo. Volume 7. No.2.1993. Págs. 44-51.

Os ingleses que chegaram ao Brasil trouxeram com eles seus materiais esportivos, e também, os estatutos e regulamentos de suas variadas práticas esportivas e seus valores específicos. Do Código do Amador os mais conhecidos são o amadorismo e o “*fair play*”. O amadorismo representa aquele que pratica o esporte por prazer e não faz dele um meio de vida e o *fair play* o comportamento deste apreciador do esporte que aplaude uma bela jogada, ainda que não seja de seu próprio time, assim como não festeja um ponto conseguido através de uma trapaça. Atitudes que representam o comportamento ético de um determinado grupo e que se expande ao acompanhá-los por outros lugares.

O regulamento para a modalidade do remo, por exemplo, trazia mais do que normas para conduzir as competições, determinando também “quem” poderia competir.

A Federação Paulista das Sociedades de Remo, que colaborou com a inclusão do Clube Campineiro de Regatas e Natação no ambiente das competições náuticas⁴⁵ acata este regulamento e seu código, desconsiderando, por exemplo, que no caso paulista, grande parte dos fundadores e criadores dos clubes náuticos na beira do Tietê são de imigrantes operários. Este código importado dos ingleses impede, por exemplo, a participação de praças e operários em geral, trabalhadores braçais, enfim, “profissão ou emprego não compatível com o nível social ou moral exigido para a prática dos esportes aquáticos” (NICOLINI, 2001, p. 208), salvo exceções em que a diretoria o aprove.

Nicolini afirma ainda que em 1933, constavam os mesmos artigos no estatuto da então Federação Brasileira de Desportos Aquáticos descrevendo-os na página 208 de seu livro.

O silêncio das fontes encontradas, que em conjunto me apresentam o Clube, sugere que mesmo que este não concorde com tudo o que apresenta o estatuto, movimento contrário a ele não aconteceu.

Também não encontrei vestígios que me mostrassem a presença de negros, serviçais ou freqüentadores pertencentes a outros grupos sociais que não a elite campineira. Foi possível apenas constatar que, em alguns momentos, o Clube ofereceu aulas de natação para alunos das escolas públicas de Campinas, em parceria com a prefeitura, conforme se pode verificar na citação que segue,

⁴⁵ BRITO, Jolumá. História do Clube Campineiro de Regatas e Natação na passagem de seu cinquentenário de fundação 1918 – 1968. 1968. Centro de Memória da Unicamp. Pág. 30,31.

Em 16 de Abril de 1930 foi promulgada uma lei municipal concedendo a quantia de Rs. 5:000\$000 anuais de subvenção ao Regatas, com a obrigação de dar assistência gratuita a 50 alunos das escolas do município, com os mesmos direitos dos sócios, devendo mais, não cobrar ingresso algum quando a promoção de suas festas no “Parque de Sousas”. Essa lei foi assinada pelo, então, Vice prefeito dr. Carlos Francisco de Paulo.(BRITO, 1968, p. 129)

Também ao Corpo de Bombeiros de Campinas foram oferecidas aulas gratuitas de natação, o que deu ao Clube o status de contribuir para a construção da cidadania campineira e do Brasil.

A ÁGUA QUE ORIENTA CORPOS

Sant'Anna (2002, p. 100) aponta que na ancestral relação do corpo com a água, as histórias de seus encontros e desencontros podem nos revelar muito, por exemplo, dos gestos, dos ofícios e equipamentos que surgem e que desaparecem diante da presença ou escassez da água. Das inúmeras experiências de higiene, das práticas de limpeza, do trabalho como, por exemplo, a extração de areia dos leitos do rio, assim como dos divertimentos do corpo em lagoas, rios e piscinas.

Em sua tese de Livre - Docência, “São Paulo das Águas”, a autora com sutileza nos apresenta uma São Paulo “intensamente vinculada à vitalidade e às fragilidades de suas águas” (SANT'ANNA, 2004, p. 10). Conduz-nos por uma cidade cujas águas se mostram de diferentes formas, água que lentamente se distancia do olhar dos homens e se esconde na escuridão dos encanamentos, e que apesar de seu trânsito silencioso e quase invisível sustenta a vida em solo firme. Água que passa e atravessa pelos corpos dos seres vivos, que segue por inúmeras direções e alcança espaços públicos e privados. (SANT'ANNA, 2004. P. 260)

Com Campinas não foi diferente... é pela água que ela nasce, é sua presença que orienta os diferentes “trajetos, sólidos ou líquidos, patentes ou escondidos” (CALVINO, 1990, p. 83-84), dos tantos corpos que nela circulam, dos trabalhos que nela ocorrem.

De poucos rios, é através dos córregos que se ergue Campinas, e é deles que constrói seus trajetos e os percursos de seus transeuntes. Trajetos que abrem não uma, mas muitas possibilidades no ir e vir dos que aqui passavam e se fixavam. Águas e corpos que se misturam e se transformam. Cursos de água que banharam espaços que se tornaram habitados e que foram se modificando no processo de urbanização do que hoje é a cidade de Campinas.

O Caminho dos Goiaes é um exemplo disto. Descobertas as minas goianas no início do século XVIII, tratou-se de abrir um caminho que possibilitasse ligar São Paulo às minas

encontradas. O Arquiteto Antônio da Costa Santos (2002) em sua tese de doutorado⁴⁶ traz em um dos capítulos a reconstituição deste caminho⁴⁷ e seu itinerário na área que se formou Campinas.

Segundo Santos, este caminho começava na divisa de Campinas com Valinhos entre os bairros hoje conhecidos como Jardim Samambaia e jardim Tamoio, seguindo pelo Carlos Lourenço e Vila Orosimbo Maia. Esse trajeto sólido era acompanhado paralelamente por um trajeto líquido, primeiro o córrego Samambaia, seguido pelo córrego Proença que segue pela avenida princesa D'Oeste, Jose de Souza Campos até o Ribeirão Anhumas que Cruza a Rodovia D.Pedro e segue pela estrada Campinas/Mogi – Mirim alcançando o rio Atibaia.

Ao passar por esse caminho e encontrar um campo extenso, pouco acidentado, e próximo a um córrego os viajantes faziam suas paradas para descanso. Três áreas como a descrita acima, foram se fixando como pouso e morada e passaram a ser chamadas de “campinhos”, tornando estes espaços abertos lugares de habitação, constituindo o que se tornou Campinas. Nestes lugares circulavam e se fixavam tropeiros, ladrões, nativos, comerciantes, fugitivos, oficiais, sesmeiros⁴⁸, como também, famílias pobres a procura de um lugar para se estabelecer cultivando roças para seu auto-sustento e abastecimento de tropas nas suas paradas.

Estes três campinhos⁴⁹ eram banhados por córregos. O campinho próximo do caminho dos goiases era banhado pelo córrego lavapés conhecido hoje como córrego Proença, e que também foi chamado de córrego das Campinas Velhas por ser o primeiro pouso.

Outro campinho se formara numa clareira próxima ao córrego do tanquinho, conhecido durante muito tempo como largo do capim onde animais iam beber água. Esta área pertencia a Barreto Leme que por determinação do Capitão General da Província de São Paulo Dom Luis Antônio de Souza Botelho Mourão, o Morgado de Mateus, ele escolheu e doou para que ali formasse o núcleo urbano. Com o crescente povoamento entre 1720 e 1770 nesta região,

⁴⁶ Das Origens ao Futuro: Compra e venda de terra e água e um tombamento na primeira sesmaria da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiá (1732-1992).2002. Sobre a reconstituição do traçado do caminho dos goiases feito por Santos ver capítulo: A configuração de uma fazenda miticamente denominada Paraíso na porta de entrada da Freguesia Campineira, pág 87.

⁴⁷ “Esta reconstituição do itinerário e da paisagem divisada no século XVIII articulou-se para o objetivo desta pesquisa, a partir da confrontação de dois conjuntos de documentos processados de modo absolutamente diverso: uma coleção de registros iconográficos e notícias de viajantes dos últimos 250 anos, e outra, representada por imagens de satélite, fotografias aéreas e cartografia contemporânea compatibilizadas por técnicas de sensoriamento remoto e sistemas de informações geográficas.” pág.87.

⁴⁸ Dono de uma sesmaria. O antigo sistema de propriedade das terras português se fazia a partir da concessão de sesmarias, que eram parcelas de terra de tamanho variável, dadas a particulares que tivessem cabedais (recursos) para produzir. In: PESSOA, Ângelo E. S. Conheça Campinas numa perspectiva histórica. Pág.26.

⁴⁹ Para saber mais sobre os “Campinhos” que deram origem a Campinas buscar: Santos (2002), Pupo (1969), Lapa(1996), Mendes(1968), Santos (2004), Pessoa(2004). Referências completas na Bibliografia deste trabalho.

para garantir e manter a autoridade do Rei foi criado um governo local. Em 1774 Francisco Barreto Leme, o proprietário desta sesmaria tornou-se o diretor e administrador daquele bairro rural, criando a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso, uma estratégia da Coroa Portuguesa na ocupação da capitania de São Paulo cujo objetivo era controlar a população pobre e livre existente ali. Para cumpri-lo foi requisitada também a presença de uma autoridade religiosa incumbida de promover a moralidade pública, principalmente por meio da catequese, realizar uniões estáveis através do casamento religioso, enterros cristãos e batismos, formando uma aliança entre autoridades civis e eclesiásticas para a condução da freguesia.

Outro pouso, ou terceiro campinho existiu no bairro Santa Cruz, conhecido ainda hoje como largo da Santa Cruz, e era utilizado principalmente pelos que vinham das minas de Goiás. O pouso ficava entre dois córregos, o Tanquinho e o Barbosa, conhecido também como Serafim, nome do proprietário do local.

O crescimento da cidade deu-se de forma tímida, porém contínua. Neste tênue transformar via-se de início como paisagem, além de córregos, muitos brejos, pântanos e mananciais. Águas cuja presença, circulação e transporte orientam e determinam, em certa medida, a reorganização dos espaços e a educação dos corpos circulantes.

Jolumá Brito (1962) fez um rico trabalho sobre o abastecimento de água potável na cidade, transcrevendo documentos da Câmara Municipal de Campinas para tratar deste assunto. Segundo Jolumá “Campinas era uma cidade cercada de pequenas vertentes e as bicas eram agrupadas em torno da antiga Vila e onde o povo ia buscar água potável para suas necessidades diárias.” (BRITO, 1962, p. 58)

Quem não utilizava dessas vertentes ou bicas eram os que possuíam mais posses, pois estes tinham possibilidade de cavar seu próprio poço no quintal de casa ou tinha sua própria nascente dentro de sua propriedade. Existiam então: as nascentes particulares que eram cuidadas por seus donos que se abasteciam delas, e as públicas controladas pelas autoridades da cidade. Porém, isso não garantia um abastecimento regular a todos.

Solicitações vindas das autoridades e dos próprios moradores demonstram as novas necessidades que surgiam, como por exemplo, a criação de áreas planejadas onde a população pudesse se beneficiar destas águas:

se proclamou em vereança a necessidade de se passar edital...para quem quizesse arrematar e fazer por menos...tirar água de uma aguada que se acha indo daqui à mão de quem dá saída para Jundiaí, para se pôr no pátio desta villa.07 Setembro de 1800 . (BRITO, Vol. 14, 1962, p. 58)

Ou ainda a intervenção nos espaços onde existiam estas nascentes como no caso da nascente próxima a casa de Ângelo Ribeiro do Prado, discutida em sessão de 3 março de 1806 em que deliberaram:

mandar demolir uma casa que havia sido levantada por aquêle senhor, no fundo de seu quintal, em virtude de prejudicar a servidão de água dos moradores de baixo. (BRITO, Vol. 14, 1962, p. 59)

Como também a necessidade de manter os cursos de água para que estas sirvam a toda população como podemos ver no protesto do reverendo vigário Joaquim Gomes em 1810:

informando que mandara fazer um tanque para servir de lavagem e que o Alfêres Francisco José da Silva Costa abrira um valo nas suas proximidades, privando o justificante e mais o povo de se aproveitar dela”, solicitando “ a aplicação de multa de seis mil réis em que deveria ser condenado todo aquêle que se tentasse desviar o curso d’água para outros lugares. (BRITO, Vol 14, 1962, p. 59)

Deste modo é possível identificar o esboço de uma delimitação dos locais para os diversos usos das águas, por exemplo, onde os animais devem e podem beber água, ou, onde as lavadeiras devem lavar suas roupas.

Muitas foram as bicas feitas para abastecimento da população, necessitando constante manutenção. Vários eram os motivos dos consertos, como por exemplo, barragens de pedras que desmoronavam por causa das enxurradas, construção de contenções para evitar contaminação por águas podres, destruição das construções por crianças, vândalos e animais, especialmente os porcos:

O Presidente da Câmara e nós vereadores fazemos saber que sendo-nos presente os agravos e danos que os porcos fazem nos prédios, quintais, hortaliças dos moradores desta Vila e controvertendo as providências que têm dado já nas correições gerais e dos almotaceis, nenhum caso fazem de coibir os prejuízos que os porcos fazem, recolhendo-os unicamente nos dias de correições e logo passados elas tornam a soltarem-nos, fazendo desta vila fazenda de criar porcos, e outros ou recolhendo de dia e soltando de noite, indo assim fazer o mesmo dano na hortaliças como nas aguadas desta vila e suas cabeceiras...e na mesma conformidade matará a todos os porcos que se acharem nos pântanos e cabeceiras das aguadas, desde a sua nascente à corrente dela vindos as águas sujas para serventia do público, de que dê causa a várias epidemias, isto nas cabeceira das aguadas desta vila, como na cabeceira da aguada da rua direita que segue para Jundiá... Vila de São Carlos, em 28 de junho de 1811. (BRITO, 1962, Vol.14, p. 60)

Em vinte e seis de abril de 1814 acordarão mandar consertar a aguada pública com tijolos e o mais que for para a mesma fatura, o que se ordenou se fizesse com todo zelo e perfeição.(BRITO, 1962, Vol.14, p. 62)

Outras obras, além das bicas, também sofriam com as intempéries da natureza ou pela presença de pessoas e de animais. Constantes eram os reparos e novas construções de pontes, valas, canalizações e calçamentos. Porém o maior transtorno era exatamente o excesso de água, formador de brejos em grande parte da área urbana, como por exemplo: O Largo do Tanquinho, hoje largo do Pará, o Largo do Mercado, hoje Praça Carlos Gomes, o Largo Serafim, hoje Anhumas, o Brejo do Poente, onde se situa hoje o Mercado e a Rua do Brejo, hoje a Rua Irmã Serafina, que segue se tornando Avenida Anchieta. Toda esta região de grandes charcos e terrenos pantanosos exigia constante cuidado e interferia diretamente no cotidiano dos que moravam em seus arredores. A Câmara durante muito tempo designou como áreas de despejo de lixo o Largo do Mercado e o Brejo do Poente, piorando ainda mais a condição destas áreas. (LAPA, 1996, p. 203 e 261)

Durante um longo período as construções foram feitas a partir das possibilidades que o solo oferecia, buscando as áreas mais secas e deixando de lado os brejos e pântanos. Os

usos e controle da água eram simples, a água que corria no rio orientava caminhos, como também, gestos. A criação de infra-estrutura se dava através da apropriação dos recursos hídricos existentes. A fabricação de utensílios e aparelhos era feita a partir das necessidades detectadas no cotidiano de quem vivia às margens destas águas e das mudanças ocorridas à medida que sua presença ou escassez era percebida.

DE CHAFARIZES A TORNEIRAS: CORPOS SÃO EDUCADOS

Um núcleo urbano em expansão que se materializava, tornando o acúmulo de coisas uma grande dificuldade na circulação, seja de pessoas ou de águas. Ver coisas amontoadas em quintais, ruas, praças e terrenos baldios era comum: lixo, águas servidas (como se chamava a água já utilizada nas casas), entulhos, animais mortos, materiais de construção, mercadorias. Neste espaço de ruas estreitas e muros, “desimpedir” é, antes de tudo fazer circular, veicular, arejar.⁵⁰”.

A idéia não era ainda a de limpar, mas sim, de retirar os estorvos transportando e desimpedindo os trajetos sólidos e líquidos, levando as imundices para longe. “Enfim, não lavar, mas levar embora⁵¹”.

Numa carta escrita para seu amigo José Emygdio Ramos Júnior em 1894 o Maestro Carlos Gomes relembra sua infância na década de 1840 e as condições que se encontravam as ruas da cidade naquele período:

enxurradas que desciam pela Rua das Casinhas carregando tudo quanto é sapo morto, galinha podre, sapatos e chinelos rasgados, cestos, jacás; todo “pandemonium”, a despejar nos córregos que tortuosamente existiam. (BOLETIM DO CENTRO DE MEMÓRIA – UNICAMP. Campinas, Vol.7, N^o. 13, Jan/Jun de 1995. Pág.49)

Diante de novas necessidades era preciso (des)construir espaços físicos, corpos, e, elaborar novas sensibilidades. Para ordenar este novo espaço que se configura como espaço público regras de condutas são refinadas ou criadas, para atitudes coletivas e individuais a serem seguidas por este novo personagem, o homem urbano. O Código de Posturas é uma delas, é ele que vai orientar e mesmo ditar o comportamento deste novo personagem. Este documento normatizador determina em seus capítulos como deve se configurar a “cidade”.

Campinas edita seu primeiro código de posturas em 1858⁵², com nove capítulos. Suas primeiras preocupações são com as *edificações*, as *servidões públicas*, onde estão inclusos

⁵⁰ VIGARELLO, Georges. O limpo e o sujo. São Paulo. Martins Fontes.1996. Pág. 62.

⁵¹ VIGARELLO, Georges. O limpo e o sujo. São Paulo. Martins Fontes.1996. Pág. 62

os primeiros cuidados com o lixo, as águas sujas das casas e animais mortos ou circulando espalhados pela área urbana. O *abastecimento* de alimentos na cidade, sua *salubridade* mostrando cuidado especial com as vacinas e as visitas anuais em casa de morador para verificar o cumprimento ou não dessas normas.

Atentam para a presença de *animais daninhos* como a formiga e a necessidade de erradicá-los. Os *incêndios* iniciados pelas queimadas, tiros, buscapés, armazenamento de pólvora, também tinham suas multas. Penas seriam aplicadas àqueles que promoverem ou participarem de *jogos* que não fazem parte dos permitidos neste código de posturas, com especial atenção aos escravos:

“Artigo 63^o – é proibido aos escravos jogarem qualquer jogo nas ruas, praças, estradas ou cazas alheias sob pena de 15\$000 de multa ou 50 acoutes a escolha dos senhores; as pessoas livres que jogarem com escravos ou emprestarem suas cazas para isso terão a pena de 30:000 rs. E 8 dias de prisão.” (POSTURAS DA CÂMARA MUNICIPAL DA CIDADE DE CAMPINAS. 17 de Fevereiro de 1958. Centro de Memória da Unicamp)

Os *espetáculos* não ficaram de fora, seja na rua, nas praças ou arraiais devem-se coibir os excessos, assim como os que forem julgados bárbaros ou imorais pela autoridade policial.

Na última página que é também o nono último capítulo se encontram as *disposições gerais* que trazem, em seus artigos, mais uma vez, restrições aos escravos e a proibição de dar esmola para fins que não sejam da paróquia, exceto se for um pedido formal em prol de indigente.

A rua tem aqui seu papel principal, circula por ela, em sua maioria, além dos animais, trabalhadores pobres e escravos cujo objetivo é manter o funcionamento das residências e dos estabelecimentos comerciais existentes. Pela rua escorrem águas da chuva, das casas e de corpos.

⁵² Posturas da Câmara Municipal da cidade de Campinas. 17 de Fevereiro de 1958. Centro de Memória da Unicamp. Pesquisado no Arquivo da Câmara Municipal de Campinas. Mailde Jerônimo Trípoli.

Este movimento que se esforça por moldar esta área em transformação não é novidade, porém o código de postura vem para intensificar este objetivo por meio das penalidades.

Até o código de posturas de 1880⁵³ poucas alterações foram notadas, no entanto neste código, mais extenso e com nova organização é nítido que a quantidade de indivíduos que circulam pela cidade aumentou e por isso novas regras devem ser criadas.

Nos artigos 33º, 34º, 35º, do segundo título, chamado Polícia Administrativa, o código traz uma sequência de regulamentos que não existiam até então para, com eles, normalizar o comportamento dos que circulavam pela cidade:

Artigo 33º. É proibido:

1º. Conversa-se ou andar pelos lugares públicos em trajas deshonestos e indecentes.

2º. Banhar-se em fontes ou aguadas que estejam em lugares públicos a não ser com vestes apropriadas de modo a salvar-se o decoro e a moral.

Artigo 34º. É proibido:

1º. Levantar vozeirios e alaridos pelas ruas de modo que incomodem o publico, salvo no caso de implorar socorro.

2º. Proferir palavras deshonestas ou obscenas em lugares públicos, ainda que se pessoa designada como alvo dellas. Os infratores incorrerão na multa de 10\$000 e tres dias de prisão.

Artigo 35º. São prohibidos na cidade os bailes de pretos, chamados batuques e outros idênticos, salvo com licença da autoridade policial. Os infactores incorrerão na multa de 10\$ e tres dias de prisão. CÓDIGO DE POSTURAS DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS. 27 de setembro de 1880. Centro de Memória da Unicamp.

Em seu Artigo 58º. proíbe ainda aos “*morpheticos vagarem pelas ruas e praças da cidade*” . No décimo titulo – Cemiterios – Enterros – Funerais – do artigo 94º. Ao artigo 98º dedicam um capítulo inteiro a os corpos dos mortos ou “*cadaveres humanos*”. Nele proíbem

⁵³ Código de Posturas do Município de Campinas. 27 de Setembro de 1880. Centro de memória da Unicamp. Pesquisado no Arquivo da Câmara Municipal de Campinas por Mailde Jerônimo Trípoli.

enterrá-los em outros locais que não sejam o cemitério, estabelecendo também o como devem ser enterrados, sendo obrigado a apresentação de um atestado constando as causas de sua morte.

José Roberto do Amaral Lapa (1996) em seu livro - *A Cidade: Os Cantos e os Antros*. Campinas 1860/1900 – nos aproxima dessa Campinas que cresce e enriquece com as lavouras de açúcar e café. Aspira modernidade, mas tem muito ainda do que ele chamou de “componentes de caipirice”. O autor fez emergir de seus *cantos* e *antros* os corpos daqueles que dificultavam as realizações que conduzem a esta modernidade, dando ao código de posturas especial atenção.

Lugares como o mercado, pequenos comércios e as bicas que devem ser normalizados e vigiados especialmente. Frequentados por escravos e pobres livres estes são ambientes propícios à transgressão de regras, distantes do que era considerado adequado higiênica e moralmente. Havia o perigo do ajuntamento, dos excessos, pois nestes lugares de encontros onde a cantoria, a dança e as conversas livres estavam presentes, o comportamento coletivo violava as condutas prescritas.

Na busca por uma imagem “limpa” da cidade, retirar das ruas mendigos, prostitutas, bandidos, indigentes era uma tarefa de instituições como a Santa Casa de Misericórdia que cuidava de “recolher” os desvalidos oferecendo uma assistência que vinha acompanhada de disciplinarização moral e social⁵⁴.

A arquitetura não fica de fora deste processo, se antes no código de posturas de 1958 a preocupação era em organizar a construção das casas em função do crescimento desorganizado, a padronização agora vem acompanhada do aformoseamento das fachadas e ruas. A cidade também deve ser “*modelada*” para ter uma aparência de modernidade. O arquiteto Ramos de Azevedo teve grande participação nesta remodelação, com suas construções monumentais de ares cosmopolitas.

Mesmo sendo um discurso forte e um desejo maior ainda o de alcançar o conceito de cidade moderna, no final século XIX Campinas convivía com problemas estruturais graves. O esgoto que não era tratado, o lixo que era amontoado aleatoriamente, o abastecimento irregular de água compunham uma trama para o surgimento das doenças.

⁵⁴ Ver também resenha deste livro - *A Cidade: Os Cantos e os Antros*. Campinas 1860/1900 de José Roberto do Amaral Lapa (1996) feita por Denise A. Soares de Moura. Doutoranda pela Universidade de São Paulo. In: Revista brasileira de História. Volume 18 N°. 35. São Paulo.1998.

Com o crescimento da cidade e a ameaça de epidemias, era urgente providenciar melhorias no abastecimento de água, pois várias doenças como, por exemplo, a varíola, comum naquele tempo, assim como o cólera morbus, que não chegou a atingir a cidade, mas assombrava a todos, eram transmitidas pela água. Essa era preocupação antiga de seus dirigentes, pois, em 1845 surgiu a primeira proposta de construir “um chafariz mesmo, com água potável e fonte de repuxo” (BRITO, 1962, Vol. 14, p. 77), elaborada pelo vereador Diogo Benedito dos Santos Prado.

A idéia se perdeu em meio a tantos outros pedidos e só foi resgatada em 1857 quando fora enviado um ofício ao Presidente da Província “pedindo a quantia de cinco contos de réis, para a fatura de um xafariz nesta cidade” (Idem, p. 80), em resposta ao pedido o Presidente da Província colocou à disposição “oito contos de réis, sendo seis contos para serem aplicados na construção de um chafariz...” (Idem, p. 81).

Neste momento já despontava também a idéia de canalizar as águas do Bairro Alto (Hoje largo do Pará) e trazê-las para um local situado entre a Matriz e o Teatro Carlos Gomes (Praça atrás do que é hoje Catedral metropolitana de Campinas N. Senhora da Conceição) para ali ser construído um chafariz. As muitas dificuldades neste empreendimento fizeram com que essa obra, aparentemente simples, só fosse concluída nos anos de 1873.

A partir deste movimento da câmara, em 1874, estas águas foram finalmente canalizadas e vieram a abastecer os três primeiros chafarizes de ferro da cidade. Instalados em lugares espaçosos e estratégicos para utilização da população, foram colocados no Largo do Rosário, no Largo do Teatro São Carlos e no Largo Santa Cruz.

Bicas, chafarizes e bebedouros antecediavam o estabelecimento de uma rede de águas e esgotos, embora já fosse exigida uma canalização para condução da água potável. Alguns chafarizes e bebedouros eram controlados por torneiras, sugerindo um novo comportamento aos usuários da água. Como bem coloca Sant’Anna (2002, p. 104,105) :

diferente de uma fonte, que jorra água incessantemente, o estabelecimento da torneira possibilita a criação de intervalos e de cortes no jorro contínuo das águas. Facilita assim, a transformação da água num fluir que não pode ser desperdiçado, que deve jorrar apenas conforme as necessidades de cada um.

Para que este fluir da água acontecesse ou fosse interrompido através do abrir e fechar da torneira um novo gesto precisou ser aprendido. Associar tais gestos à obtenção de água requer um aprendizado, considerando que as formas de obtê-la eram, muitas vezes, através de tinhas, baldes retirando-a de poços, fontes ou riachos.

Alguns ofícios são específicos a esse momento de ter e viver a água. As lavadeiras, os fiscais de ponte, as sentinelas de caixa d'água, os aguadeiros, zeladores de chafariz entre outros. Funções que desapareceram do cotidiano atual.

No final século XIX o distanciamento entre o ambiente rural e o urbano se acelera e a cidade vivencia mudanças em sua estrutura social e cultural. Bento Quirino dos Santos político e intelectual da cidade testemunha, em 1872, os acontecimentos da época:

Oh festas de Santo-Cruz! Oh impérios do Espírito-Santo! Oh cavalcadas saudosas! Tudo passou. Em vez disso (...) chegou a civilização, fez pouso entre nós, e ahi se vão os costumes. (In: PESSOA, 2004. p. 55)

À medida que a cidade cresce, crescem também os problemas relacionados à higiene e ao saneamento, criando uma forte ligação entre políticos, médicos e engenheiros. Juntos trabalham no planejamento das mudanças necessárias para que Campinas rume ao progresso que ela vê em outras cidades e almeja para si. Aos corpos eram prescritas maneiras de ser e estar na “cidade”, e à água também era dado o seu lugar.

Com a imigração iniciada desde as últimas décadas do século XIX chegaram a Campinas, italianos, espanhóis, alemães, entre outros. Muitos foram para as lavouras de café e outros se tornaram comerciantes na área urbana. Além destes, ingleses também circulavam pela cidade contribuindo para seu processo de transformação, principalmente na função de engenheiros.

A descoberta microbiana traz à tona os perigos invisíveis até na água mais transparente e induz a novos costumes, assim como a expansão da água através de canos leva à criação de um mundo subterrâneo, invisível. Nesse processo de construção do espaço urbano na busca por ordenar e transformar, corpos e águas vivem e resistem às mudanças ao mesmo tempo em que a promovem.

As figuras do médico e do engenheiro foram importantes na construção desta nova sensibilidade em relação ao urbano. Combater o “mal” significava estabelecer medidas para

reorganizar este espaço urbano e também os hábitos cotidianos de quem nele vivia. O médico, assinalando as doenças advindas da insalubridade e as novas práticas de higiene; o engenheiro, com suas soluções para as transformações do espaço físico, sejam em ambientes públicos ou privados. Somados à transformação urbana, os empreendimentos propostos pelas autoridades públicas contrapunham-se a tudo que era considerado ultrapassado e *rural*.

Das epidemias que rondaram a cidade, a febre amarela foi a moléstia epidêmica que mais mobilizou Campinas e exigiu da saúde pública medidas para seu controle. O número elevado de mortes comprometia e representava um entrave à continuidade do progresso e modernização da cidade, afugentando seus moradores. O “vômito negro” assombrava... (SIMÕES, 1897, p. 22)

Médicos e higienistas recomendavam inúmeras práticas de limpeza do corpo, entre elas o banho. Em Campinas em 1879 existiam dois “banhos públicos”, no ano seguinte passaram para quatro e depois por volta de 1886, Lapa (1996) verificou apenas duas. Tudo indica que entre outros motivos sua existência se dá pela deficiência deste serviço nas casas e a comodidade que estas ofereciam as pessoas que estavam de passagem ou a passeio. Para estes locais a legislação sanitária exigia a máxima limpeza possível, sujeitas à multa em caso contrário.

Quanto ao banho doméstico, segundo Lapa (1996), foi admitido ao cotidiano com regularidade ao longo do período por ele estudado, sendo aos poucos reservados espaços específicos na planta da casa para estas práticas cotidianas de atendimento ao corpo. Banheiros como os existentes nos dias de hoje, é possível que tenham surgido somente depois que as redes de água e esgoto chegaram aos domicílios.

Aos poucos, neste processo de modernização de Campinas, a higiene da cidade e de seus corpos chama a atenção do poder público, das instituições e dos próprios moradores.

Medidas são estabelecidas para reorganizar este espaço urbano e também os hábitos cotidianos de quem nele vivia. Inúmeras providências são tomadas nesta direção, tais como: drenagem de espaços alagadiços, limpeza, alargamento e lavagem de ruas, mudanças no sistema de esgotos e na coleta do lixo, arborização e canalização de córregos em trechos urbanos⁵⁵.

⁵⁵ LAPA, José Roberto do Amaral. A Cidade: Os Cantos e os Antros. Campinas 1860-1900. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1996. PESSOA, Ângelo Emílio da Silva (Org.) Conhecer Campinas numa perspectiva histórica. Secretaria Municipal de Educação. Campinas. 2004.

Diante dessas novas idéias algumas iniciativas são tomadas pelos próprios moradores da cidade, como lembra Campos Salles:

Pois foi dessa tremenda catastrophe que a energia campineira, symbolizada nos seus mais illustres filhos trouxe a esta terra o seu mais importante melhoramento, com exgottos e canalisação de água potável sem igual neste Estado.(AMARAL, 1900, p. 39)

Os ilustres filhos eram os cidadãos Joaquim Quirino dos Santos, o engenheiro Antônio Francisco de Paula Souza e o Engenheiro Roberto Normanton que constituíram a Companhia Campineira de Águas e Esgoto, em 1887, que iniciou o abastecimento da cidade em 1891, provocando verdadeiro furor:

A água, depois de um trajeto de 23 quilômetros, começou a esguichar das torneiras, dos condutores, dos registros ainda não definitivamente preparados. Alagava as calçadas, corria pelas sarjetas e pelos escoadouros das casas, e por toda a parte o precioso líquido se manifestava como alegre mensageira que depois de uma longa jornada chegava ao ponto desejado. (In: MENDES, 1968, p.9)

Não é apenas a comodidade de terem água em suas casas que provoca esse furor nos moradores de Campinas, é ter água encanada e tratada o que leva para longe o fantasma das doenças. Iniciativas que se tornam decisivas na transformação dos hábitos dos moradores de Campinas e sua condição de cidade moderna. A água se torna um elemento indispensável a este propósito, e uma estreita relação é construída entre água e limpeza.

Odores antes tolerados tornam-se insuportáveis, verdadeiras ameaças de doença, uma obsessão por desodorização toma conta de todos. Uma guerra é declarada às “cloacas”, ruas insalubres e aos aglomerados de corpos, num processo que busca neutralizar e purificar os ambientes da cidade.

Da rua à casa e da casa aos corpos, a limpeza se impõe. Com o propósito de sanear a cidade e seus corpos, os campineiros são levados a adquirir novos hábitos voltados para o

cuidado de si, bem como dos espaços até então insalubres, limpando e higienizando a cidade e seus moradores.

Os terrenos pantanosos aos poucos eram drenados e dessecados para a continuidade de ruas ou novas construções. Os principais córregos que promoviam a vida na cidade, aos poucos eram canalizados e sumiam dos olhos na escuridão dos encanamentos⁵⁶.

O córrego Tanquinho que nascia no antigo bairro Alto, hoje Largo do Pará⁵⁷ passou por vários processos. O Largo onde nascia o córrego, e que por muito tempo foi um depósito de lixo da cidade, após um logo processo de dessecamento foi transformado em praça no final século XIX. Ao passar pelo trecho mais urbanizado recebeu oitenta metros de canalização⁵⁸.

Outro exemplo é o córrego do Serafim, na atual Avenida Orosimbo Maia. Ficou conhecido como córrego do saneamento após as intervenções do engenheiro sanitário Saturnino de Brito diante dos inúmeros surtos epidêmicos⁵⁹. No início do século XX, ao redor do córrego a paisagem ainda era um descampado. Após sua limpeza, momentos de divertimento em suas águas tornaram-se possíveis e desejáveis.

⁵⁶ SANTOS, João Manuel Verde dos. O saneamento de Campinas e a modernização da cidade: A implementação dos sistemas de água e esgotos (1840-1923). Dissertação de Mestrado em Urbanismo do Centro de Ciências Exatas Ambientais e de Tecnologias da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. 2004. Pág.69.

⁵⁷ Este largo foi assim denominado em homenagem ao estado onde faleceu Carlos Gomes, ilustre músico campineiro.

⁵⁸ MARTINS, José Pedro Soares. Campinas do Matto Grosso – Da febre amarela à cólera dos rios. Campinas. 1997. Pág.32,33.

⁵⁹ PESSOA, Ângelo Emílio da Silva (Org.) Conhecer Campinas numa perspectiva histórica. Secretaria Municipal de Educação. Campinas. 2004. Pág.41,42.



Figura 18 - Canal do saneamento. Campinas. SP. 1925. Coleção Geraldo Sesso Junior. Centro de Memória da Unicamp.

ÁGUAS E CORPOS: TERRITÓRIOS EM EXPLORAÇÃO

Com a superação da febre amarela nas primeiras décadas do século XX Campinas acelera seu processo civilizador, em parte graças à retomada do crescimento da população e às transformações em sua malha urbana, mas também, pela educação higiênico-sanitária que imprimiu nos campineiros novas condutas de vida e que se prolongam neste início de século.

A aceleração do ritmo de vida das grandes cidades é desejada por aqui. A palavra do momento é progresso, e em nome dele que a cidade vivencia suas transformações. Os moradores de Campinas já experimentam o impacto das novas tecnologias, muitas delas surgidas no final do século XIX, como coloca Ribeiro (2003, p. 59):

Já na primeira década do século XX, sob o impacto das novas tecnologias – introdução de novos meios de transportes, imprensa, energia elétrica, rádio, cinema, etc. – a vida dos habitantes da cidade é significativamente transformada. O cotidiano, as convicções e os modos de percepção são modificados. As noções de espaço, tempo e lazer são inventadas, reinventadas ou até mesmo instituídas.

Em “*O Monóculo*” Revista também voltada para as artes, letras e atualidades, na única edição de N.º 2 do dia 14 de Julho de 1915 na página dois, em uma seção chamada “Rabiscas”, destinada a pequenos comentários, aparece uma nota sobre um incêndio que aconteceu no Bazar da China na região central da cidade e que foi combatido por bombeiros e escoteiros com o uso de *mangueiras*. Esse novo artefato era um sinais do progresso e das novas tecnologias que aos poucos tomam conta do dia a dia dos moradores da cidade.

“ A um canto das portas de Mascotte vimos o Arsênio olhando interessado para as columnas dagua que erguiam arcos de triumpho e braços protectores sobre o prédio em chamma. Lembrava-se elle por certo d’outros tempos em que a bomba da Mac-Hardy, governada a muque e cheia aos baldes, era a única que existia na cidade.

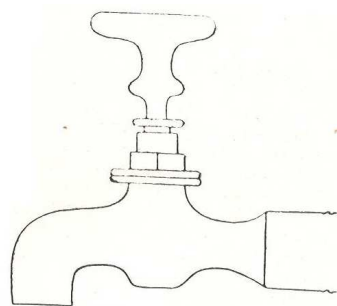
E dizem que Campinas não progride! – Vimel”

As mudanças iniciadas nos final do século XIX como as instalações de chafarizes, e depois da água encanada se estabelecem neste começo do século XX e nos impressos que circulam pela cidade encontramos sinais das profissões que surgem a partir das necessidades dos campineiros diante de seus novos aparatos como, por exemplo, a torneira.

Em “O Ferrão” – Órgão Crítico, Humorístico, Noticioso e de Combate na edição de nº. 100 de 1920 têm em sua seção de anúncios a chamada de um encanador.

“Concerta-se cisternas e torneiras a todo o preço. Serviço garantido. Trata-se e aceita-se chamados na redação desta folha.”

Com o crescimento da cidade e o surgimento de novos bairros o abastecimento de água e a captação de esgotos revelaram-se incapazes de acompanhá-lo. Um serviço que chegou à área urbana em 1891 foi atender bairros como o da vila industrial, considerado distante, entre 1907 e 1910 somente.



Falta d'agua

As torneiras hoje em dia
Não tem quasi serventia,
A não ser para enfeitar.
Tem contornos de elegancia
E nos dão sempre abundancia
Não de agua... mas de ar.

O que exigia a utilização de equipamentos cada vez mais complexos para garantir a ampliação de um serviço que deveria ter condições de oferecer água potável e esgoto sanitário ao município. (PESSOA, 2004, P. 42-43)

Não passava impune o contraste entre as águas que corriam na rua e sua ausência nos canos. Veículos de imprensa satirizam esta falta de água com charges.

Na revista “A Ronda” uma publicação quinzenal de Literatura, Arte e Humorismo, de 1914, uma sátira a problemática sobre a falta de água na cidade.

Figura 19 - Falta de água em Campinas. Revista “A Ronda”. Anno I. Nº. 1. Campinas, 3 de Maio de 1914. Centro de Memória da Unicamp.

Dez anos depois a revista “A Onda” também apresenta em charge a falta da água.

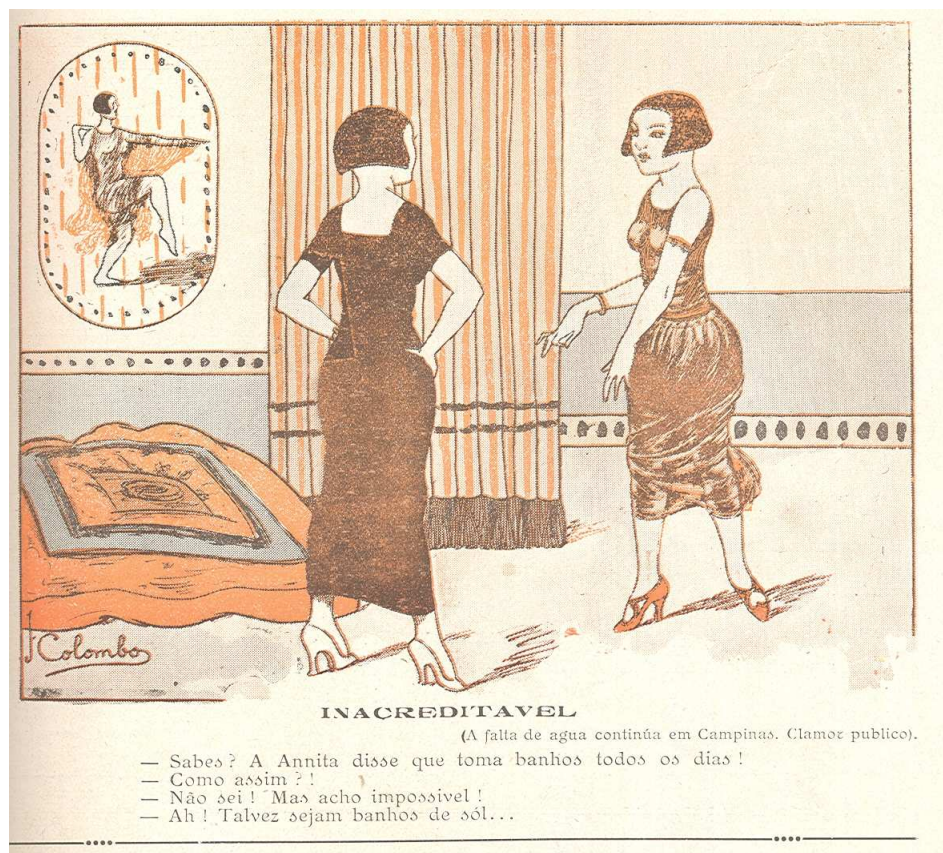


Figura 20 - A falta de água na cidade de Campinas. Revista A Onda. Anno 4. Nº. 67. Campinas, 1 Maio de 1924. Centro de memória da Unicamp.

A ineficiência da Companhia Campineira de água e Esgotos levou-a a ser incorporada ao município em 1923 e transformada em Repartição de Águas e Esgotos de Campinas em 1924. Em 1934 o órgão foi ampliado e recriado como Diretoria de águas e Esgotos de Campinas. Entra em cena o Rio Atibaia, de onde as águas seriam captadas a partir de então.

Neste mesmo período, a ciência imiscui-se na vida cotidiana, transforma discursos e práticas, materializa prescrições e dos corpos à água, deseja esquadrihar, devassar e assim, criar padrões de qualidade e aceitabilidade para seus usos.

Construindo um imaginário em relação ao funcionamento do corpo como traz Sant’Anna (1993, P. 253):

elixires para acelerar o processo de digestão dos alimentos, estâncias balneárias e águas medicinais para limpar o organismo, desobstruir os canais de circulação dos fluxos, facilitando o aumento da produção de energia, exercícios para majorar o vigor dos corpos, atenção extrema a saúde dos pulmões, esse centro de combustão do corpo, tal qual ele é entendido nesta era da termodinâmica.

A água que trazem os anúncios publicitários da época é um bom exemplo desta exploração que vai além do visível, e é capaz de limpar o organismo⁶⁰. Na revista “A Onda” foram encontrados inúmeros anúncios sobre manipulações farmacêuticas de xaropes com alcoolatos, ou elixires para os mais variados problemas, como também, anúncios sobre águas “radio-activas”.

AGUA RADIO-ACTIVA
(FONTE SONIA)
— DA —
Fazenda CACHOEIRA, de Orozimbo Maia VALLINHOS

Analysada pelos chimicos Srs. Adelino Leal, H. Potel e Paulo de Andrade, cujo exame mostrava ser ella **fortemente radio-activa** e cujos indices de radioactividade são:

RESULTADOS POR 10 LITROS:

AGUA {	0.3680 microcuries	GAZES {	0.3428 microcuries
	0.3312 miligrammas minutos		0.3083 miligrammas minutos
	3.3312 U. E.		3.083 U. E.

Recommendada pelos clinicos campineiros como efficaz nas molestias do estomago, figado, rins e bexiga. Sendo grandemente diurectica é tambem muito efficaz nas molestias arthriticas.

Acha-se a venda no **Deposito á Rua Barão de Jaguará n. 7**, telephone, 129; na Casa Inglesa, Rua Barão de Jaguará n. 50; Pharmacia Souza Santos, Rua Barão de Jaguará n. 65 e Casa Mondego, Rua da Conceição n. 63.

ENTREGAS A DOMICILIO

Figura 21 - Água radio-Activa da Fazenda Fonte Sonia. Revista A Onda. Anno I. No. 11. Campinas, 16 de Outubro de 1921. Centro de Memória da Unicamp.

⁶⁰ Ver a respeito extenso estudo feito por Manuela HASSE acerca dos usos da água em Portugal na passagem do século XIX para o XX, estudo no qual apresenta sofisticada análise e seletivo conjunto de fontes documentais que dão conta dos percursos da água na educação corpo e na vida das cidades. HASSE, Manuela. O divertimento do corpo: corpo, lazer e desporto na transição do século XIX para o século XX em Portugal. Lisboa: Editora Temática, 1999, especialmente capítulo IV.

Somos capazes de distinguir diferentes águas através de características perceptíveis aos sentidos. Por exemplo, de dizer que uma determinada água tem um odor que outra não tem, ou que uma água é mais escura que outra, ou que duas águas tem sabores diferentes. Porém a análise sensorial é subjetiva e limitada e essas características são difíceis de quantificar. Com o desenvolvimento científico, especialmente da física e da química, várias propriedades (químicas e físicas) da água passaram a ser conhecidas e quantificadas de forma mais precisa. A quantificação desses parâmetros passou a ser usada para diferenciar as águas e principalmente para qualificá-las.

Os donos das fontes anunciadas valem-se destas análises científicas para fazer propaganda e vender esta água que é considerada, a partir de uma análise físico-química, de melhor qualidade que as outras.

Para que estas análises sejam aprovadas um profissional especializado é requisitado a ir ao local da fonte e colher uma “*amostra*” da água, de onde sairão os resultados que tem a capacidade de dar especificidade àquela água. Nos três primeiros anúncios trazidos aqui as análises das fontes foram feitas pelos mesmos profissionais e em cada um deles aparecem seus nomes como forma de comprovar a veracidade do feito. Como, por exemplo, no próximo anúncio, da fazenda Santa Margarida, onde aparece logo abaixo das descrições dos resultados por litro a seguinte frase: “*Esta analyse foi feita pelos chimicos Adelino Leal, Paulo de Andrade e H. Potel e está por elles assignada.*”

Localizadas nos arredores de Campinas e na própria cidade, as propriedades onde existiam estas fontes na medida em que são analisadas se tornam mais valiosas. Atestadas as características de suas águas, até então desconhecidas, são diferenciadas de outras fontes que não passaram por este processo.

A água que sai dessas fontes adquire novos valores que vão além do de matar a sede, determina-se que são as mais apropriadas ao uso de quem quer, também, prevenir-se dos mais variados males existentes. É possível pensar com isso que esta água passa a ter um tratamento diferenciado desde sua coleta na fonte até sua chegada nos locais onde serão armazenadas para venda.

Essa água, com suas propriedades físico-químicas quantificadas e qualificadas, passa a ser um líquido a ser consumido, portanto se transforma em mercadoria. Vendida em garrafas e garrafões tem o seu uso restringido à quantidade existente nestes recipientes. Podiam

ser compradas em vários endereços citados nos anúncios, em uma farmácia, ou ser entregue no endereço do requisitante. Tê-la diariamente em suas refeições como é recomendado em alguns de seus anúncios significa também se educar para o consumo.

AGUA RADIOACTIVA

Da FAZENDA SANTA MARGARIDA

Estação de Joaquim Egydio (Município de Campinas) Propriedade de João Ormenese

Diurética e recomendada aos arthriticos pela sua efficacia nas molestias dos rins, do estomago e dos intestinos

Saborosa e levissima — Comprovada pela Analyse N. 1286 em 6 de Agosto de 1921

Fonte SANTA MARGARIDA — Estação de Joaquim Egydio — Município de Campinas

(Cor annilada — cheiro nenhum — reacção neutra — Temperatura da AGUA 220 c. Temperatura do ar 250 c. A agua da FONTE SANTA MARGARIDA contém em 100 litros a 00 c. e 760 nun.

AZOTO, GAZES, DO AR E EMANAÇÃO	1782	c. c.
GAZ CARBONICO	334	c. c.
OXIGENIO	276	c. c.

2392

ANALYSE DO RESIDUO MINERAL — 100 litros de agua contém 7,850 gr. de residuo secco a 1200 c.

Este residuo é composto de :

Anhydrido silico	4 g 160	Oxydo de potassio (K 20)	0,690
Sulphato de baryo e acido titanico	0,250	Anhadrydo sulphurico	0,412
Oxidos de ferro e de aluminio	0,120	Chloro (dos chloretos)	0,170
» de calcio	0,740	Ahydrido azotico	0,760
» de magnesio	0,178	Ammoniaco salino	0,0001
» sodio (Na. 20)	0,952		

RESULTADO POR 10 LITROS

AGUA { 0,0285 microcuries 0,02565 milligramma minutos 0,2565 U. E.	GAZES { 0,02622 microcuries 0,02359 milligrammas minutos 0,2359 U. E.
---	--

(Esta analyse foi feita pelos chimicos Adelino Leal, Paulo de Andrade e H. Potel e está por elles assignada)

A melhor das aguas radioactivas conhecidas até hoje, para combater as molestias do Estomago, Fígado, Rins, Intestinos, Bexiga e ontras mais

ENTREGAS A DOMICILIO PELA CASA FONSECA & COMP.

Rua General Osorio 174 (Esq. da rua J. Paulino) Telep 68 — CAMPINAS

Figura 22 – Água radioactiva da Fazenda Santa Margarida. Revista a Onda. Anno I. Nº16. Campinas, 25 de Dezembro de 1921. Centro de Memória da Unicamp.

Em outros tipos de impressos, além da revista *A Onda*, também são divulgados os benefícios do hábito de beber desta água. Já se sabe de suas propriedades físicas, basta agora não deixar que caísse no esquecimento o seu consumo.

Em o “O Ferrão” – Órgão Crítico, Humorístico, Noticioso e de Combate⁶¹ de 1928, é exibido este anúncio de água.

⁶¹ “O Ferrão”, Orgão Crítico, Humorístico, Noticioso e de Combate. O Centro de Memória da Unicamp possui cinco exemplares deste periódico: Campinas, 11 de Janeiro de 1920. Nº. 100/ Campinas, 14 de Junho de 1925. Nº. 349/Campinas 30 de Dezembro 1927. Nº. 455/Campinas, 30 de Dezembro de 1928. Nº. 509 (aqui citado)/Campinas, 1 de Janeiro de 1930. Nº. 552.

“ Água natural/ Mineral Pugativa “SILA”.

Milagrosa para os rins, fígado, etc.

ENERGICA E EFFICAZ

Attestados dos melhores médicos estrangeiros e nacionaes.

Dep. PHARMACIA E DROGARIA ITALIANA.

Rua 13 de maio 68-70.”

Também na “Folha do Commercio” - Orgão dedicado aos interesses do Comércio, agora em 1934, encontra-se um anúncio de águas vindas da Fonte São Paulo⁶².

“ É a melhor – Prefiram-n’a nas suas refeições. Entrega a domicilio. Preço de

assignatura: \$500 cada garrafão. Rossi & Borghi.

Rua Campos Sales, esquina com Regente feijó.

Telephone, 2067.”

Os novos ritmos impostos à cidade que se moderniza também são desejados nos corpos que por ela circulam. A energia física dos corpos pode ser potencializada e levá-lo a produzir mais, com maior rapidez e eficiência.

No discurso sobre a formação dos indivíduos a preocupação com o corpo se mostra presente. Bem estar corporal e boa aparência adquiridos através do exercício físico, reforçam valores morais de ordem, progresso, desenvolvimento e civilidade.

Diante desta perspectiva estratégias de uma “educação corporal” que permita um autocontrole e que conduza ao corpo saudável é cada vez mais necessária para a vida urbana.

⁶² O Centro de Memória da Unicamp possui um exemplar deste periódico. Folha do Comércio”- Orgão dedicado aos interesses do Commercio”. Campinas, 16 de Setembro de 1934. ANNO I. Nº. 1.

Sevcenko⁶³ em seu livro *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*, apresenta uma cidade que incorpora em seu cotidiano inúmeras atividades que intensificam a vida pública, coletiva como os esportes, a dança, passeios e corridas de barco, parques de diversões, corridas das mais diversas, cinema, entre tantas outras práticas que intensificam este “estado de ânimo” frenético dos corpos e da cidade.

Campinas acompanha e deseja para si o que acontece em São Paulo. Não por acaso que em 1910 é noticiado em jornal o desejo de alguns ilustres campineiros de criar na cidade um Clube de Regatas e Natação, figurando entre seus idealizadores pessoas ligadas ao movimento republicano e aos ideais progressistas. Como também, ser o primeiro presidente do Clube, em 1918, o Dr. Joaquim Álvaro de Souza Camargo, um dos fundadores do Centro de Ciências, Letras e Artes em 1901 que entre seus objetivos tem como prioridade divulgar a ciência moderna.

Um grupo de pessoas ligadas ao movimento político da época e aos discursos voltados ao combate a decadência nacional e a degenerescência da raça, que encontra no discurso médico/científico respaldo para suas “salutares” práticas corporais aquáticas. Que desejam participar da construção de uma Campinas moderna. De corpos que possam ser considerados modelos como os que vemos na imagem que segue.

⁶³ Sevcenko. N. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo. Companhia das Letras. 1992. Pág. 33.



Figura 23 - Clube Campineiro de Regatas e Natação. Campinas, SP, [192_?]. Centro de Memória – Unicamp.

DO RIO À PISCINA: NOVAS SENSIBILIDADES

A partir de 1927 o Clube Campineiro de Regatas e Natação passou a ter, também, uma sede na área urbana da cidade. Contava com uma sala para reuniões e uma secretaria para atender os associados. Em 1930 essa sede foi transferida para a Rua Cezar Bierrenback e passou a funcionar ali o Grêmio Clube Campineiro de Regatas e Natação com objetivo de oferecer bailes, jogos de tabuleiro como xadrez e dama e fazer organização de torcidas⁶⁴.

Porém o Clube não parava de crescer e urgia por uma praça de esporte. Em 1931 uma nova fase se inicia para o Clube através do aluguel de um terreno à Rua Coronel Quirino, esquina com Barreto Leme onde foi construída uma área para atletismo, quadras para voleibol e basquetebol (na época bola-ao-cesto), e à medida que o clube crescia, mais quadras para os diferentes esportes eram feitas.

Nesta praça algumas normas foram criadas e cumpridas com rigor, como por exemplo, horários exclusivos para as “*senhoritas*”, as terças e quintas-feiras das 06:00 às 10:00h.

Neste mesmo período as práticas esportivas ganham um importante apoio do recém criado Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo, criado em 1931 pelo Médico Arthur Neiva. Segundo Dalben (2009, p. 100) desde as justificativas para a criação do departamento no decreto nº. 4.855/1931 ao esporte são conferidos fins eugênicos, higiênicos, morais e patrióticos. Ele é tido como uma forma de combater os males da degenerescência física e moral da época, entre elas o alcoolismo, a tuberculose, a sífilis, a pobreza, a ignorância, a criminalidade, tratadas pelo pensamento higienista e eugenista como doenças de mesma ordem. (Rago, 1985, p.133 In: Dalben 2009, p. 100)

Coloca ainda que além de estabelecer relações entre o esporte e a regeneração da raça, o Departamento tomava como de sua responsabilidade organizar, fiscalizar, incentivar e

⁶⁴ PALOMBO, Darci Maria Pascoal. Clube Campineiro de Regatas e Natação – Oitenta e dois anos de História, Oitenta e dois anos de Glórias. Impresso pelo Clube na Bandeirantes Indústria Gráfica. 2000. Pág. 83.

registrar a prática esportiva no Estado. Uma das medidas tomada foi o recenseamento dos clubes e associações esportivas no Estado, o que após algumas negociações incluiu o esporte clubístico na administração de São Paulo. Esta medida deu ao Departamento em questão o direito de regular o esporte neste estado estabelecendo também as normas para sua prática.

Para Dalben (2009, p. 103):

Ao regulamentar a prática esportiva, pretendia o Departamento de Educação Física combater o esporte popular, o da desmedida, do abuso, das apostas, da várzea e das colunas policiais e incentivar o esporte dos clubes. Ao organizar e fiscalizar os esportes clubísticos, o Departamento de Educação Física conferia um status de oficial a essa prática, desqualificando as demais. Sua ação tinha por objetivo orientar tanto a construção dos espaços esportivos, quanto implementar os fichamentos antropofisiológicos, conhecidos por “controle médico”, configurando formas específicas ao fenômeno esportivo dos clubes paulistas.

No Estatuto Social, Capítulo I – Da natureza e dos fins do Clube, o Esporte Clube Campineiro de Regatas e Natação aparece registrado sob nº. 13 no Departamento de Educação Física e Esportes do Estado de São Paulo. Cabe destacar então que, aparentemente seguindo as normas ditadas pelo Departamento, em 1933, o Clube adota a ficha antropométrica, como um exame obrigatório e gratuito aos sócios.

Em 1934, grande empreitada foi feita para conseguir por doação ou arrendamento um terreno de 11.900m² para a construção de uma praça de esportes definitiva. Entre os documentos para justificar o pedido do terreno continha também uma declaração assinada por todos os médicos da cidade atestando os benefícios que traria à mocidade campineira um estabelecimento com estes fins⁶⁵.

A proposta foi aceita e os anos que se seguiram foram de grandes construções para o Clube. Dentre elas a construção de uma piscina.

⁶⁵ PALOMBO, Darci Maria Pascoal. Clube Campineiro de Regatas e Natação – Oitenta e dois anos de História, Oitenta e dois anos de Glórias. Impresso pelo Clube na Bandeirantes Indústria Gráfica. 2000. Pág. 84.

A idéia de construir uma piscina nesta praça já vinha desde 1935/1936, mas foi a possibilidade de sediar os jogos regionais em 1939 na cidade que uniu numa parceria o Clube e a Prefeitura de Campinas tornando esta empreitada uma realidade.

Em reunião solene na qual se fizeram presentes as maiores autoridades da cidade e a diretoria do Clube, deu-se o lançamento da pedra fundamental para construção da piscina em sua sede urbana, na cidade de Campinas. Como noticia o jornal *A Defesa*, em reportagem sobre sua inauguração:

“Todos nós sabemos que é na educação physica que encontramos um dos fortes factores princípios para a formação de uma raça sã, forte e patriótica, está resumida numa phase: “Mens sana in corpore sano... Sendo assim, o Club Campineiro de Regatas e Natação, tendo a frente sua dedicada e incansavel directoria, num passo arrojado, mas confiante nos seus valores e apoiado pel estímulo que vem lhe dando a bemquista população campineira, lançou a sua pedra fundamental da piscina, na manhã radiosa do dia 5 de junho de 1938, selemnidade esta, realizada perante grande numero de pessoas destacando-se altas autoridades civis e militares, e pessoas de destaque. (A DEFESA. São Paulo. 10 de Novembro de 1939)

A piscina, construída de concreto e ferro, media 25 metros de comprimento, com profundidades que variavam de 1,80 a 3,50 metros. Sua largura era de 13,50 metros, com zona de competição apropriada para as provas de natação, saltos e pólo aquático. Possuía cordas suportadas por “ótimos esticadores” dividindo as raias, “uma formidável” torre para os saltos com alturas que variavam em até cinco metros, além de um quebra ondas feito de modo a facilitar a limpeza. A piscina tinha, ainda, um “*perfeito tratamento de água idêntico ao utilizado nos Estados Unidos*”.(A DEFESA, São Paulo, 10 de Novembro de 1939)

Tudo isso demonstra que a cidade tem um projeto de modernidade. Percebe-se aqui, um desejo de atingir o que havia de mais avançado tecnicamente e, assim, colocar Campinas em sintonia com novas sensibilidades e sociabilidades urbanas que tinham na da vida esportiva o seu grande objetivo e modelo.

A construção da piscina já foi um espetáculo em si. De proporções monumentais o que seus construtores desejam naquele momento é que esta fique na memória dos campineiros

como um feito que aproxima Campinas das outras grandes cidades modernas e que tem em seu espaço todas as possibilidades de desenvolver o esporte com seus fins eugênicos, higiênicos, morais e patrióticos.

Ao fundo as casas aparecem como testemunhas deste novo lugar da água, mas também como uma afirmação de que este novo lugar faz parte de um contexto maior ligado ao progresso da cidade.



Figura 24 - **1ª. Fase da piscina** - Fonte: PALOMBO, Darci Maria Pascoal. Clube Campineiro de Regatas e Natação – Oitenta e dois anos de História, Oitenta e dois anos de Glórias. Impresso pelo Clube na Bandeirantes Indústria Gráfica. 2000. Págs. 99,100.



2ª Fase



3ª Fase



4ª Fase



5ª Fase

Figura 25 - 2ª, 3ª, 4ª, e 5ª Fases da piscina - Fonte: PALOMBO, Darci Maria Pascoal. Clube Campineiro de Regatas e Natação – Oitenta e dois anos de História, Oitenta e dois anos de Glórias. Impresso pelo Clube na Bandeirantes Indústria Gráfica. 2000. Págs. 99,100.

Este novo espaço para água, a piscina, para funcionar deve seguir uma série de normas. Como um lugar fabricado para colocar água é a materialização do desejo de controlar o ambiente e os corpos que nela se materializam. Sua arquitetura interfere diretamente na educação do corpo, tanto quanto nos lugares onde são construídas.

Projetada pelo engenheiro Lix da Cunha, sua construção deveria seguir as normas colocadas pela Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública do Estado de São Paulo no decreto N°. 10.094 de 1929⁶⁶ em que:

Artigo 1º. – Nenhuma piscina poderá ser construída no Estado de São Paulo, sem a aprovação da Secção de Engenharia Sanitária do Departamento de Saúde do Estado e Registro do Departamento de Educação Física.

“Artigo 2º. – As piscinas ficarão sujeitas à fiscalização permanente:

A. pelo departamento de educação física no que concerne ao funcionamento e às condições relativas aos banhistas;

B. pela Secção de engenharia Sanitária do departamento de Saúde no que respeita às instalações e à análise das águas.

Este regulamento segue, determinando como deve ser sua construção, as propriedades físicas, químicas e bacteriológicas da água, o seu registro de funcionamento e as penalidades aos banhistas e às entidades que não cumprirem o regulamento.

Sua existência é, portanto, resultado da estreita relação entre técnica e ciência, entre artefatos e tecnologia. Sua finalidade é sempre aquela de “aprimorar” este “lugar da água” seja para o uso de atletas de elite ou para desenvolver modernos parques aquáticos.

Os utensílios e materiais utilizados em sua manutenção somados aos produtos químicos adicionados a água certificam o controle de sua temperatura, odor, transparência, entre outras características. Certificam também a padronização dos gestos através dos nados e, finalmente, sua reprodutibilidade.

⁶⁶ Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública do Estado de São Paulo. Regulamento a que se refere o Decreto N. 10.094 de 4 de Abril de 1929. Executivo. Publicado em 5 de Abril de 1939.

Todos que tem visitado a magnífica piscina do Club Campineiro de Regatas e Natação, na época de experiencia de água, tem tido optima impressão dos innumerous “itens” da mesma... (A DEFESA . São Paulo. 10 de Novembro de 1939)

Na solenidade de inauguração estavam autoridades, famílias, esportistas e a presença das 32 cidades do interior que participaram do IV Campeonato Aberto do Interior, realizado em Campinas. No Clube Campineiro de Regatas e Natação situado na área urbana da cidade, foram realizadas as provas de natação, saltos e pedestrianismo.

Mais uma vez os indivíduos freqüentadores do Clube Campineiro de Regatas e Natação passam por mais um processo de mudanças em sua sensibilidade que devem se educar a este novo espaço que difere do rio.

A primeira grande mudança está no fato de ser este um espaço limitado, com comprimento e profundidade definidos e que não vão mudar com as intempéries da natureza, como também não há correnteza para carregar os corpos.

As práticas corporais aquáticas desenvolvidas no Rio Atibaia não são transferidas para este ambiente. O remo e salto do trampolim perdem espaço para a natação, que passa a ser a mais praticada. Neste espaço limitado várias práticas corporais não podem mais ser feitas ao mesmo tempo. O remo é um esporte de rios e mares e os saltos do trampolim necessitam, para sua execução, que a piscina esteja disponível, ou seja, sem seus habituais freqüentadores para não acontecer acidentes.

Este espaço limitado é revestido por azulejos que contribuem para a impressão de limpidez da água, nitidez que possibilita prever as profundidades e “ver” o que está no caminho, mesmo que com a cabeça dentro da água. Evidente, isso não ocorria no rio, um rio de águas turvas.

As sensações táteis são muito diferentes, no rio pisa-se no fundo lamacento, inconstante, toca-se em pedras, gravetos ou mesmo árvores inteiras, e quem sabe pode-se, ainda, também roçar em um peixe. Na piscina as sensações táteis são limitadas ao revestimento homogêneo, talvez monótono, a que é exposto o indivíduo.

O cheiro dos produtos químicos colocados na água reforça seu estatuto de limpeza e de atesta a apropriação de seu uso. Cabe ao corpo agora se adequar a este ambiente asséptico,

sendo obrigado a seguir várias regras para poder estar nesta água e, dentre elas, submeter-se a rigoroso exame médico para verificar se o corpo está ou não qualificado para entrar na piscina. Não se deve esquecer, ainda, da necessidade da ducha antes do primeiro mergulho.

Em texto para a Revista Viver de 1939, um autor denominado “A. E” colabora escrevendo um artigo cujo título é – “As piscinas como foco de infecção” – que inicia assim:

Quem vai a uma piscina, portanto, precisa, antes de mais nada, estar limpo de corpo. Toma-se banho na banheira ou no chuveiro. Nada-se na piscina.

[...] o nadador é também um elemento de poluição [...] (REVISTA VIVER..São Paulo. Ano I. Jul/Agol. 1939)

Com uma escrita que sugere ser a de um médico, é descrita e ressaltada a importância de incorporar a idéia de que uma piscina não é um local para banhos, mas sim, para a prática de um “*esporte*”. De que o corpo deve ser lavado, e bem lavado, com água e sabão para a retirada de possíveis agentes promotores de infecções.

Com tom alarmante segue apontando pesquisas realizadas no exterior por volta de 1921 que trazem como resultado as inúmeras infecções nos ouvidos, garganta e intestinos que foram adquiridas em piscinas cujo rigor era pequeno quanto à obrigação do banho antes de usá-las. O que demonstra como águas e corpos devem passar por rigorosos controles para estar neste metro quadrado denominado piscina, um ambiente vigiado e controlado.

Interessante é observar que mesmo com todas as restrições colocadas para os usos da piscina, a maior parte das pessoas que se deslocava até Sousas para se refrescar nas águas do rio, opta pela “praticidade” da piscina construída na cidade. E a água que corre no rio, que ora salta em cachoeiras, ora plana em belíssimas lagoas, percorrendo pacientemente seu caminho, se destina cada vez mais à contemplação.

Á medida que deixamos de ter contato com ele, o rio, rumamos ao que Walter Benjamin⁶⁷ chama de pobreza de experiência. As transparências das casas de vidro se transportam aqui para a transparência da água da piscina. A experiência do novo, obscuro, incerto nos é subtraída. Há cada vez menos o que transmitir ao outro. Gestualidades são determinadas e os vínculos estabelecidos entre corpos e água se tornam cada vez mais conduzidos.

⁶⁷ Este texto pode ser encontrado em: Benjamin, Walter. Experiência e pobreza. In: Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo, Brasiliense. 1985.

Sant'Anna (2000, p. 79) ao discutir a afirmação de Foucault sobre o trabalho do pensamento⁶⁸ aponta pelo menos duas definições sobre o ato de pensar:

Pensar é um ato de interpretar e de questionar a realidade, especialmente quando esta se mostra sólida e habitual. Ao mesmo tempo, sob a ótica de uma perspectiva histórica, apoiada no pressuposto de que não há idade de ouro do saber ou da civilização, pensar implica tornar problemáticos costumes, sensibilidades e verdades características do presente, para investigar como foi possível a sua invenção e quais condições históricas gestaram o seu desenvolvimento. Pensar provoca, portanto, incômodos, destabilizações, dúvidas.

Partindo desta idéia, de que o trabalho do pensamento pode ser um exercício de confronto com a realidade, e sob a ótica de uma perspectiva histórica, a *desnaturalização* das coisas nos permite uma releitura do nosso presente. Portanto, refletir sobre uma situação que nos parece comum, corriqueira, buscando através da história conhecer o porque uma situação nos é colocada de tal maneira, nos subtrai do senso comum.

Diante disto, ao emergir desta pesquisa volto meus olhos a ela e vejo um Clube que a partir de sua constituição traz para aqueles que o freqüentam novas possibilidades de se relacionar com a água. Ainda que nem todos participem diretamente desta novidade, um imaginário é construído pelos campineiros a partir do que a mídia impressa e seus sócios retratam e relatam sobre ele.

Um Clube que busca contribuir para a construção de uma nação forte e saudável, acatando os preceitos eugênicos e higiênicos da época em que foi criado. Que tem como fundadores indivíduos ligados à política local e brasileira, educadores e profissionais liberais como médicos e advogados. Que vê o esporte como uma boa maneira de educar o corpo rumo ao

1. “ O trabalho do pensamento não é denunciar o mal que habita secretamente tudo que existe, mas pressentir o perigo que ameaça tudo o que é habitual, tornar problemático tudo o que é sólido” Entrevista com Michel Foucault, em Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. Michel Foucault, um parcours philosophique, Paris, Gallimard, 1984. pp.325-326.

processo civilizador que a cidade almeja, e cria com isso novos espaços de interação social, de comportamentos, mas, sobretudo, de um ideário em que o próprio corpo é senhor das ações.

Esse momento marca o início de mudanças de sensibilidade em relação à água e à natureza para aqueles que freqüentavam este local. Podemos pensar em um primeiro movimento de regulamentação e padronização das atividades corporais em ambiente aquático na cidade, o que vai determinar como serão estas novas relações. O Rio Atibaia passa a ser palco dessas transformações, nele e com ele novas formas de dominar o corpo e a água são aprendidas e apreendidas. O treinamento corporal surge como uma forma de aperfeiçoá-las.

Este espaço escolhido passa por várias mudanças ao ser racionalizado para se adequar às práticas corporais aquáticas escolhidas e para se tornar um ambiente de sociabilidade, um ambiente que oportuniza de maneira singular, o fomento de novos hábitos entre os que o freqüentavam.

É possível dizer de um espaço de educação do corpo, onde novas formas de se relacionar com a água são estabelecidas, de normas que definem os usos dos trajes de banho e os trajes de passeio, bem como, de delimitações antes inexistentes de locais para a natação, o remo e o salto do trampolim. Parece ser este um espaço que possui, também, um importante papel de difundir novas práticas sociais que serão refletidas na vida da cidade.

A presença da água se torna um importante diferencial tanto para quem pratica as atividades propostas ali como para quem testemunha os espetáculos das regatas, das provas de natação ou dos saltos do trampolim.

Um conjunto de regras propõe regular o uso do espaço e a circulação de quem está nele. Um espaço de educação do corpo e de domesticação da água, se pensarmos nos cochos construídos, nos barrancos recortados, nas pedras demolidas para que ela, a água, seja dominada para o uso dos que estão ali.

Um processo que não é novidade, pois desde as origens de Campinas, águas e corpos dividem um espaço que é constantemente modificado para se adequar às necessidades de uma cidade em crescimento. É necessária à *ordem* para que se chegue ao progresso, o que leva a uma especial atenção à concentração de corpos, para que sua aglomeração não se torne um problema.

Pela cidade, dirigentes políticos, entre eles médicos, engenheiros, mas também, a elite formada pelos barões do café e pelos burgueses emergentes tecem formas de controle.

O espaço é reorganizado constantemente na busca por padrões que facilitem o controle e inspirem os desejos deste grupo. A água que aos poucos é enquadrada em reservatórios, distribuída por canos e controlada por torneiras conduz a novos hábitos e formas de lidar com ela. O Código de Posturas somado a outros códigos não formais, se incubem dos controles.

No entanto esse processo não se dá sem resistência. A água brota do chão, forma charcos, promove enxurradas, rompe canos, transborda dos reservatórios, seca e some das torneiras, transgride seus lugares postos.

Os corpos, e não só os humanos, se ajuntam, provocam confusão, festejam, cantam, dançam, fazem arruaça, vagueiam pelas ruas, desorganizam os espaços e promovem outras formas de ser e estar neles. O que faz com que a relação do corpo com a água seja sempre um processo dinâmico.

O que acontece também com o Clube Campineiro de Regatas e Natação, em que, rio e corpos resistem. O Rio Atibaia define seu curso, seu fluxo e não se deixa controlar. Os corpos, ainda que a eles sejam impostas regras, estes se inventam e reinventam em sua relação com a água e aquele espaço. O que conduz seus dirigentes a buscar outros lugares para a construção e continuação do clube, a “cidade”, e manter o clube às margens do Rio Atibaia como um Clube de Campo.

Quando o Clube Campineiro de Regatas e Natação constrói a sede esportiva na área urbana da cidade e com ela a piscina, ao corpo e a água é dado um novo lugar, ou, em outras palavras, novos lugares de interação social são desenhados. Essa nova arquitetura voltada para as práticas corporais, entre elas as aquáticas, determina uma forma de educação do corpo na medida em que determina o que pode ou não ser praticado ali e como pode ser praticado.

O processo foi diferente na construção da Praça de esporte em 1934, onde está localizada a piscina. Uma construção planejada, de “prancheta”, o que possibilita antecipar, prever ou, ainda, conduzir os movimentos dos que neste local circularão, de criar o ambiente no qual o corpo estará presente. Parece não haver dúvida de que a educação dos corpos está sujeita aos usos do espaço, ao que ele oferece.

A água tratada de forma diferente adquire novo status, o que leva a diferenciar os corpos que podem ou não estar nela. Exames para qualificá-los são feitos. Regras determinam os movimentos corporais aceitáveis ou não neste espaço. Se o trampolim construído no rio não

era para todos, na piscina é menos ainda, pois um espaço formatado limita também a possibilidade de várias práticas ao mesmo tempo.

Com uma comunicação não verbal esse novo espaço arquitetônico conduz e educa os corpos que nele circulam. As práticas corporais e os movimentos se limitam ao que o espaço oferece. Sua previsibilidade garante o desenvolvimento das técnicas dos estilos de nado. “Rotinas que ao se repetirem, constroem modelos de indivíduos.” (SOARES, ZARANKIN, 2004, p. 28)

O que nos leva a pensar que nossas escolhas não são inocentes e que nossas relações são permeadas por discursos que imprimem no corpo, e na materialidade que o envolvem, formas de estar no mundo. Que nos pede um exame mais atento quando, por exemplo, ao buscarmos uma prática corporal aquática nos deparamos, na maioria das vezes, com uma piscina dentro de uma academia. Pois, a forma como iremos nos relacionar com a água está diretamente relacionada ao que existe hoje para este contato e o que poderemos criar como possibilidades para esta relação, estejam estas voltadas para uma prática corporal aquática, ou para o cotidiano.

1 – Arquivos Consultados:

Arquivo Edgard Leuenroth da UNICAMP,
Biblioteca da Escola de Educação Física e Esporte da USP,
Biblioteca da Faculdade de Educação Física da UNICAMP,
Centro de Memória da Universidade de Campinas,
Centro de Ciência, Letras e Artes de Campinas,
Centro Pró-memória Hans Nobiling – Esporte Clube Pinheiros. São Paulo,
Museu de Imagem e Som de Campinas.

2 – Referencias específicas:

A. DEFESA Club Campineiro de Regatas e Natação: inauguração de sua piscina. São Paulo. 10 de Novembro de 1939.

A.E. A piscina como foco de infecção. Revista viver. São Paulo. Ano I. N°13, Jul/Agol. 1939. Arquivo Edgard Leuenroth da UNICAMP.

AMARAL, Leopoldo (org). A Cidade de Campinas em 1900. Campinas, Typ. a Vap. Livro Azul. 1900. Centro de Memória Unicamp.

AZEVEDO, A. Vicente. A natação e a Higiene – do nariz e dos ouvidos. Revista viver. São Paulo. Ano I. Jun/Jul. 1939. Arquivo Edgard Leuenroth da UNICAMP.

BELISARIO, Penna. Pequenos cuidados higiênicos. Revista do Brasil. Publicação mensal. São Paulo. N°. 33. Anno III. Volume IX. Setembro de 1918.

BOLETIM DO CENTRO DE MEMÓRIA – Unicamp. Campinas, Vol.7,n°. 13,jan/jun de 1995. Centro de Memória da Unicamp.

CORREIO POPULAR. “Tio Quim”. Campinas, [s.d]. Centro de Memória Unicamp.

DUARTE, Rafael. Campinas de Outrora. São Paulo, Typographia Andrade e Melo, 1905. Centro de Memória Unicamp.

ESTADO DE SÃO PAULO, O Joaquim Álvaro de Souza Camargo. 30 de Novembro de 1952. Pasta Personalidades. Centro de Memória Unicamp.

FERRÃO, O. *Orgão Crítico, Humorístico, Noticioso e de Combate*. Nº. 100 - Campinas, 11 de Janeiro de 1920. Nº. 509 - Campinas, 30 de Dezembro de 1928. Centro de Memória da Unicamp.

FERREIRA, Carlos e SILVA, Hypolito da (org.). *Almanach Popular de Campinas para o ano de 1879*. Campinas, Typographia da Gazeta de Campinas, s./d. Centro de Memória da Unicamp.

FOLHA DO COMÉRCIO- *Orgão dedicado aos interesses do Commercio*”. ANNO I. Nº. 1. Campinas, 16 de Setembro de 1934. Centro de Memória da Unicamp.

HEMEROTECA JOÃO FALCHI TRINCA. Seção de Obras raras. Pasta: Personalidades. Título Índice: Villagelin Jr, José. Centro de Memória da Unicamp.

JORNAL DO CLUBE CAMPINEIRO DE REGATAS E NATAÇÃO – *Órgão do Clube Campineiro de Regatas e Natação*. Anno III, Nº. 07. Campinas 30 de Novembro de 1934.

JUVENTUDE, A – *Órgão da mocidade de Campinas*. Anno I. Nº. 10. Campinas, 2 de Setembro de 1923. Centro de Memória da Unicamp.

KEHL, Renato. *Que é Eugénia ?*. Revista do Brasil. Anno III. Nº. 35. Vol. IV. Novembro de 1918. Centro Campinense de Ciência, Letras e Artes.

MENDES, José de Castros. *A Onda*. Correio Popular, Campinas, 25 de Dezembro de 1968. Centro de Memória da Unicamp.

MENDES, José de Castro. “*História de Campinas*”. Suplemento Ilustrado do Correio Popular, 1968-70. Biblioteca do centro de Ciências letras e Artes de Campinas.

ÓRGÃO DO CLUBE CAMPINEIRO DE REGATAS E NATAÇÃO. Anno I. Nº. 07. Campinas, 30 de Novembro de 1934. Centro de Memória da Unicamp.

POSTURAS DA CÂMARA MUNICIPAL DA CIDADE DE CAMPINAS. 17 de Fevereiro de 1958. Centro de Memória da Unicamp. Pesquisado no Arquivo da Câmara Municipal de Campinas. Mailde Jerônimo Trípoli.

POSTURAS DA CÂMARA MUNICIPAL DA CIDADE DE CAMPINAS. 27 de Setembro de 1880. Centro de memória da Unicamp. Pesquisado no Arquivo da Câmara Municipal de Campinas por Mailde Jerônimo Trípoli.

REVISTA A ONDA – “*Secção Esportiva – Remo e Natação*”. Anno I, Nº. 4. Campinas, 26 de Junho de 1921. Centro de Memória da Unicamp.

REVISTA A ONDA. Anno I, Nº. 7. Campinas, 14 de Agosto de 1921. Centro de Memória da Unicamp.

REVISTA A ONDA. Anno III. No. 44. Campinas, 24 de Junho de 1923. Centro de Memória da Unicamp.

REVISTA “A RONDA”. Anno I. Nº. 1. Campinas, 3 de Maio de 1914. Centro de Memória da Unicamp.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Regulamento a que se refere o Decreto N. 10.094 de 4 de Abril de 1929. Executivo. Publicado em 5 de Abril de 1939.

SEQUEIRA, Francisco Simões. 1924: um ano crítico na vida do C.C.R.N., da abnegação de um grupo de esportistas, regateiros de coração, dependeu a existência do Clube. Diário do Povo, 10 de Jan. 1957. Centro de Memória da Unicamp.

SIMÓES, Ângelo. Tratamento da febre amarela pela água clorada. Rio de Janeiro. Bernard Freres. 1897. Centro de memória da Unicamp.

VILLAGELIN JR, José. Hemeroteca João Falchi Trinca. Seção de Obras raras. Pasta: Personalidades. Título Índice: Villagelin Jr, José. Centro de Memória da Unicamp.

3 - Referências bibliográficas gerais:

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS (ANA). A história do uso da água no Brasil – Do descobrimento ao século XX. Coordenador editorial - Dalvino Troccoli Franca: Gráfica e Editora Athalaia.. 2007.

AMARAL, Leopoldo (org). A Cidade de Campinas em 1900. Campinas: Typ. a Vap. Livro Azul, 1900. Centro de Memória Unicamp.

_____. Campinas: Recordações. São Paulo: Seção de Obras do Estado de São Paulo, 1927. Centro de Memória da Unicamp.

BADARÓ, Ricardo de Souza Campos. Campinas, o despontar da modernidade. Campinas, Unicamp. 1996.

BATTISTONI FILHO, Duílio. Aspectos Culturais da História de Campinas. Campinas: Mousinho, 1983.

BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BETTI, Mauro. Cultura corporal e cultura esportiva. Revista paulista de educação Física. São Paulo: Volume 7, No.2,1993. P. 44-51.

BOURDIEU, P. Programa para uma sociologia do esporte. In: Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. Como é possível ser esportivo? In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

- BRACHT, Valter. Sociologia crítica do esporte: uma introdução. Vitória: EFES. 1997.
- BRITO, Jolumá. História da Cidade de Campinas. Campinas: Saraiva. 1956 - 1969. Coleção do Centro de Memória da Unicamp com 26 volumes.
- _____, Jolumá. História do Clube Campineiro de Regatas e Natação na passagem de seu cinquentenário de fundação 1918 – 1968. 1968. Centro de Memória da Unicamp.
- BLOCH, Marck. Apologia da História ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BURKE, Peter. Testemunha ocular – História e Imagem. Bauru: Edusc, 2004.
- CACALO, Fernandes. Humor e futurismo na província. Revista M+ - Muito Mais informação da região metropolitana de Campinas. Ano 1 - Nº 2 - Campinas, Sexta-feira, 02 de abril de 2004. Disponível em: <http://www.mmais.com.br/materia.cfm/idedicao/3/tb/noticias/id/64> Acesso em: 14/02/2007 Horário: 20:39.
- CALVINO, Ítalo. As cidades Invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAMILLO, Ema E. R. Guia Histórico da Indústria Nascente em Campinas (1850-1887). Campinas: Mercado das Letras. 1998.
- CARPINTEIRO, Antonio Carlos Cabral. Momento de Ruptura: As Transformações no centro de Campinas na Década de Cinquenta. Campinas: Centro de Memória Unicamp, 1996.
- CORBIN, Alain. O segredo do Indivíduo. In: Michelle Perrot (Org.) História da vida Privada. Volume 4. São Paulo: Companhia das letras, 1997.
- _____, Alain. O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das letras, 1989.
- _____, Alain. Saberes e odores – O olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. São Paulo: Companhia das letras, 1987.
- DACOSTA, Lamartine (Org). Atlas do esporte no Brasil. Rio de Janeiro. Confef. 2006. Saltos Ornamentais. Fernando Teles Ribeiro, Alice Kohler, Giovani Casilo e Lana Peres. Disponível em: <http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/42.pdf> Acesso em: 03/04/2008.
- DALBEN, André. Educação do corpo e vida ao ar livre: natureza e educação física em São Paulo (1930 – 1950). Dissertação de Mestrado-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.
- ELIAS, Norbert.; DUNNING, Eric. A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1985.

_____, Norbert. O processo civilizador - formação do estado e civilização. Volume 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____, Norbert. O processo civilizador - uma história dos costumes. Volume 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FARIAS, Cláudia Maria de. Esporte e cidade: aspectos da formação dos clubes de regatas na belle époque carioca. In: XI Encontro Regional de História - ANPUH, 2004, Rio de Janeiro. Volume XI. P.. 2-224, 2004.

FRANCA, Dalvino Troccoli, (Coord. Editorial). A história do uso da água no Brasil-Do descobrimento ao século XX. Agência Nacional de Águas, 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. “ As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte”: Esporte, Eugenia e nacionalismo no Brasil do início do século XX. Revista de História do esporte. Volume 1, No. 1 . Junho de 2008.

_____. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. Revista Pensar a Prática, Volume 8, Nº. 1. 2005. Disponível em: <http://www.revista.ufg.br/index.php/fef/article/viewArticle/10> Acesso em: 27/05/2008.

GOMES, Eustáquio. Os rapazes d’A Onda e outros rapazes: modernismo, técnica e modernidade na província paulista, 1921-1925. Campinas: Pontes: Editora da Unicamp, 1992.

GOMES, Zuleika Godoy. Monografia Histórica e Sócio-Econômica do Distrito de Sousas. Campinas:De Autor, 2004.

HASSE, Manuela. A Pedra e a Água – O Desporto e o Estádio Nacional no processo de re-significação do espaço e da natureza, no Estado Novo. In: O Estádio Nacional – Um paradigma da arquitetura do desporto e do Lazer. Portugal: Câmara Municipal de Oeiras, 2005.

_____. O Divertimento do Corpo: Corpo, Lazer e Desporto, na transição do Século XIX para o Século XX, em Portugal. Lisboa: Editora Temática, 1999.

JORGE, Janes. O Rio que a cidade perdeu. – O Tiê e os moradores de São Paulo/ 1890 – 1940. Tese de doutorado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

LAPA, José Roberto do Amaral. A Cidade: Os Cantos e os Antros. Campinas 1860-1900. São Paulo: Edusp, 1996.

LENK, Maria. Braçadas e abraços: desde há cinquenta anos por amor aos desportos. Grupo Atlântica-Boa vista, 1982.

LUCENA, Ricardo F. O esporte na Cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2001.

MARTINS, José Pedro Soares. Campinas Século XX: 100 anos de história. Campinas: Rede Anhanguera de Comunicação, 2000.

_____. Campinas do Matto Grosso – Da febre amarela à cólera dos rios. Campinas, 1997.

MAUAD, Ana Maria. Sob o signo da imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX. Tese de Doutorado do Programa de pós Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1990.

MELO, Victor Andrade de. Cidade Sportiva – O turfe e o Remo no Rio de Janeiro (1849 – 1903). Rio de Janeiro. UGF (Universidade Gama Filho). Tese de doutorado, 1999.

_____. Esporte, Arte, Imagem, Cinema: Relações Originais. Rio de Janeiro, 2004.

Moura, Denise A. Soares de. Resenha o Livro: A Cidade: Os Cantos e os Antros. Campinas 1860-1900. Doutoranda pela Universidade de São Paulo. In: Revista brasileira de História. Volume 18, Nº. 35. São Paulo, 1998.

NETTO, A. Esporte libertador da mulher. Revista Educação Physica, No. 10. Pág. 23,24 e 92. Junho de 1933. In: GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. Revista Pensar a Prática, Volume 8, No. 1. 2005. Pág.03. Disponível em: <http://www.revista.ufg.br/index.php/fe/article/viewArticle/10> Acesso em: 20/08/2008 Horário: 22:32.

NICOLINI, Henrique. Tiête – O Rio do esporte. São Paulo: Phorte Editora, 2001.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de; VAZ, Alexandre Fernandez. Educação do corpo: teoria e história. Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, V. 22, p. 13-19, jul./dez. 2004. Número especial.

PALOMBO, Darci Maria Pascoal. Clube Campineiro de Regatas e Natação – Oitenta e dois anos de História, Oitenta e dois anos de Glórias. Campinas: Clube da Bandeirantes Indústria Gráfica, 2000.

PENTEADO, Fotógrafo Austero. Cenas e Personagens da Campinas do início do século XX. (Organização Sônia Aparecida Fardin e Soraya Zanforlin). SMCT (Secretaria Municipal de Cultura e Turismo) – MIS (Museu de Imagem e Som Campinas) – MUCI (Museu da Cidade). Campinas, 1998.

PESSOA, Ângelo Emílio da Silva (Org.) Conhecer Campinas numa perspectiva histórica. Campinas: Secretaria Municipal de Educação, 2004.

PUPO, Celso Maria de Mello. Campinas: Município do Império. São Paulo: Impoe, 1983. Centro de Memória da Unicamp.

_____. Campinas, seu Berço e Juventude. Campinas: Academia Campinense de Letras, 1969. Centro de Memória da Unicamp.

RIBEIRO, Suzana Barreto. Percursos do olhar na fotografia profissional e amadora Campinas (1900 – 1915). Tese de doutorado do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. O corpo na cidade das águas: São Paulo (1840-1910). Revista do programa de estudos de pós-graduados em história e do departamento de história PUC/SP. Projeto História, Corpo e Cultura. São Paulo, Nº.25/Dezembro/2002.

_____. São Paulo das Águas. Tese de Livre-Docência – Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP. São Paulo, 2004.

_____. Corpo, Ética e Cultura. In: BRUHNS, Heloisa T.; GUTIERREZ, L. Gustavo. (Org.). O corpo e o lúdico. Campinas: Autores Associados, 2000. Pág. 79-88.

_____. Corpo e História. In: Cadernos de Subjetividade do Programa de Estudos de pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. São Paulo. V1. Nº1. P. 243-266. 1993.

SANTOS, Antônio da Costa. Campinas das Origens ao Futuro: Compra e Venda de terra e água e um tombamento na primeira sesmária da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiá (1732 – 1992). Campinas: Editora Unicamp, 2002.

SANTOS, João Manuel Verde dos. O saneamento de Campinas e a modernização da cidade: A implementação dos sistemas de água e esgotos (1840-1923). Dissertação de Mestrado em Urbanismo do Centro de Ciências Exatas Ambientais e de Tecnologias da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 2004.

SANTOS, Jorge Artur dos, Os intelectuais e as críticas às práticas esportivas no Brasil (1890 - 1947). Dissertação de Mestrado. FFLCH - USP, 2000.

SEVCENKO, N. Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Ana Márcia. O corpo do Mundo: Reflexões acerca da expectativa de corpo na modernidade. Florianópolis, UFSC. Tese de Doutorado interdisciplinar em ciência humana. Santa catarina, 1999.

SILVA, Áurea Pereira da. Engenhos e fazendas de café em Campinas (século XVIII – XX). Anais do museu paulista. São Paulo. Vol.14. Nº. 1. Pág. 81-119. Jan/Junho 2006.

SILVA, Elmo. Rodrigues da. A água e a busca do controle sanitário no Brasil. In: O curso da água na história: simbologia, moralidade e gestão de recursos hídricos. Tese de doutorado da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz. Rio de janeiro, 1998.

SOARES, Carmen Lúcia. Pedagogias do corpo. Revista Labrys: estudos feministas. N. 4 agosto/dezembro 2003. Disponível em: <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys4/textos/car1.htm> Acesso em: 16/05/2007

_____. Corpo e História. Campinas: Autores Associados, 2004.

_____. (Org) Dossiê A Visibilidade do Corpo. Revista Pro-posições. V.14, N°.2 (41) – Mai/Ago. 2003.

_____. Imagens da Educação no Corpo. Campinas: Autores Associados, 1998.

_____, ZARANKIN, Andrés. Arquitetura e educação do corpo: notas indiciais. RUA: Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da UNICAMP – NUDECRI. Campinas. N. 10/ Março, 2004.

VIGARELLO, Georges. O limpo e o sujo. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. História das práticas de saúde – A saúde e a doença desde a idade média. Lisboa: Editorial Notícias, 2001.